

A FORMAÇÃO ÉTICA DOS ADOLESCENTES

ANDRÉIA DUTRA DE SOUZA

A FORMAÇÃO ÉTICA DOS ADOLESCENTES

ANDRÉIA DUTRA DE SOUZA

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos obtenção do título de Mestre em Educação

Área de Concentração: Praxis Pedagógicas e Gestão de Ambientes Educacionais

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Helena Farias Barros

370
S729f

Souza, Andréia Dutra.

A formação ética dos adolescentes / Andréia Dutra de Souza. – Presidente Prudente: [s.n.], 2007.

154 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP, 2007.

Bibliografia

1. Ética. 2. Adolescentes. 3. Educação -- Aspectos morais e éticos. I. Título.

ANDRÉIA DUTRA DE SOUZA

A FORMAÇÃO ÉTICA DOS ADOLESCENTES

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, __ de _____2007.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Helena Faria de Barros
Universidade do Oeste Paulista - Unoeste

Prof. Dr. Levino Bertan
Universidade do Oeste Paulista - Unoeste

Prof. Dr. Maria Peregrina de Fátima Rotta Furlanetti
Universidade Estadual Paulista – Campus

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe Cleideomar, que nunca mediu esforços e esteve sempre presente em todos os momentos desde minha alfabetização até a realização deste trabalho. A minha irmã Adriana, pelo carinho e confiança e pelo orgulho em que falava do meu trabalho, ao meu pai José Mendonça e ao meu noivo Cássio, figuras masculinas importantes nesta fase da minha vida. E a minha amável professora Dr. Helena que deu continuidade ao trabalho da minha mãe, não só em ensinar, mas pelo carinho e verdadeiro amor pelo que faz. Ao meu adorável professor Dr. Levino Bertan, pelas suas fantásticas aulas sobre os Pensamentos Político Pedagógicos. Foi por eles a dedicação, não por obrigação, mas por amor as essas pessoas que realmente confiaram em mim.

AGRADECIMENTOS

À minha família que, em todos os momentos de realização desta pesquisa, esteve presente.

Agradecimentos também a minha adorável orientadora, por sua dedicação e carinho durante seus ensinamentos.

A minha amiga professora Joana D'arc, por ser exemplo de garra e determinação na educação e na vida.

A todos os professores do curso, pela capacidade em ministrar aulas maravilhosas e de grande valia.

A amiga Ina e Adriana pelo companheirismo e os muitos momentos de alegria compartilhados.

[...] o verdadeiro mestre não traz em si a utopia, e sim à vontade e a perseverança de despertar dons em seus discípulos, colocam a obsessão em seu caminho pelo empréstimo de um livro e pela disponibilidade em sua aula [...].

George Steiner

RESUMO

A formação ética dos adolescentes.

A modalidade de pesquisa proposta teve como objetivo principal vivenciar e refletir sobre situações didáticas, dinâmicas, de estudo de temas éticos e de valores sociais. Foram desenvolvidos atividades de reflexão diante dos seguintes assuntos abordados: Relação de convivência entre Pais e Filhos, Traição, Sexualidade, Drogas, Preconceito e Violência. No trabalho efetivado, a modalidade da pesquisa utilizada foi a abordagem qualitativa, em que a intervenção realizada mostra que investigador e investigado são sujeitos criados historicamente e contextualizados, sendo ambos elementos do fazer científico. Procurou-se criar e vivenciar em sala de aula situação de participação, discussão e diálogo sobre assuntos relacionados à ética. Justifica-se tal pesquisa pelo próprio apelo que a metodologia oferece que é a de identificar perante as diversidades cultural e social, as opiniões e atitudes a serem tomadas em cada fato relatado nas aulas. Um total de 110 adolescentes foi participante dessa pesquisa sendo 61 meninos e 49 meninas na faixa etária de 13 a 16 anos de uma unidade escolar de Presidente Prudente – SP. Podemos constatar no andamento das aulas, nos questionários respondidos pelos alunos e nas conversas informais que os jovens necessitam de diálogo e orientação, parecem estar perdidos em suas atitudes e estando em fase de formação de opinião, o diálogo com os pais é de grande valia.

Palavras-chave: Ética. Adolescentes. Educação

ABSTRACT

Ethic formation in adolescents

The main objective in this dissertation was lived for and reflects about didactic situation, study dynamic of ethics and social values. It was developed reflective activities about: relationships among parents and children, betroth, sexuality, drugs, prejudice and violence. The research has been developed through the qualitative approach. The study carried out on the intervention, show that, researcher and participants of research are historic and contextualized people, they are both elements of scientific do. In order to develop the research, it was created in the classroom, situations of participation, discussion and dialogue about subjects that have relation with ethic. This dissertation is justified by its methodology which intend identify opinions and attitudes to be taken in each fact related in the classes, in face to the cultural and social diversity. The data was collect in a school in Presidente Prudente – SP, with one hundred and ten adolescents: sixty one boys and forty nine girls, between the ages of 13 and 16. The findings show us that young people need dialogue and orientation, they seem to be lost in their attitudes and how they are developing the opinion formation process, the dialogue with their parents is important.

Key-words: Ethic. Adolescents. education

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	- Idade dos participantes da pesquisa	65
FIGURA 2	- Sexo dos participantes da pesquisa	65
FIGURA 3	- Relação de convivência entre pais e filhos - sexo masculino - pergunta 01	68
FIGURA 4	- Relação de convivência entre pais e filhos - sexo feminino - pergunta 01	68
FIGURA 5	- Relação de convivência entre pais e filhos - sexo masculino - pergunta 02	71
FIGURA 6	- Relação de convivência entre pais e filhos - sexo feminino - pergunta 02	71
FIGURA 7	- Relação de convivência entre pais e filhos - sexo masculino - pergunta 03	75
FIGURA 8	- Relação de convivência entre pais e filhos - sexo feminino - pergunta 03	75
FIGURA 9	- Traição pergunta - sexo masculino - pergunta 01	80
FIGURA 10	- Traição pergunta - sexo feminino - pergunta 01	80
FIGURA 11	- Traição pergunta - sexo masculino - pergunta 02	83
FIGURA 12	- Traição pergunta - sexo feminino - pergunta 02	83
FIGURA 13	- Traição pergunta - sexo masculino - pergunta 03	86
FIGURA 14	- Traição pergunta - sexo feminino - pergunta 03	86
FIGURA 15	- Sexualidade - sexo masculino - pergunta 01	91
FIGURA 16	- Sexualidade - sexo feminino - pergunta 01	91
FIGURA 17	- Sexualidade - sexo masculino - pergunta 02	96
FIGURA 18	- Sexualidade - sexo feminino - pergunta 02	96
FIGURA 19	- Sexualidade - sexo masculino - pergunta 03	100
FIGURA 20	- Sexualidade - sexo feminino - pergunta 03	100
FIGURA 21	- Sexualidade - sexo masculino - pergunta 04	103
FIGURA 22	- Sexualidade - sexo feminino - pergunta 04	104
FIGURA 23	- Sexualidade - idade - pergunta 05 - masculino	107
FIGURA 24	- Sexualidade - sexo - pergunta 05 - masculino	107
FIGURA 25	- Sexualidade - geral - pergunta 05 - masculino	107
FIGURA 26	- Sexualidade - idade - pergunta 05 - feminino	111
FIGURA 27	- Sexualidade - sexo - pergunta 05 - feminino	111
FIGURA 28	- Sexualidade - geral - pergunta 05 - feminino	111
FIGURA 29	- Sexualidade - masculino - pergunta 06	115
FIGURA 30	- Sexualidade - feminino - pergunta 06	115
FIGURA 31	- Sexualidade - masculino - pergunta 07	120
FIGURA 32	- Sexualidade - feminino - pergunta 07	120

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 33	- Sexualidade - masculino - pergunta 08	124
FIGURA 34	- Sexualidade - feminino - pergunta 08	124
FIGURA 35	- Drogas - masculino - pergunta 01	128
FIGURA 36	- Drogas - feminino - pergunta 01	128
FIGURA 37	- Preconceito e violência - sexo masculino - pergunta 01	133
FIGURA 38	- Preconceito e violência - sexo feminino - pergunta 01	134
FIGURA 39	- Preconceito e violência - sexo masculino - pergunta 02	136
FIGURA 40	- Preconceito e violência - sexo feminino - pergunta 02	137
FIGURA 41	- Preconceito e violência - sexo masculino - pergunta 01	140
FIGURA 42	- Preconceito e violência - sexo feminino - pergunta 01	140

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	- Relação de convivência entre pais e filhos – pergunta 02	72
QUADRO 2	- Relação de convivência entre pais e filhos – pergunta 03	76
QUADRO 3	- Traição – pergunta 01	80
QUADRO 4	- Traição – pergunta 02	83
QUADRO 5	- Traição – pergunta 03	87
QUADRO 6	- Sexualidade - pergunta 01	92
QUADRO 7	Sexualidade - pergunta 02	96
QUADRO 8	Sexualidade - pergunta 03	100
QUADRO 9	Sexualidade - pergunta 04	104
QUADRO 10	Sexualidade - pergunta 05 – masculino	108
QUADRO 11	Sexualidade - pergunta 05 – feminino	112
QUADRO 12	Sexualidade - pergunta 06	116
QUADRO 13	Sexualidade - pergunta 07	121
QUADRO 14	Sexualidade - pergunta 08	124
QUADRO 15	Drogas – pergunta - 01	129
QUADRO 16	Preconceito e violência – pergunta 01	134
QUADRO 17	Preconceito e violência – pergunta 01	137
QUADRO 18	Preconceito e violência – pergunta 01	141

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 BASES CONCEITUAIS DA PESQUISA: A EDUCAÇÃO HOJE.....	20
1.1 Educação e Escola.....	20
1.2 Educação um Direito de Todos	24
1.3 Educação e Democracia.....	28
2 BASES CONCEITUAIS DA PESQUISA: Os Parâmetros Curriculares e o Ensino da Ética.....	31
3 BASES CONCEITUAIS DA PESQUISA: A educação dos Adolescentes na Contemporaneidade	45
4 BASES CONCEITUAIS DA PESQUISA: RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA.....	51
5 METODOLOGIAS DE PESQUISA.....	57
6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	64
6.1 Andamento das Aulas e Resultado da Aplicação dos Questionários.....	65
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	150

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu da vivência de experiências com crianças e adolescentes das escolas municipais, estaduais de Ensino Fundamental e Médio, em atividades de Educação Física. Essas experiências sempre aconteceram com alunos da população socialmente diferenciada, tanto economicamente como em outros âmbitos de ação humana. Nesses contatos, tornou-se evidente a dificuldade dos professores em trabalhar em suas disciplinas, atividades de construção de valores e atitudes a partir dos conteúdos das matérias de ensino. Evidenciaram, também, que raras são as vezes em que discussões de temas envolvendo ética, atitudes e valores, a serem formados e desenvolvidos, os temas foram tratados de modo explícito e com projetos específicos na escola ou em sala de aula.

A lacuna bibliográfica existente em relação ao ensino da ética, valores e atitudes é, igualmente, evidência suficiente do estado incipiente das discussões sobre o assunto na esfera escolar. À medida que a escola se tornar o mais legítimo espaço na sociedade moderna para realizar a educação da criança e do adolescente, ela terá de se transformar não apenas no lugar da escolarização, mas, sobretudo, por essa escolarização, no lugar da formação humana e no da formação do sujeito ético. Esse deve ser o objetivo fundamental da educação, ao qual deve ser submetida toda e qualquer prática educativa.

A indisciplina que, dia a dia, se agrava nas escolas, conforme divulgação da mídia e relato de professores, culmina em formas diversas de violência, revelando também, o pouco cuidado com a formação de atitudes, pelos setores responsáveis pela formação de valores, resultante de uma visão comportamentalista frente aos princípios éticos. A carência de valores na adolescência constata-se, igualmente, pelos relatos dos adolescentes e das informações dos jornais.

Neste contexto, a formação de princípios éticos vem sendo, nos últimos tempos, assunto emergente, merecedor de estudos e cuidados por parte dos educadores em todo o mundo, isto em razão do aumento da violência, da indisciplina, do uso e tráfico de drogas, da gravidez precoce e outros.

Em vista disso, muitos pesquisadores buscam estudar o assunto, enfatizando a necessidade de os educadores reverem e reafirmarem suas responsabilidades como formadores de caráter, do mesmo modo que a família também deve assumir junto com a escola tal responsabilidade. A ação conjunta favorece a criação de um ambiente estável e afetivo, contribuição positiva dessa formação.

Percebe-se que, com as modificações na sociedade moderna, resultaram várias alterações no seio familiar, que afetaram o papel cultural que desenha um homem mais dispensável com o desafio de recriar sua função e imagem em meio à cultura. A mulher, por sua vez, busca outra forma de ocupação e valorização que não seja apenas concentrada na maternidade. Completa esse quadro a virtualização das relações, o desenraizamento dos indivíduos, o individualismo, respeito, competitividade que superam os valores importantes antes existentes nos laços familiares.

As transformações da família não representam o desejo de descartá-la, pois o ambiente familiar é importante instrumento de sobrevivência para a espécie humana. Seja como for, a família foi indiscutivelmente o mais importante instrumento de sobrevivência e as suas transformações não representam o desejo de descartá-la como tal, mas, ao contrário, de fazer com que se torne ainda eficaz. Afinal o modelo antigo da família - que objetiva procriar e ser núcleo segregado de solidariedade, mas que por fim parece não estar dando conta de seu histórico papel de ajudar o ser humano a sobreviver com regras e com as questões valorativas.

Assim, tornou-se indissolúvel para a família moderna a idéia de que a escola deva exercer o papel educativo, com mais empenho, na formação de valores, pois se sente fragilizada quando o assunto é discutir questões de valores, perante a essa nova juventude do “tudo pode”.

Assim sendo, esses fatos têm despertado e provocado a necessidade de se abordar profundamente os assuntos referentes à ética na educação. Vem ocorrendo uma maior preocupação, entre os estudiosos, em abordar o tema “ética” e ensino da ética em seus escritos. Assim podemos citar Maria Suzana de Estefano Menin (2002), que defende a necessidade de discutir o tema no ambiente escolar e reafirma que os valores éticos não devem ser impostos com autoridade e nem obedecidos por temor.

Para a autora, Piaget caracteriza esse procedimento como coação, e que o seu emprego freqüente forma a moral heterônoma em que as crianças e jovens seguem, fazem, cumprem, obedecem à autoridade por medo do castigo, ou por outras exigências exteriores a eles. Por outro lado, a construção de valores exige que crianças e jovens participem das construções de regras, que favoreçam a autonomia, ao elaborarem normas de vida, levando-as a uma melhor participação, assimilação, convicção e adesão interna dos valores e da disciplina perante as regras sociais.

Para Longarezi (2002), a falta de disciplina acontece quase sempre pela ausência de uma estrutura psicológica moral (consciência moral) que prepara o jovem para o convívio em ambientes regrados. O grande desafio que a educação encontra hoje é que muitos dos jovens só vêm a se deparar com esse ambiente regrado quando ingressam na vida escolar, que, via de regras, esta se iniciando cada vez mais cedo na vida da criança. Além de permanecer nessa instituição, por um longo período diário, acaba ficando cada vez mais distante do convívio familiar. Ou pode ser a ausência da família um dos grandes motivos da indisciplinas na escola, que tanto vem dificultando o trabalho docente.

Aquino (1999) ressalta, frente a esse contexto, que a educação deve rever a problemática das práticas escolares utilizadas, a ação docente e a qualidade do trabalho desenvolvido na formação do juízo moral e que o educador precisa ter consigo que a formação ética moral é uma constante, uma construção sempre inacabada e necessária.

Diante de uma juventude carente de valores, e de famílias com escassa disponibilidade de tempo para participar da educação dos filhos, a escola se tornou a fonte de recurso mais favorável na formação de valores. Tal ocorrência indica que, além da vivência das práticas educativas nos diversos campos do conhecimento, é preciso estar atento aos conteúdos de formação de caráter.

Para Moraes (1940), é preciso saber apresentar e discutir os conteúdos relacionados e organizados para ajudar o aluno descobrir o verdadeiro sentido de viver e conviver. Sendo assim, é necessário que o docente se mantenha próximo à vida do aluno, uma postura marcante, de confiança e admiração.

Alguns outros pesquisadores que trabalham a questão da formação dos princípios éticos sob a ótica didático-pedagógica, levam em conta outros aspectos do

problema. Podem ser citados: Savater, Tedesco, Morin e outros: Savater defende que a educação precisa refletir sobre o destino do homem e propiciar a evolução cultural através do saber científico. Segundo Savater (1998) todo ser é capaz de ensinar, mas nem todo ser é capaz de ensinar qualquer coisa. Tedesco (1998) questiona alguns educadores por colocarem os meios de comunicação como responsáveis pelo déficit da socialização e sugere ao professor que promova uma prática prazerosa e atrativa, que tenha atitudes menos defensivas e mais ativas e busque vivenciar um projeto educacional que desenvolva o espírito crítico e caráter universalmente democrático. Morin (2000), afirma que a educação deveria promover a inteligência geral ou a curiosidade, pois o conhecimento do mundo é uma necessidade intelectual e vital. As condições humanas deveriam ser o objetivo essencial de todo o ensino, se os educadores soubessem enfrentar os desafios de educar para incertezas, ilusões, mitos e incompreensões, e buscassem o conhecimento pertinente, ensinassem as condições humanas e a ética necessária ao conviver com seus pares.

Derval (1998), refere-se aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), elaborados pelo Ministério da Educação e do Desporto do Brasil, que oferecem diretrizes ao trabalho didático e fazem a indicação de temas transversais e, dentre deles, a ética para enriquecimento do currículo escolar.

Segundo Menin (2002), grupos de pesquisadores espanhóis, como Cabanas (1996), Puig (1998), Buxarrais (1990,1997) e Martinez (1994) já haviam proposto a ética como tema de fundamental importância a ser trabalhado nas escolas, que hoje são propostos em nossos Parâmetros Curriculares Nacionais como temas transversais.

Segundo os Pcn (1998), os critérios adotados para a eleição dos temas transversais é que eles fossem voltados principalmente às questões sociais que norteiam a construção de cidadania e a democracia, as urgências sociais e que favorecessem compreensão da realidade e a participação social.

Além da ética, os outros demais temas transversais indicados foram: pluralidade cultural, meio ambiente, saúde e orientação social, sendo considerados pelos estudiosos, de fundamental importância para o desenvolvimento social do alunado.

Devido à dificuldade de localizar professores que desenvolvessem o tema transversal, ética, nas escolas de Presidente Prudente, e que se dispusessem a realizar uma experiência de intervenção com orientação da pesquisadora, pensou ela própria realizar, com sua turma de Educação Física, uma pesquisa sobre o tema.

Buscou-se então, como proposta da pesquisa: Vivenciar situações didáticas que requeiram discussão de valores e reflexão sobre elas utilizando variadas formas de dinâmicas de grupo com assuntos propostos pelos próprios alunos.

Uma pesquisa de intervenção foi assim pensada em que a própria pesquisadora, professora de Educação Física, assumisse aulas, com alunos do Ensino Fundamental e Médio na escola em que leciona, abordando temas relacionados às questões valorativas e de atitudes moral. A idéia, assim, era a de identificar perante a diversidade cultural e social dessa unidade escolar a diversidade e igualdade de opiniões e atitudes a serem tomadas diante de cada fato relatado e vivenciado.

Nesta perspectiva, pensou-se proporcionar em nossas aulas um momento para pensar sobre as atitudes, na quais estão expressos valores morais, que são juízos sobre as ações humanas e se prestam à definição do que é bom ou mau. São os valores morais que servem de parâmetros para se fazer escolhas, pois a nossa capacidade de interpretar o mundo nos dá um leque de opções, uma liberdade de escolha, geradora de conseqüências a considerar.

As definições de alguns temas básicos da pesquisa foram estabelecidas assim: Caráter: significa aspecto ético moral da personalidade; Valores: qualidade e valência que se atribui a alguma coisa, ou acontecimento; Atitude: maneira de sentir e pensar em relação á pessoa, acontecimento ou objeto.

Para Salvador (2000, p. 323), as atitudes são:

São predisposições relativas para atuar em relação a um objeto, situação, fato, pessoa ou conjunto de pessoas ou idéias. Possuem um referente mais concreto (situações ou contextos particulares) e preparam-nos para atuar de uma determinada maneira, segundo as crenças, os valores e as pautas de condutas assumidas.

Segundo Coll (1998), as atitudes envolvem juízos de valor. Um juízo de valor requer uma compreensão consciente desse objeto, pessoa ou situação. Ou seja, a noção de atitude sugere certa organização de crenças, das reações ou da capacidade crítica.

A escolha do tema: “Ética” foi, portanto, por perceber ser um assunto que poderia abranger os demais temas transversais, pois falar de ética envolve assuntos ligados à sexualidade, direitos humanos, diversidade cultural, cidadania, solidariedade, formação de caráter, valores e atitudes.

O trabalho foi pensado por proporcionar aos alunos elementos de formação moral (caráter), auto-estima e autodomínio; por servirem de subsídios à discussão dos temas em sala de aula, à familiarização com a realidade social e cultural deles. Também a escolha deve-se ou a escolha se justifica por favorecer a participação social e política de todos, o exercício de cidadania graças aos posicionamentos críticos a serem enfocados, assumidos nas diferentes situações e às formulações de problemas e alternativas de soluções.

A apresentação do trabalho obedeceu a seguinte estruturação:

No capítulo 1, procuramos mostrar uma visão panorâmica da educação hoje, em que enfatizamos a importância da educação que orienta e que oferece suporte para o indivíduo enfrentar a complexidade do mundo moderno. Destacamos a importância de a educação preparar o homem para agir de modo consciente nas diferentes circunstâncias da vida, sendo necessário o aprender a conhecer, o aprender fazer, o aprender a ser e o aprende a viver juntos (Delors 1999). Relatamos também a educação como um direito de todos e a importância de educar para conviver em democracia e praticar o respeito às diversidades.

No capítulo 2, foram trabalhados os Parâmetros Curriculares Nacionais e o ensino da Ética. Buscamos neste capítulo mostrar a necessidade do Pcn, na efetivação da qualidade do ensino nacional, evidenciando a necessidade de que o sistema educacional do país, tem de se organizar, a fim de garantir o respeito às diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas da sociedade complexa, além de propor uma educação comprometida com a cidadania. O ensino da ética, como um dos temas transversais dos Pcn, buscou definir o sentido que se atribui à ética na pesquisa e as características que assume o seu ensino.

O capítulo 3 enfatiza as dificuldades de educar o adolescente na contemporaneidade perante as mudanças ocorridas na família, no sistema social e econômico vigentes. Uma fase de mudanças físicas e psíquicas do púbere, frente ao novo mundo de comunicações, em que a educação nessa turbulência tem que procurar reforçar a condição de produtora de sentido da escolha, facilitando a reconstrução consciente de seu pensamento por meio de um processo coletivo e de reflexão.

No capítulo 4, a escola e a família se destacam como instituições fundamentais para o desenvolvimento do ser. A parceria escola e família possibilitam o desenvolvimento e a integração da escola com a comunidade, aspirando a uma melhor qualidade de vida das gerações futuras.

O capítulo 5 relata a metodologia de pesquisa utilizada, em que a trajetória da pesquisa enfatiza a abordagem qualitativa. Nesta modalidade investigador e investigado são elementos do fazer científico. No trabalho realizado utilizou-se de intervenção na qual se procurou criar e elaborar em sala de aula situações de participação, discussão e diálogo sobre assuntos relacionados a valores éticos. Entre eles: Relação de convivência entre pais e filhos, traição entre pessoas, sexualidade e drogas.

O capítulo 6 mostra a apresentação e discussão dos dados coletados durante a pesquisa, o andamento das aulas, o resultado da aplicação dos questionários, gráficos e os quadros de alternativas.

Ao final, as considerações finais são apontadas.

1 - BASES CONCEITUAIS DA PESQUISA: A EDUCAÇÃO HOJE

Este capítulo traz as idéias básicas que alicerçaram todo o processo de pesquisa. São elas: A educação hoje: educação - escola – família e escola, a educação dos adolescentes na contemporaneidade, os Parâmetros Curriculares e a Ética. Um trabalho que busca a socialização da pessoa humana, para que o indivíduo possa formar-se e conviver socialmente.

1.1 – Educação e Escola

A educação deve possibilitar a todas as pessoas, de forma maciça e eficaz a aquisição de saberes, de saber-fazer e atitudes que são as bases das competências do futuro. Assim é possível impedir que pessoas fiquem submersas nas informações, mais ou menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados continuamente, mas, ao contrário, levá-las a orientar-se para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos.

Segundo Delors (1999), a educação deve oferecer suporte para vivenciar nesse mundo complexo e, ao mesmo tempo, ser a bússola para permitir navegar através dele. Nesse sentido, a educação deve orientar o indivíduo a enfrentar a complexidade do mundo moderno. Assim, os princípios da educação traduzidos em forma de pilares da educação indicados por ele são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser. Esses princípios acham - se descritos no relatório da UNESCO que traduzem as bases da aprendizagem, bases da competência do futuro e a incumbência da educação na consecução dessas quatro aprendizagens fundamentais.

É na infância que acontecem os primeiros conhecimentos que se ampliam progressivamente na troca com o meio, tornando prazeroso e necessário o compreender, o conhecer e o descobrir. Para isso ter continuidade, a educação deverá criar formas para que o aprender a conhecer seja prolongado. É preciso aguçar na criança o gosto e o prazer de estudar, despertando a curiosidade e o seu

espírito investigativo, para que, ao se tornar adulta, continue a aprender, a conhecer. Sendo assim, é preciso estar sempre atualizado, exercitando a leitura e a pesquisa, o que possivelmente facilitará, perante as novas situações, a ser criativo e crítico. “O processo de aprendizagem do conhecimento nunca está acabado e pode enriquecer-se com qualquer experiência” (DELORS, 1999, p.92).

Vinculado ao aprender a conhecer, está o aprender a fazer, duas aprendizagens vinculadas, pois é preciso conhecer para poder fazer. A aprendizagem só acontece quando o indivíduo participa do processo, ou seja, é preciso “fazer” para aprender, há um encadeamento entre a ação e experiência no próprio conhecimento.

No aprender a fazer, o indivíduo põe em prática o seu conhecimento, sendo necessário estar sempre atualizado em seus fazeres. Segundo Delors (1999), o aprender a fazer deve evoluir, e não ser um aprendizado para preparar alguém apenas para participar da fabricação de alguma coisa, ou seja, o ensino não pode ser, apenas, uma simples transmissão de práticas rotineiras.

Esse autor, quando fala dessa de qualificação, da noção de competência em aprender a fazer, procura mostrar que o trabalhador, a cada dia, deve especializar-se e atualizar-se para atender às exigências do mercado de trabalho moderno. É preciso ter uma perfeita combinação entre qualificação, comportamento social, sentido de equipe, capacidade de iniciativa, sendo, igualmente, necessário estabelecer relações estáveis entre as pessoas ao aprender a fazer.

Por outro lado, aprender a viver junto, aprender a conviver com outros, sem dúvida é aprendizagem de grande desafio para a educação hoje, numa sociedade altamente competitiva e individualista. Desde a infância a escola deve propor a cooperação, a participação, a solidariedade, oferecendo através da aprendizagem a socialização de conhecimento da diversidade humana e do respeito a essas diversidades, na busca da resolução de conflitos existentes entre os seres humanos para um conviver melhor.

Nova (1992, p.155), diz que:

[...] a cooperação é processo social imprescindível à organização social. Não pode haver sistema sem um mínimo de cooperação. Este é um processo do quais os indivíduos nem sempre têm consciência clara, mas onde houver algum consenso a respeito de metas culturalmente legítimas, valores, crenças e normas coletiva há cooperação [...].

Para Delors (1999), a escola deve ensinar a não violência e a lutar contra os preconceitos geradores de conflitos, não alimentar o desfavorecer do próximo e a supervalorização própria, o respeito às diferenças. Um dos caminhos segundo o autor, para a descoberta do outro e de si mesmo, é a empatia ao se colocar na situação vivida pelo outro. Desenvolver a empatia dentro da escola favorece a aprendizagem do bom comportamento social e da compreensão. A empatia é a regra do conviver.

O diálogo entre pessoas e a troca de argumentos, segundo Delors (1999), são considerados indispensáveis à educação do século XXI, em busca de valorizar aquilo que é comum, através da organização de programas e atividades cooperativas. O importante é que haja um relacionamento positivo em qualquer situação social e entre professor e aluno e alunos entre si e que todos desenvolvam projetos comuns, com o intuito de resolver os conflitos, o que constitui uma referência para vida futura.

Afinal, todo animal racional ou não vive em face dos conflitos e desafios, mas nós, seres humanos nos diferenciamos pela espécie, principalmente por sermos capazes de valorizar, refletir e interagir comunicativamente para decidir quais as melhores orientações possíveis de ação, frente aos conflitos e desafios. Temos a capacidade de planejar e de fazer projetos na vida social e assumir atitudes e posições, cada qual com seus interesses pessoais.

Tomazi (1996, p. 85) reconhece que:

[...] ao menor contato com a vida social, percebe-se, de imediato, que os indivíduos são diferentes. Essas diferenças se expressam no plano das coisas materiais, da religião, da personalidade, da inteligência, do físico, da raça, do sexo, da cultura, dentre outros [...].

Como conseqüência, diz Nova (1999) que os conflitos tendem a surgir quando os indivíduos, grupos, ou categorias sociais buscam objetivos que só podem ser alcançados por um ou poucos dentre eles, ou quando os objetivos são incompatíveis entre si, gerando comportamentos agressivos entre as pessoas. Mas Delors (1999, p. 99) chama a atenção para o fato de que:

Todo ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.

Assim, a educação deve proporcionar às crianças e aos jovens forças e referências intelectuais para a compreensão do mundo em que vivem. A educação torna-se responsável por preparar o homem para agir de modo consciente nas diferentes circunstâncias da vida, em suas descobertas e experimentações e, acima de tudo, evitar a desumanização do mundo.

Delors (1999, p.101) comenta que:

Nesse sentido, a educação é antes de qualquer coisa uma viagem interior, cujas etapas correspondem às da maturação contínua da personalidade. E este desenvolvimento do ser humano se desenrola desde o nascimento até a morte, é um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, à relação com o outro.

Para esse autor (1999), ainda, os quatros pilares da educação devem ser a base ao longo de toda a vida e relacionam-se. O aprender a conhecer é o mesmo que aprender a aprender, para se beneficiar das oportunidades oferecidas; o aprender a fazer, desenvolver habilidade para que as pessoas tornem-se aptas a enfrentar as numerosas situações e valorizem o trabalho em equipe em todas as circunstâncias; o aprender a viver juntos, desenvolve a compreensão do outro ao realizar projetos comuns, baseados nos valores do pluralismo e da compreensão mútua de paz, e o aprender a ser, busca desenvolver a personalidade, a responsabilidade pessoal, a autonomia e a identidade pessoal.

É dentro desse processo de compreender o mundo que o futuro da educação deve basear-se na elaboração de sua política pedagógica, inserindo este ideal em todos os níveis de escolarização. Possibilitando ao homem, dado o seu direito a educação, atingir a autonomia através de um percurso ético, compreendendo as regras e valores que pautam a vida em grupo, e que seja capaz de discernir e agir conscientemente o seu papel social, tecendo boas relações no mundo em que vive.

1.2 - Educação um Direito de Todos

A formação de valores é, portanto, exigência da educação do século XXI, estabelecida por lei, e um direito de todos os homens com o propósito de formação das qualidades humanas. Ela é capaz de desenvolver as capacidades do educando de: saber pensar, pesquisar, ler, elaborar, argumentar, questionar e ser questionado, que ultrapasse o fazer para o saber fazer e o refazer. Pode e deve proporcionar oportunidades de formação de caráter, de construção de princípios éticos e morais, por meio de uma prática pedagógica reflexiva. Essas oportunidades criadas devem ser pautadas pelo conhecimento do discernir as próprias atitudes e dos colegas e verificar se são boas ou más, certas ou erradas, justas ou injustas, com uma prática reflexiva geradora de um empreendimento coletivo e solidário, capaz de administrar realizações particulares e alheias.

Para Piaget (1988), o direito à educação não é apenas direito de freqüentar escolas; é também, na medida em que vise ao pleno desenvolvimento da personalidade, o direito de encontrar nessas escolas tudo aquilo que seja necessário à construção de raciocínio pronto, crítico e criativo, de uma consciência moral desperta.

De acordo com Piaget (1988, p.34):

O direito da pessoa humana à educação é, pois assumir uma responsabilidade muito mais pesada que a de assegurar a cada uma a possibilidade da leitura, da escrita e do cálculo: significa a rigor, garantir para todas as crianças o pleno desenvolvimento de suas funções mentais e a aquisição dos conhecimentos, bem como dos valores morais.

Segundo Derval (1998), o direito e o dever da educação para todos fez da escola um espaço responsável, aos olhos dos cidadãos e cidadãs, pelas respostas aos diversos problemas sociais, mesmo que esses não se tenham originado de seu seio, afinal a família e outras instituições vêm perdendo a sua capacidade eficaz de formar valores. Apesar de a solução que sempre se almeja não estar em suas mãos, espera-se da escola, em seu papel educativo, que seja capaz de incutir valores, atitudes cívicas e éticas que ajudem no conhecimento com vistas a tentar amenizar os problemas sociais.

O direito à educação deve favorecer o desenvolvimento da vida, adquirir conhecimentos e possibilidades nas relações sociais, além de desenvolvimento da personalidade na construção de uma consciência moral e ética. O acesso à educação se constitui, como política essencial, em direito fundamental e garantido pela Constituição.

A Constituição da República Federativa do Brasil (2004, p.134), promulgada em cinco de outubro de 1988, assegura em seu artigo 205:

A educação, como direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Em seu artigo 208, inciso I, o ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive sua oferta para todos os que não tiveram acesso na idade própria. O inciso II prevê a universalização progressiva do ensino médio.

Esse direito significa que a educação deve preocupar-se com o desenvolvimento e formação de crianças e jovens, como cidadãos, homens de bem deve proporcionar também o cultivo de valores identificados com o exercício de cidadania, promover a igualdade sem estabelecer distinções sociais.

Meksenas (1993) menciona que para praticar a cidadania, o indivíduo deve ter o direito à participação social de modo consciente.

Nesse contexto, cabe à educação proporcionar essa conscientização que garanta decisões humanas em sua prática social, buscando o bom relacionamento entre os homens.

Para Eby (1973, p.456), Froebel:

Foi o primeiro educador a perceber a significação mais profunda da educação nas relações humanas. Elevou o problema do indivíduo e da sociedade acima de qualquer situação contemporânea e tratou-o de modo puramente filosófico. Para ele, o indivíduo e a sociedade não são absolutamente contrários; no interesse da vida, devem ser harmonizados numa personalidade corretamente educada.

Na perspectiva das idéias dos autores anteriormente citados em relação ao educar para um conviver melhor entre os homens, percebe-se que a educação

deve possibilitar a harmonia social, um educar para a cidadania em respeito aos direitos humanos, levando o educando aos confrontos das diferentes representações do real, à necessidade de resolver esses confrontos com humildade e generosidade. Se existir a prática pedagógica direcionada ao respeito às diferenças, é possível combater o imponderável, o incompreensível e, desse modo, a educação irá resgatar o sonho de que é possível, através do exercício de cidadania e de compreensão, a construção de uma sociedade mais justa e fraterna, na qual o homem tenha direito de ser um cidadão participativo e de viver com dignidade na plena vigência dos direitos humanos.

Dallari (apud LODI, 2003) afirma que os Direitos humanos são fundamentais às pessoas humanas: assegura um conjunto de possibilidades e condições às características naturais dos homens desde o nascimento até as necessidades mínimas para se tornarem úteis à humanidade. Afinal somos todos iguais como seres humanos perante a lei, temos direito à vida, à liberdade, à justiça, à fraternidade e devemos combater a discriminação, a arrogância e as injustiças. Até mesmo quem praticou um ato contrário ao bem da humanidade deve ser punido dentro da lei, mas não devemos esquecer que o criminoso continua a ser uma pessoa humana.

Lodi (2003, p.16) ao falar de direitos humanos e cidadania, lembra que:

No ano de 1948, a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que diz em seu artigo primeiro que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos”. Além disso, segundo a Declaração, todos devem agir, em relação uns aos outros, “com espírito de fraternidade”. A pessoa consciente do que é e do que os outros são, a pessoa que usa sua inteligência para perceber a realidade, sabe que não teria nascido e sobrevivido sem o amparo e a ajuda de muitos.

Apesar de as mudanças sociais salientarem na nova sociedade mais o ter do que o ser, o direito à vida com dignidade teve um grande progresso no social, deixando claro que todos são iguais perante a lei, mesmo quem menos tem. Estatutos foram implantados em benefício do bem-estar, principalmente para crianças e adolescentes que hoje estão mais amparados pela lei.

O Estatuto da criança e do adolescente, Lei Federal nº. 8.069, de 13 de julho de 1990, resgata juridicamente a cidadania e a atenção universalizada a todas as crianças e adolescentes e respeita as normas internacionais. (CONDECA, 1993 p. 03).

Dentro desse contexto, não importa o sexo, a cor de pele, a religião e outras características diferentes existente entre os humanos, o que importa é que todos têm o direito a uma vida digna, mas muitos não têm consciência dos direitos humanos. Sendo assim, a educação deve desempenhar o seu papel social, informando, ensinando e educando crianças, jovens e adultos, para reconhecer a sua verdadeira importância social e que vivemos em um país democrático de livre arbítrio e que somos amparados pelos direitos humanos, sem distinção de qualquer espécie.

Morin (2000, p.108) afirma que:

[...] é preciso proteger a diversidade das espécies para salvaguardar a biosfera, é preciso proteger a diversidade de opiniões, bem como a diversidade de fontes de informação e de meios de informação (impressa, mídia), para salvaguardar a vida democrática [...].

Para Fleming (1970, p.395)

Uma democracia dedicada a fazer permanecer uma nação de indivíduos originais e criativos, ao invés de uma nação de indivíduos dependentes e conformados, precisa proporcionar, dentro de um esquema educacional, meio para o desenvolvimento do potencial criativo das pessoas que nela vivem. O desenvolvimento e encorajamento desse poder criativo são essenciais ao modo democrático de viver.

Segundo o Pcn (1998), A escola deve assumir-se como um espaço de vivência e de discussão dos referenciais éticos, não uma instância normativa e normatizadora, mas um local social privilegiado de construção dos significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania. Deve promover discussões sobre a dignidade do ser humano, igualdade de direitos, recusa categórica de formas de discriminação, importância da solidariedade e observância das leis.

A escola para educar precisa conhecer melhor os alunos, elaborar novos projetos, redefinir objetivos, buscar conteúdos significativos e novas formas de avaliar

que resultem em propostas metodológicas inovadoras, com intuito de viabilizar a aprendizagem do aluno.

Não só a educação, mas também o direito a uma vida digna e democrática, deve ser trabalhado nas escolas. O respeito as diversidades, exige primeiramente que a escola conheça seu alunado, para atender a demanda com progresso e seriedade. O direito a educação deve proporcionar o desenvolvimento pleno do homem.

1.3 - Educação e Democracia

Para os Pcn (1998, p. 71) a democracia é:

[...] um regime político e também um modo de sociabilidade que permite a expressão das diferenças, a expressão de conflitos, em uma palavra, a pluralidade. Portanto, para além do que se chama de conjunto central de valores, deve valer à liberdade, a tolerância, a sabedoria de conviver com o diferente, com a diversidade [...].

Educar para conviver em democracia e em harmonia é pensamento de grande valia na nova proposta educacional, pois enfatiza nos adaptar a conviver com o próximo, mesmo tendo interesses individuais que se contraponham. A escola precisa vencer os desafios dessa nova sociedade e procurar exercer a sua função social de garantir o desenvolvimento da pessoa como cidadão democrático. Essa é uma ação que visa ao interagir cotidiano nos processos de constituição de identidades, na socialização de códigos e conteúdos culturais, de informação e experiências, em busca da qualificação humana e princípios éticos das pessoas envolvidas nessa vida social de vivências em que a minoria tenha direito de contestar a existência e a expressar as idéias desviantes. Do mesmo modo é preciso proteger a diversidade das espécies e salvaguardar suas opiniões.

Derval (1998, p. 19) afirma que:

[...] a democracia com todas as suas imperfeições, representa um enorme avanço em relação às formas políticas anteriores. Admite-se como ideal que todos tenham os mesmos direitos independentes de sua situação econômica, de suas crenças religiosas ou de seu poder, embora para alcançar essa meta haja necessidade ainda de percorrer um longo caminho. Mas, de qualquer forma, o reconhecimento da igualdade dos seres humanos pode ser considerado como imenso progresso [...].

Segundo Derval (1998), com a democracia, têm-se novas formas de organização no interior de diferentes instituições sociais, que antes se apresentavam amalgamadas de acordo com uma espécie de padrão dominante e estável em seu funcionamento. Junto com ela vieram as mudanças no setor econômico, abalando as estruturas sociais, gerando algumas situações contrárias aos princípios éticos: desigualdade, injustiças, falta de solidariedade e outras que representam a degradação moral acelerada do mundo moderno. O fato é que as concordâncias entre os seres humanos tornaram-se mínimas e isso está se agravando assustadoramente com o passar dos anos.

Morin (2000, p. 108) afirma que a democracia nutre a diversidade de interesses e de idéias.

O respeito à diversidade significa que a democracia não pode ser identificada com a ditadura da maioria sobre a minoria; deve comportar o direito das minorias e dos contestados à existência e à expressão, e deve permitir a expressão das idéias heréticas e desviantes. Do mesmo modo é preciso proteger a diversidade das espécies para salvaguardar a biosfera, é preciso proteger a diversidade de opiniões, bem como a diversidade de fontes de informação e de meios de informação (imprensa, mídia), para salvaguardar a vida democrática.

Viver democraticamente num planeta multicultural é um grande desafio, pois junto à formação das comunidades, surgem também as diversidades de princípios e perspectivas morais que se vão diferenciando. Uma verdadeira fusão social na diversidade humana. O multiculturalismo desestabiliza a democracia por ela estar baseado na igualdade de todos, mas o que se vê é que alguns são mais que os outros em função do poder econômico e é nessa contradição que a democracia permeia uma sociedade de perspectivas e valores diferenciados. É por causa dessa

desigualdade proporcionada pela democracia que os educadores são questionados pelos alunos, com vistas a chamar a atenção para a falta dos gêneros de necessidade primária: saúde, alimentação, educação (universidade), liberdade religiosa, etc. É nesse sentido que educadores devem trazer para sala de aula a democracia como conteúdo a ser debatido e informado em prol da formação de uma cidadania mais justa.

Segundo Perrenoud (2000), é nesta perspectiva que as desigualdades se configuram, pois em razão do capital cultural, resulta nas distinções de níveis culturais causando a classificação dos indivíduos. O autor enfatiza a importância de se ter acesso às formas de excelência que a escola valoriza: ler, escrever, contar, dominar línguas e certas disciplinas, proporcionando ao indivíduo mais chances de melhores oportunidades no trabalho e no nível social.

A democracia supõe e nutre a diversidade dos interesses assim como a diversidade de idéias. O respeito à diversidade significa que a democracia não pode ser identificada com a ditadura da maioria sobre a minoria; deve comportar o direito das minorias à existência e à expressão, e deve permitir a expressão das idéias contrárias.

É nesse contexto que a escola deve divulgar a sua importância para o desenvolvimento de crianças e jovens, pois de que adianta a democracia, os direitos humanos e a educação, se o principal interessado pouco sabe desses assuntos? A educação possibilita a autonomia, a construção de competências o conhecimento de seus direitos e deveres como cidadãos democráticos, favoráveis ao pleno desenvolvimento humano.

Educar para a democracia é proporcionar às crianças e ao jovem o reconhecimento da necessidade de uma caminhada política e humana que anseie pela construção de uma sociedade mais justa, solidária e feliz. Educar exige empenho, persistência e crença naquilo que se quer. A partir dessa concepção a ação docente é o próprio fortalecimento da sociedade civil (sindicatos, igrejas, cooperativas e outros), em torno de algumas idéias democráticas, pela ótica dos interesses e necessidades das camadas majoritárias da sociedade em que os alunos da rede pública estão inseridos.

2 – OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E O ENSINO DA ÉTICA

Este capítulo mostra a necessidade dos Parâmetros curriculares nacionais, na efetivação da qualidade do ensino nacional, evidenciando a necessidade de que o sistema educacional do país tem de se organizar em busca de propor uma educação comprometida com a cidadania. O ensino da ética, contido como um dos temas transversais do Pcn, buscou definir o sentido que se atribui à ética na pesquisa e às características que assume o seu ensino.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial para fomentar a reflexão, a ser concretizada nas decisões regionais e locais sobre currículos e sobre programas de transformação da realidade educacional. Consiste numa proposta flexível que pretende orientar e melhorar a qualidade da educação formal nacional.

O termo Parâmetro evidencia a necessidade de referenciais a partir dos quais o sistema educacional do país se organize, a fim de garantir que, respeitadas as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade múltipla, estratificada e complexa, para que a educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania, tendo como meta de uma crescente igualdade de direitos entre os cidadãos, baseado nos princípios democráticos. Essa igualdade implica necessariamente o acesso à totalidade dos bens públicos, dentre os quais o conjunto dos conhecimentos socialmente relevantes.

O Pcn (1998, p. 15) nascem da necessidade de:

Construir uma referência curricular nacional para o ensino fundamental que possa ser discutida e traduzida em propostas regionais nos diferentes estados e municípios brasileiros, em projetos educativos nas escolas e nas salas de aula.

Os Parâmetros curriculares Nacionais, ao proporem uma educação comprometida com a cidadania, voltada à compreensão da realidade social vigente, apresentaram os temas transversais em função das questões importantes e urgentes,

presentes sob várias formas na vida das pessoas. O desafio que se apresenta para as escolas é o de abrir-se para este debate. (PCNS, 1998, p.15).

Segundo os PCNS (1998), os temas transversais propostos foram: Ética, Meio ambiente, Pluralidade cultural, Saúde e Orientação Sexual, para serem inclusos no currículo e no trabalho didático. Isso não significa que tenham sido criadas novas áreas ou disciplinas, mas sim temas que devem ser incorporados pelas disciplinas já existentes na grade curriculares, sendo essa uma nova forma de organizar o trabalho didático pedagógico do professor que recebeu o nome de transversalidade - tema transversal.

A presente pesquisa requer uma atenção acerca do tema transversal ética, por envolver posicionamentos e concepções a respeito das decisões a serem tomadas. A reflexão ética traz à luz a discussão sobre a liberdade de escolha. (PCNS, 1998, p.29), e autodomínio, a autonomia pessoal, autoconceito.

Para os Pcn (1998), vale lembrar que os valores a serem trabalhados não devem ser impostos, mas devem ser coerentes com os valores assumidos e permitir que os alunos discutam sobre eles. Sendo assim, o tema ética foi proposto como um trabalho a ser realizado com o objetivo de alcançar e fortalecer a meta maior que é a formação do cidadão. Foram escolhidos temas morais e de valores éticos para contemplar esta formação com êxito.

Ética diz respeito às relações de convivência adequada entre pessoas, é um rumo da filosofia que estuda a natureza do que consideramos adequados e moralmente corretos. Pode-se afirmar também que a Ética é, portanto, uma doutrina filosófica que tem por objetivo a moral no tempo e no espaço, sendo o estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana.

A Ética é o estudo da natureza e fundamentos do pensamento e ações morais. As teorias éticas são marcadamente diferentes dos sistemas ou doutrinas morais que têm por objetivo a elaboração de conjuntos específicos de regras de conduta que orientam a vida (por exemplo, a moral cristã). Também se distingue da ética prática ou aplicada que analisa os argumentos empregados para embasar determinadas conclusões morais (exemplo as razões da: a condenação ou aceitação do aborto). A questão, geralmente, considerada fundamental na ética é a justificação da moralidade, isto é, coerente em verificar se é possível ou não demonstrar que uma

ação moral é racional. As correntes éticas podem ser agrupadas em três grandes categorias: a primeira deriva de Ética de Aristóteles e privilegia a virtude (justiça, caridade, generosidade), propensa a provocar tanto um sentimento de realização pessoal àquele que age quanto, simultaneamente, beneficiar a sociedade em que vive. A ética aristotélica, por valorizar a harmonia entre moralidade e a natureza humana, concebendo a humanidade como parte da ordem natural do mundo, é qualificada como naturalista.

A segunda categoria, representada de modo mais sistemático e profundo por Kant, faz do conceito do dever o ponto central da moralidade (chamada deontologia¹). Kant dizia que a única coisa que se pode afirmar que seja boa em si mesma (e não apenas bom como instrumento ou meio) é a “boa vontade” ou “boa intenção”, aquela que se põe livremente de acordo com o dever. O conhecimento do dever, segundo Kant, é a consequência da percepção, pelo sujeito, de que ele é um ser racional e que, portanto, está obrigada a obedecer ao que Kant chamou “imperativo categórico”, a necessidade de se respeitar todos os seres racionais na qualidade de “fins em si mesmos”. As idéias de Kant acerca da moralidade estão estreitamente ligadas à sua visão de livre arbítrio.

A terceira corrente dentro da Ética é o utilitarismo, segundo o qual o objetivo da moral é o de proporcionar “o máximo de felicidade ao maior número de pessoas”.

As teorias relativas à ética também podem ser divididas conforme afirmação ou negação da existência de uma verdade moral objetiva. A subjetivista, por exemplo, sustenta que a moralidade está profundamente enraizada nos sentimentos humanos, e não, em um princípio objetivo. A ética, no último século, tem sido ligada principalmente à análise do significado da linguagem moral, abordando, por exemplo, as relações entre as afirmações morais e a expressão das atitudes emocionais.

Souza e Rodriguês (1994) relatam que a ética è um conjunto de princípios e valores que guiam e orientam as relações humanas. Tais princípios e valores devem ser válidos para todas as pessoas e para sempre. Defendem a idéia de que a ética é mais ampla, geral, universal do que a moral. A ética tem a ver com

¹ Deontologia: O estudo dos princípios, fundamentos e sistemas de moral.

princípios mais abrangentes, enquanto a moral se refere mais a determinados campos da conduta humana.

Para Almeida (2002) a ética é vista como uma perspectiva que visa à verdadeira vida mais justa. Dado esse importante porque permite estreitar as relações entre ética e liberdade. Esse autor coloca a liberdade como o ponto de partida da ética.

Esse autor ainda destaca que a ética pode ser entendida como princípio regulador do desenvolvimento histórico da humanidade e como possibilidade para o pleno exercício da cidadania. Somente numa sociedade onde os valores éticos são reconhecidos e praticados, existe o respeito à dignidade humana.

Segundo Durant (1966), a ética não deve ser construída sobre a renúncia, pois seria utópica e nem sobre o egoísmo, dos homens, é preciso ser construída sobre e com virtudes, para o alcance da felicidade. O homem feliz é um homem livre, mas um homem livre é responsável pelos seus atos e não está livre das restrições da justiça, devendo ser consciente de seus deveres e da moralidade que fundamenta a sociedade em que vive.

Para Tobias (1985, p. 25), a moral é:

A ciência filosófica da ordem nos atos humanos. A ordem é a conveniente disposição dos meios para o fim. Ora, a ordem estabelecida pela moral nos atos humanos é para o fim último do homem; é, por conseguinte, ordem filosófica, pois ao filósofo cabe estudar as causas últimas, como é na moral, a causa final do homem.

La Taille (2000), relata que a moral e a ética são palavras herdadas de dois idiomas antigos (respectivamente mores, latim; ethos grego), que se referiam às normatizações das condutas humana, situando-se em bom ou mal, proibido ou aconselhável. Na raiz etimológica, os conceitos de moral e ética são sinônimos, mas na verdade com o passar dos séculos, eles acabaram recebendo sentidos filosóficos diferenciados. Para alguns, moral refere-se a valores e costumes de comunidades humanas, enquanto a palavra ética significa a "filosofia da moral", um estudo sistemático destes valores e normas.

Kant apud (DURANT 1996, p. 275) afirma que:

O eu moral, o homem social, não é uma criação especial provinda misteriosamente da mão de Deus e sim o produto ulterior de uma lenta evolução. A moral não é absoluta e, sim, um código de procedimentos desenvolvido mais ou menos ao acaso para a sobrevivência do grupo e variável conforme a natureza e as circunstâncias deste grupo.

Segundo Piaget (1980), a criança traz consigo elementos necessários à elaboração de uma consciência moral ou “razão prática”, bem como a consciência intelectual ou razão pura.

Para Bicudo (1982, p.15), apreender a noção de moral é uma atividade complexa:

Ela revela certas características que, se não forem convenientemente discriminadas, podem conduzir ou a posições ambíguas ou a posições opostas e parciais. Por um lado, verifica-se que ela se encontra ligada aos usos, aos costumes, aos padrões, às regras sociais, às leis; por outro, se encontra ligada a princípios de decisões individuais sobre o bom.

E, ainda, para Kant, “as atitudes éticas ou morais não são impostas pela natureza e sim prescritas pelo homem em sociedade. As leis éticas determinam as formas da vontade e de viver nos grupos humanos”. (BARSA, 1972, p.193)

Diante dessas idéias, a nossa preocupação é que a escola hoje deva trabalhar esses conceitos voltados à formação do indivíduo ético, para que forme valores relativos ao respeito a si e aos outros, valorize a dignidade própria e alheia para poder participar e cooperar na sociedade em que vive e melhore a convivência humana.

É preciso construir uma nova escola, centrada nos valores universais, num ambiente de postura democrática e dialógica, almejando através de atividades pedagógicas reflexivas formar uma pessoa crítica, criativa, solidária para uma sociedade mais justa.

Partir sempre da realidade, perceber as dificuldades, discutir com os alunos propostas de trabalho, ouvir opiniões, pedir que ajudem nas decisões e que argumentem, são formas importantes de fazê-los amadurecer e atuar como cidadãos democráticos. Aprenderão, assim, a encarar com naturalidade percalços que surjam

futuramente em seu caminho, pensando, refletindo e tomando decisões conscientes, evitando violar as sugestões alheias, um verdadeiro exercício à soberania popular. Sendo assim importante durante as ações pedagógicas levar em conta o conhecimento precedente dos alunos para uma melhor participação.

Segundo Sacristan (2000), estamos vivendo praticamente um momento de crise, um período de reforma e inovações de projetos e discussões, em busca de alternativas possíveis que possam guiar rumos um viver ético necessário ao bem da humanidade.

O tema ética proporciona a reflexão sobre as várias formas de comportamento e conduta humana. Na escola a proposta de trabalhar esse tema da formação ética dos alunos tem por objetivo que os alunos sejam responsavelmente livres e autônomos para pensar e julgar. É a escola considerada um espaço privilegiado para uma educação de valores. Trata-se de estudar conteúdos relacionados a respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade, etc.

De acordo com o Pcn (1998), Os Parâmetros curriculares nacionais caracterizam-se por:

- Apontar a necessidade de unir esforços entre as diferentes instâncias governamentais e sociais, para apoiar a escola na complexa tarefa educativa;
- Mostrar a importância da participação da comunidade na escola, em que o conhecimento aprendido gere maior compreensão, integração e inserção no mundo;
- Contrapor-se à idéia de que é preciso estudar determinados assuntos porque um dia eles serão úteis; o sentido e o significado da aprendizagem precisam estar evidenciados em toda a escolaridade;
- Explicitar a necessidade de que as crianças e jovens deste país desenvolvam suas diferentes capacidades, enfatizando que a apropriação dos conhecimentos socialmente elaborados é base para a construção da cidadania e da sua identidade;
- Apontar que cada pessoa tenha clareza quanto ao seu projeto educativo, para que, de fato, possa se construir uma unidade com maior grau de autonomia;

- Apontar a necessidade do desenvolvimento de trabalhos que contemplem o uso das tecnologias da comunicação e da informação;
- Valorizar o trabalho dos docentes como produtores, articuladores, planejadores das práticas educativas e como mediadoras do conhecimento socialmente produzido;
- Destacar a importância de que os docentes possam atuar com a diversidade existente entre os alunos e com seus conhecimentos prévios;
- Ampliar a visão de conteúdos para além dos conceitos, inserindo procedimentos, atitudes e valores como conhecimentos tão relevantes quanto os conteúdos tradicionalmente abordados;
- Evidenciar a necessidade de tratar temas sociais urgentes – chamados temas transversais – no âmbito das diferentes áreas curriculares e no convívio escolar;

O respeito mútuo traduz a valorização de cada indivíduo em sua singularidade, e de acordo com as características que o consistem sendo fundamental que esses valores sejam vivenciados entre alunos, professores, gestores e funcionários.

De acordo com o Pcn (1998, p. 121):

A qualidade do convívio escolar para a compreensão e valorização da dignidade, evidentemente vale para o respeito mútuo: o aluno deve sentir-se respeitado e também sentir que dele exigem respeito. O convívio respeitoso na escola é a melhor experiência moral que o aluno pode viver.

A justiça a ser trabalhada em sala de aula enfatiza a igualdade entre as pessoas perante a lei e o respeito às diferenças. A escola deve propor normas de conduta aos alunos ressaltando seus deveres e direitos. Trazer à reflexão situações em que a igualdade se impõe como representante daquilo que é justo e situações em que as condições diferenciadas de uns e outros determinam à equidade como representante daquilo que é justo. (PCNS, 1998, p. 126).

De acordo com Chauí (2000, p.336):

[...] diferentes formações sociais e culturais instituíram conjuntos de valores éticos como padrões de conduta, de relações intersubjetivas e interpessoais, de comportamentos sociais que pudessem garantir a integridade física e psíquica de seus membros e a conservação do grupo social [...].

O diálogo é o encontro por palavras que possibilita a comunicação entre os homens, “o diálogo somente é possível quando as pessoas envolvidas se respeitam mutuamente. O objetivo do diálogo em situação de conflito é encontrar a solução justa, fazer com que o direito de cada um seja respeitado”. (PCNS, 1998, p.130).

A solidariedade trabalha a generosidade, ou seja, doar a quem necessita de nossa ajuda. Deve-se fazer com que o aluno pense e reflita sobre o conjunto de valores.

Os conteúdos abordados no tema transversal ética estão interligados, pois ao trabalhar-mos um dos temas conseqüentemente, estaremos abordando todo o conteúdo ético transversal. Segundo o PCN (1998) ao enfatizar a dignidade do ser humano, realça-se a necessidade de se trabalhar a justiça e os direitos, o que significa o respeito humano, resultante sempre do diálogo e da solidariedade entre os homens no convívio social.

Os seres humanos convivem não por escolha, mas por necessidade vital de se relacionarem com outras pessoas, um conviver social baseado na necessidade de estar com o próximo, e, por ser na escola a maior concentração de pessoas em formação desde a pré-escola até a universidade, torna-se viável desenvolver questões éticas e conjuntos de princípios valorativos que norteiam as relações humanas.

Segundo Piaget (1980), a vida coletiva tornou-se indispensável ao desenvolvimento da personalidade, do intelectual, e do emocional, e uma escola ativa propicia também trabalho em equipe, diferente da escola tradicional que não conhece outro relacionamento social, senão a que mostra o professor como soberano absoluto, detentor da verdade intelectual e moral. Trabalhar valores nas escolas, necessita de um empreendimento coletivo e solidário, possibilitando que o aluno compreenda que as suas realizações e prazeres são tão necessários quando os prazeres e realizações dos outros.

Pimentel (1999, p.86) enfatiza que “a educação se faz, então para que o homem participe, desenvolva e transforme essa cultura na direção de um viver mais humano”.

Quando a proposta é educar para convivência melhor entre os homens, percebe-se que as questões de princípios moral e ética estão cada vez mais difíceis diante das relações de ordem social. Ouve-se muito dizer que os valores morais estão decompondo-se, e que o mundo clama pela regeneração da moral, em busca de encontrar no social a paz e o respeito entre os homens. Nota-se que as mudanças sociais caminham para a valorização material, de consumo, contrapondo-se ao verdadeiro, quesito valorativo para o bem reinar sobre os homens, tornando essa nova proposta um grande desafio, pois o papel da formação do ser como pessoa humana esta sendo transferido para uma nova célula social: a escola.

O fato é que a solidariedade, a compaixão e a convivência afetiva são os verdadeiros valores que deveriam estar centrados também na célula social: família, já que é nesse ambiente que se inicia a vida e os conflitos nas relações interpessoais.

Nesse momento cabe ressaltar Regis de Moraes em seu livro “O que é ensinar”, que traz o ensinar e o educar como tema de toda a sociedade e não somente função dos especialistas. O problema é que a célula social família vem sofrendo transfigurações. Com a modernização, as questões de valores como a virgindade e fidelidade fazem da antiga concepção moral um ninho de interrogações, assim a família parece hoje estar em busca de reidentificação. O fato é que uma sucessão de razões históricas levou os grupos familiares a certa crise de identidade.

Ao compararmos a antiga família de lugar pequeno, quase agrário, em que a educação era cuidada de perto por pais e mães e os divertimentos eram vividos em família, com a família atual, de tipo urbano de poucos filhos verificamos que as crianças de hoje vão bem mais cedo para a escola que passou a ser tida como local especializado para educar e ensinar.

Segundo a Delval (1998), Ramos afirma que a própria lei da educação prescreveu algumas saídas para salvar essa situação. Destacou uma série de conteúdos sem desbancar as disciplinas acadêmicas clássicas, apresentando assim temas referentes a valores universais que podem ser trabalhados em todas as disciplinas, desenvolvidas paralelamente ao currículo oficial.

A questão vem ao encontro da proposta de se trabalhar ética como conteúdo transversal nas atividades didáticas escolares. De acordo com o Pcn (1998, p. 61):

[...] pois trazer a ética para o espaço escolar significa enfrentar o desafio de instalar, no processo de ensino e aprendizagem que se realiza em cada área de conhecimento, uma constante atitude crítica, de reconhecimento dos limites e possibilidades dos sujeitos e das circunstâncias, de problematização das ações e relações e dos valores e regras que os norteiam [...].

Segundo o PCN (1998), realizar um trabalho crítico sobre a moralidade, a ética e os valores, propicia a reflexão sobre esses princípios e regras, ordem e proibição, favorecendo a conscientização das ações, efetivando o relacionamento democrático do educando. Assim a ética apresenta-se como um eterno pensar, refletir e construir, e o seu conteúdo transversal presente na escola, contribui para que os alunos possam tomar parte nessa construção, serem livres e autônomos para pensar, julgar e problematizar seu cotidiano pessoal e coletivo, em exercício de cidadania.

O desafio é evidente, há uma grande necessidade de realizar projetos que visem à construção da cidadania envolvendo toda equipe escolar, pois a escola tem valores que extrapolam os seus muros e envolvem a realidade social como um todo, tendo assim a necessidade de diagnosticar os seus pontos críticos no processo ensino aprendizagem. Um trabalho pedagógico voltado à socialização, propiciando a integração da escola com a comunidade numa gestão democrática, um compromisso com todos aqueles envolvidos no processo educacional, em busca de resgatar os valores éticos.

Os profissionais da educação devem assumir uma nova postura diante da necessidade de incluir o tema transversal ética em seu conteúdo, pois deve ir além dos livros didáticos, procurar trabalhar situações que estimulem atitudes, valores éticos propiciando o respeito as diversidade de opiniões nas escolas. Essa tarefa não é nada fácil, a própria pedagogia e a didática vêm vivendo momentos complicados, em que as formas de ensinar são constantemente revistas e questionadas, afinal nossos alunos são da geração da TV, do computador e dos joguinhos eletrônicos, meios esses que interferem muito na construção de sua identidade. Devem os professores buscar alternativas de ensino, pois fazemos parte da camada intelectual responsável também pela construção de princípios éticos na sociedade vigente.

Para Saviani, D (1994, p. 39):

[...] a reflexão sobre os problemas educacionais inevitavelmente nos levará a questões de valores. Com efeito, se esses problemas trouxerem a necessidade de uma reformulação da ação, torna-se necessário saber o que se visa com essa ação, ou seja, quais são os seus objetivos [...].

Segundo Saviani, D (1994), desenvolver o conteúdo transversal “ética” proporciona ao aluno um alcance educativo e de aprendizado facilitador de possíveis soluções diante de situações problemas. Mas, para a realização dessa prática pedagógica, é preciso perspicácia quanto às particularidades da relação social do aluno, afinal muitos vêm sendo socializados em uma cultura de violência marcada por discriminação e estereótipos socialmente construídos, tendentes a uma identidade inferiorizada,

Quando um aluno não aceita falar de ética e moral, é preciso antes conhecer a realidade de cada um em sala de aula, analisar e preparar sua aula com dinamismo e criatividade. Num primeiro momento, o aluno que vive esta realidade poderá achar que aquela aula é uma ofensa e que querem atacar a sua moral e insinuar algo a respeito de seu comportamento, aparência, etc.

Saviani, (1994, p.39) lembra que “uma vez que a experiência axiológica é uma experiência tipicamente humana, é a partir do conhecimento da realidade humana que podemos entender o problema de valores”.

Enfatizar a formação das qualidades humanas e discutir valores durante as aulas é uma atividade completamente delicada, pois falar do comportamento humano, valores e atitudes, gera conflitos de opiniões. O ser humano jamais poderia deixar de passar por esses conflitos de regras de convivência, sendo esse o marco gerador dos problemas éticos que são características do homem.

Assim, proporcionar ao educando a reflexão, o argumento, e o respeito às contra argumentações, propiciando a oportunidade de formação de caráter, discernimento de suas atitudes boas ou más e da consciência moral frente às atividades teóricas e práticas proposta pela vida social. Esse trabalho que carece de uma ação participativa que envolva todas as pessoas que direta ou indiretamente se relacionem com a escola: diretor, vice-diretor, coordenador de ensino, professores,

funcionários, estagiários, alunos e pais. Uma gestão de trabalho pedagógico, articulada às atividades escolares diante do problema que envolve a falta de princípios e consciência moral.

Segundo Libâneo (1994), o professor não conseguiu formar alunos observadores, críticos, ativos, criativos frente aos desafios da realidade se apenas esperar deles a memorização dos conteúdos. Deve, ao contrário, ser capaz de ajudá-los a compreender o que conhecem, pensar os conhecimentos, ligá-los e aplicá-los aos problemas do meio circundante.

O professor deve proporcionar, em suas atividades didáticas, a reflexão sobre questões valorativas e atitudinais, permitindo que seus alunos sejam capazes de decisão ético - moral, em seu conviver com o próximo. Afinal sempre nos deparamos com pessoas que têm diferentes maneiras de ser e agir, sendo necessário sermos conscientes e finórios em nossos comportamentos e ações perante essa diversidade humana. Ao realizar atividades reflexivas, proporcionar ao aprendiz a autoconfiança, um amadurecimento que o leve a superar a ingenuidade, que se realmente do saber e enriqueça o seu pensar; um sujeito ativo construtor do próprio conhecimento, determinado e inserido no movimento humano da emancipação.

Segundo Oliveira (2002), a mediação reflexiva favorece a formação humana no modo de pensar, agir, sentir e produzir conhecimentos.

O compromisso da escola na construção desses conhecimentos, na construção da autonomia, auto-afirmação e socialização do educando, precisa ter prioridade na educação. Caso contrário, haverá a fragmentação desse aprendizado, e a escola será uma instituição abstrata, longe de propiciar a formação da consciência ética – moral e da personalidade do indivíduo.

Para o PCN (1998, p. 46), “a autonomia refere-se, por um lado, a um nível de desenvolvimento psicológico, implicando dessa forma uma dimensão individual, e, por outro lado, uma dimensão social. A autonomia pressupõe uma relação com os outros”.

O tema transversal “ética” traz em sua proposta o desenvolvimento da autonomia moral, em que a pessoa se torne consciente da sua conduta. Para o Pcn (1998, p. 97), o trabalho a ser realizado em torno do tema ética deve possibilitar o aluno a:

- Compreender o conceito de justiça baseado na equidade e sensibilizar-se pela necessidade da construção de uma sociedade mais justa;
- Adotar atitudes de respeito pelas diferenças entre as pessoas, respeito esses necessários ao convívio numa sociedade democrática e pluralista;
- Adotar, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças e discriminações;
- Compreender a vida escolar como participação no espaço público, utilizando e aplicando os conhecimentos adquiridos a construção de uma sociedade democrática e solidária;
- Valorizar e empregar o diálogo como forma de esclarecer conflitos e tomar decisões coletivas;
- Construir uma imagem positiva de si, o respeito traduzido pela confiança em sua capacidade de escolher e realizar seu projeto de vida e pela legitimação das normas que garantam a todos, essa realização;
- Assumir posição segundo seu próprio juízo de valor, considerando diferentes pontos de vista e aspecto de cada situação.

As experiências vividas, as atividades desenvolvidas, são de grande valia no processo e legitimação dos valores e da formação da autonomia moral.

A educação deve direcionar a auto-afirmação de crianças e adolescentes, afinal a vontade de “ser” deveria tornar-se o maior de todos os projetos entre os humanos.

A criança vive em busca de se auto – afirmar, ela sempre procura mostrar que existe, que é gente, que está ali pra valer e que tem um papel na sociedade. Assim também é o adolescente, que luta pela auto-afirmação. Mas é sabido que, nessa fase da vida, se é inexperiente, inseguro, desatento e um tanto desengonçado. Os jovens ainda estão em fase de crescimento e o desenvolvimento biológico e emocional ainda não está completo.

A escola pode contribuir e muito para esta auto-afirmação, afinal ela é um espaço privilegiado na vida do educando, se agir de modo a contribuir efetivamente para a construção de sua identidade. O ensino da ética possui exclusivamente essa finalidade.

Durante a construção da identidade dos jovens, a educação deve enfatizar a valorização e o respeito por si próprio, deixando clara a sua importância social, e que deve ser valorizado. É um trabalho que vai ao encontro da auto – estima e auto-afirmação.

Deve a escola ter como objetivo os valores para realizar a orientação da construção da autonomia, da auto-afirmação e do respeito por si que se torna completo quando trabalhamos esse conjunto valorativo frente às relações sociais (conviver em sociedade), em que devemos agir moralmente dentro das normas e padrões de comportamento.

Nova (1992, p. 41) afirma que:

[...] para a sociologia, a socialização significa a transmissão e a assimilação de padrões de comportamento, normas, valores e crenças, bem como o desenvolvimento de atitudes e sentimentos coletivos estabelecidos pela comunidade simbólica [...].

Dentro desse contexto, destacamos a importância de ter nas escolas um projeto pedagógico bem organizado, no qual todos estejam envolvidos, e com objetivos direcionados à compreensão da geração em desenvolvimento, partindo de seus determinantes histórico-sociais, resgatando valores proporcionando a formação da consciência moral e ética.

A partir dessas idéias foi possível organizar, orientar e direcionar todas as atividades necessárias para o desenvolvimento da pesquisa.

3 - BASES CONCEITUAIS DA PESQUISA: A EDUCAÇÃO DOS ADOLESCENTES NA CONTEMPORANEIDADE

Das mudanças ocorridas na família, cujo modelo reflete por sua vez o sistema social e econômico vigente e os impactos estabelecidos pela revolução tecnológica, resultaram mudanças comportamentais dos adolescentes.

Segundo Outeiral (2003), o grupo familiar, que poderíamos chamar de “patriarcal”, que reunia vários graus de parentescos (avós, tios, primos, etc.) geograficamente próximos e muitas vezes com ligações econômicas entre si (agricultura e comércio), cede, atualmente, lugar ao grupo familiar “nuclear”. Este grupo é constituído pelos pais e um ou dois filhos, morando, em geral, distantes de seus grupos familiares de origem, tendo pouco contato com relações parentescas, pelo fato de os pais estarem inseridos no mercado de trabalho, e as crianças e adolescentes privadas da estrutura familiar, do convívio familiar intenso.

Talvez seja este o motivo pelo qual, nas últimas décadas crianças e adolescentes se dirigem aos adultos como “tios” e “tias”, na tentativa de buscar laços parentescos. Talvez também seja por este motivo que a escola se tornou uma instituição tão paternalista na educação de crianças e adolescentes. Muitas vezes despreparada perante esse novo desafio, a escola se sente tão ansiosa ao se deparar com novas demandas políticos-educacionais.

Outeiral (2003, p. 107), faz algumas observações sobre as mudanças ocorridas com os adolescentes:

Revisando os conceitos teremos, que puberdade corresponde aos processos biológicos e adolescência a fenômenos psicossociais. Nos anos 70 as crianças se tornavam púbere e após, adolescência; nos anos 80 puberdade e adolescência ocorrendo concomitantemente e na última década observo conduta adolescente (namoro, contestação, etc.) em indivíduos ainda não púbere, antes dos 10 anos, com 7 ou 8 anos. Penso, inclusive, que o conceito de infância, como momento evolutivo e com necessidades específicas, conceitos estabelecidos pelo Iluminismo, sofre o risco de sofrer profundas transformações: alguém terá escrito, em algum lugar, sobre o risco de termos o fim da infância na cultura contemporânea.

Para Santrock (2003), sob muitos aspectos, os adolescentes, de hoje, vivem em um ambiente menos estável em relação aos adolescentes de décadas atrás. O que se vê hoje é elevado número de divórcios, de gravidez na adolescência, falta de estabilidade familiar, altos índices de consumo de drogas, etc. sendo necessário que haja uma maior preocupação quanto ao bem estar do adolescente. O futuro do adolescente é o futuro da sociedade.

Estamos vivendo em uma sociedade marcada pela informação, pelo conhecimento tecnológico e ao mesmo tempo carente da relação com seus parentais. Nesse contexto, os adolescentes precisam cada vez mais de atenção, por isso uma instituição que se tornou fundamental para a evolução social, psicológica e emocional do adolescente, foi a escola que tem pela frente um grande desafio em atender a essa nova geração de adolescentes, ricos de informações e pobres de relacionamento familiar. O campo da educação é especialmente importante no desenvolvimento do adolescente.

Segundo Santrock (2003), há um grande debate em relação à função das escolas: desenvolvimento intelectual? Ou desenvolvimento intelectual e emocional? Um verdadeiro pêndulo oscilando que se desloca para as habilidades básicas em determinado momento, depois vai para alternativas ou educação para a vida e volta para o outro lado.

Mas o que se espera da escola é que ela atenda ambas as necessidades, na medida em que diminuiu a disponibilidade de tempo da família para com seus filhos. No entanto, o caráter instantâneo, não cronológico e descartável do mundo atual, acaba por impedir uma construção sólida e duradoura do conhecimento, gerando certa ansiedade por uma busca que nunca é considerada suficiente.

Nesse sentido são compreensíveis as dificuldades com as quais a escola está deparando-se para educar seus alunos na contemporaneidade, pois a sociedade é veloz e instantânea, cobra, determina e ilude; além disso, essa sociedade exclui aqueles que não se adaptam ao seu ritmo e suas pré-determinações. Isso gera nos alunos com baixo rendimento escolar, uma sobrecarga e uma sensação de incapacidade que interfere na formação de sua personalidade como um todo.

É verdade que hoje o conhecimento se encontra disponível numa diversidade de formas e de lugares. Mas o momento do ensino estruturado é fundamental para explicar, para revelar a sua evolução histórica e para favorecer o desenvolver da crítica e da opinião. É na escola, através de um sistema educativo, que são desenvolvidas as habilidades práticas e adquirido o conhecimento com mais êxito e segurança.

A escola precisa construir estratégias de prevenção que contribuam para mobilizar processos transformadores dos adolescentes nos diferentes níveis e contextos implicados. Nessa perspectiva, a escola não realiza a orientação num trabalho isolado. Ela deve mobilizar sua rede de apoio e, sentindo-se em rede e, portanto, protegida, poderá promover também a proteção dos seus alunos e de seus educadores de uma forma mais ampla.

Para Imbernón (2000, p.28):

Embora seja certo que a educação é algo que não se pode remeter à formação recebida na escola, também o é que a crise da escola na sociedade da informação foi tomada socialmente como o instrumento de medida dos males que nos atingem. Apesar da perda de legitimidade que tal situação traz, continua sendo um dos principais agentes de socialização.

Nesse contexto, educar o adolescente na contemporaneidade, tornou-se um desafio dentro da instituição: Escola. A adolescência é um período do ciclo da vida que tem sofrido algumas alterações ao longo da história, quer relativamente à localização dos indivíduos no seio dos grupos, quer em relação às suas normas de condutas. Por sua vez, os fenômenos demográficos também têm exercido alguma influência sobre o comportamento dos jovens, assim como o progresso de algumas ciências como a antropologia, a sociologia, a biologia e a psicologia que têm contribuído para o estudo do adolescente integrado no seu meio sociocultural. Essa geração apresenta características especiais em função das épocas em que vive, do ambiente cultural, social e econômico, pois cada geração é sempre confrontada com os problemas sociais da sua época.

Para Outerial (2003, p. 03):

A adolescência é basicamente um fenômeno psicológico e social. Esta maneira de compreendê-la nos traz importantes elementos de reflexão, pois, sendo um processo psico-social, a adolescência gera diferentes peculiaridades conforme o ambiente social, econômico e cultural em que o adolescente se desenvolve.

Junto a modernidade, as alterações no comportamento dos adolescentes fizeram com que vissem a autoridade do professor como algo quase inexistente e indesejável no ambiente escolar. Diante deste dilema, percebem-se nas escolas adolescentes testando impiedosamente a consistência da autoridade do professor, pois eles desconfiam do mundo e dos ideais por ele transmitidos.

Diante das inúmeras dificuldades de ordem social encontrada no processo educativo de adolescentes, fruto também da própria dinâmica psíquica do sujeito neste momento de vida, os professores conseguem tornar possível a sua missão educativa. Poucos são os mestres de adolescentes que conseguem cumprir sua função educacional, sendo capazes de ensinar estas pessoas nesse momento tão conturbado em sua relação com os ideais e com as figuras que possam representá-los no mundo adulto.

Para muitos educadores os adolescentes são vistos como engraçados, criativos, porém pessoas que necessitam de extrema atenção, esteio e referências de pessoas que possam estar no lugar de orientador. A nova geração de adolescentes ainda é vista como capaz de aprender. Detentores de um saber próprio, por possuírem uma visão crítica do mundo, são capazes de se responsabilizar por seus atos e palavras, pois é assim que funciona seu mecanismo de defesa diante dos fatos.

Para Zagury (1997, p.24) a adolescência:

Caracteriza-se por ser uma fase de transição entre a infância e a juventude. É uma etapa extremamente importante do desenvolvimento, com características muito próprias, que levará a criança a tornar-se um ser adulto, acrescida da capacidade de reprodução. As mudanças corporais que ocorrem nesta fase são universais, com algumas variações, enquanto as psicológicas e de relações variam de cultura para cultura, de um grupo e até entre indivíduos de um mesmo grupo. A característica mais visível e clara é o acentuado desenvolvimento físico com fortes transformações internas e externas. Ocorrem também mudanças nos campos intelectual e afetivo, além do amadurecimento sexual.

De acordo com o site do programa “Vivendo a adolescência”, segundo pesquisa realizada em 26 de setembro de 2006, a adolescência no Brasil assim se encontra:

- * 1,1 milhão de analfabetos/as.
- * 76,5% desses analfabetos/as se encontram no Nordeste.
- * 2,7 milhões, de 07 a 14 anos, estão fora da escola (10% da faixa etária).
- * 4,6 milhões, de 10 a 17 anos, estudam e trabalham.
- * 2,7 milhões, de 10 a 17 anos, só trabalham.
- * Desses dois grupos, 3,5 milhões trabalham mais de 40 horas semanais.

Os adolescentes já não são mais os mesmos. Eles participam avidamente do mundo dos adultos e se transformam nos novos convidados da realidade orgástica do consumo e dos prazeres.

De acordo com Outeril (2003, p. 102) a adolescência é caracterizada por inúmeros elementos:

- A perda do corpo infantil, dos pais da infância e da identidade infantil;
- A passagem do mundo endogâmico ao universo esogâmico;
- Da construção de novas identidades assim como de desidentificações;
- Da resignificação das narrativas;
- Da reelaboração do narcisismo;
- Da reorganização de novas estruturas e estados de mente;
- Das aquisições de novos níveis operacionais de pensamento (do concreto ao abstrato);
- Da apropriação do novo corpo;
- Do recrudescimento das fantasias edípicas;
- Vivência de uma nova etapa do processo de separação-indivuação;
- Da construção de novos vínculos com os pais, caracterizados por menor dependência e idealização;
- Da primazia da zona erótica genital;
- Da busca de um objeto amoroso;
- Da definição da escolha profissional;
- Do predomínio do ideal de ego sobre o ego ideal.

Portanto, a adolescência pode ser vista como uma atitude cultural, uma postura do ser humano durante uma fase de seu desenvolvimento que reflete as expectativas da sociedade sobre as características deste grupo.

Nessa conjunção, Imbernón apud Pérez (2000) relata que mais do que transmitir informações, educar o adolescente² deve consistir em provocar nele a iniciativa de organizar racionalmente a informação fragmentada recebida e a reconstruí-la criticamente, em face dessa complicada fase de transformação.

Educar o adolescente contemporâneo é procurar reforçar a condição de produtor do sentido da escolha, facilitando a reconstrução consciente de seu pensamento por meio de um processo coletivo e de reflexão. Mas, acima de tudo, deve existir uma grande confiança entre educando e educador, para torna-se mais acessível esse processo sem afrontas indesejáveis.

Segundo Imbernón (2000), a educação deve proporcionar ao púbere a sua autonomia intelectual, para analisar criticamente os processos e os conteúdos socializadores recebidos e articulá-los em um âmbito totalizador.

Toda forma de educar principalmente quando se trata de adolescente requer disponibilidade para o diálogo com uma realidade natural e social dos fatos; deve supor a participação, a inserção, o debate, a troca de significados e representações, uma construção e partilha de idéias e opiniões. É no respeito e na coerência que a educação consegue ir ao encontro do adolescente.

Com Bakhtin (apud Nunes 1995, p. 23), “[...] mas se pode compreender a palavra diálogo no sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja [...]”.

Assim, além da escola, os meios de comunicação, a mídia jogam também papel importante na formação educacional do adolescente.

² Segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS, a adolescência é um período da vida que começa aos 10 e vai até os 19 anos. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, começa aos 12 e vai até aos 18 anos, onde acontecem diversas mudanças físicas, psicológicas e comportamentais. No mundo todo, hoje se estima que haja 1 bilhão de pessoas vivendo a adolescência, ou seja, quase 20% da população mundial. No Brasil, soma cerca de 34 milhões de adolescentes, 21,84% da população total do país.

4 – BASES CONCEITUAIS DA PESQUISA: RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA

Desde o nascimento, o ser humano necessita do convívio com outras pessoas, quando criança, além das necessidades, há uma dependência do grupo familiar para se ter um desenvolvimento saudável, e a seqüência desse desenvolvimento, junto à família, se dá na instituição escolar. Afinal é na escola que passamos grandes parte de nossas vidas a encargo de profissionais especializados em educar, para que o aluno se torne um adulto consciente, participativo e sociável.

A escola é o lugar privilegiado para as iniciações, as sistematizações, o estabelecimento de relações estruturantes e das discussões críticas e ações criativas.

Repensar a educação formal consiste em enxergar a escola um pouco menos lecionadora e mais acolhedora e organizada para atender esse alunado. Procurar estimular um processo cujo movimento deva envolver a família no espaço escolar, para o bem estar de todos nela envolvidos.

Sugerimos que em primeiro lugar a escola deva proporcionar um sustentáculo formal de relacionamento entre ela, a família e o aluno.

Tendo em vista a importância de a escola desempenhar um papel de qualidade na educação integral do aluno tanto na aquisição dos conteúdos específicos como na formação de sua personalidade, devemos considerar ser de grande valia a aliança dessa instituição, junto à célula mater da sociedade: A ³família.

Para Eby (1973 p. 454-455), a família:

É um organismo vivo, o qual o pai, a mãe e a criança constituem uma unidade completa, pois todas as atividades da vida provêm das necessidades da família e voltam a se centralizar nela. A família é o foco de toda atividade humana e a fonte do processo de humanização, do cultivo da infância é a tarefa do cultivo

³ O termo “família” é derivado do latim “famulus”, que significa “escravo doméstico”. Este termo foi criado na Roma Antiga para designar um novo grupo social que surgiu entre as tribos latinas, ao serem introduzidas à agricultura e também escravidão legalizada. Na Idade Média a estrutura família patriarcal encontrava-se sob a autoridade do mesmo chefe, tinham duas famílias à materna e paterna. Na cultura ocidental, a família é definida como um grupo de pessoa do mesmo sangue como elemento de unificação familiar. Aqui família constituía-se de fato após uma série de regulamentos de afiliação e aliança, aceitos pelos membros.

do humano e traz para o homem a mais duradoura e profunda satisfação. A vida familiar fornece um meio favorável no quais as atividades da criança começam a germinar e se desenvolver.

É na família que se encontra o capital cultural responsável pela formação do conjunto de valores, é o lugar em que reunimos recursos para a satisfação de nossas necessidades básicas. A família exerce uma função mediadora, de adaptação entre o indivíduo e as estruturas sociais.

Segundo Minuchin (1990), a família é um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza a interação dos membros da mesma, considerando-a, igualmente, como um sistema, que opera através dos padrões transacionais. Assim, no interior da família, os indivíduos podem constituir subsistemas, podendo estes ser formados pela geração, sexo, interesse e/ou função, havendo diferentes níveis de poder, em que o comportamento de um membro afeta e influencia os outros membros. A família como unidade social, enfrenta uma série de tarefas de desenvolvimento, diferenciando-se culturalmente, mas possuindo as mesmas raízes universais.

A concentração da família em torno da criança é um dos quesitos de sucesso para a sua segurança emocional e social, a coexistência no seio familiar desperta na criança os valores e a boa qualidade humana.

A criança que se sente desfalcada da família, ou seja, fora do seio familiar, desprotegida, mal amada, torna-se frustrada e profundamente magoada. A ausência familiar em sua vida particular e social resulta em carência, falta de estímulo e muitas vezes em rebeldia. Isso faz com que busque na escola o carinho e a compreensão que não encontra em casa.

É imprescindível reconhecer que a família, independente do modelo como se apresente, pode ser um espaço de afetividade e de segurança, ou de incertezas, rejeições, preconceitos e até mesmo de violência. Nessa conjuntura, é fundamental que a escola conheça seus alunos e as famílias com as quais lida, diagnosticando durante o relacionamento escola e família, quais suas dificuldades, seus planos, medos, anseios, as características e particularidades que marcam a trajetória de cada família e, conseqüentemente, do educando a quem as escolas atendem.

Essas informações são dados preciosos para que a escola possa avaliar com êxito suas ações, identificar demandas e construir propostas educacionais compatíveis com a realidade do aluno nela inserida.

A união família e escola possibilitam um exercer socializador com mais segurança e produtividade, fornecendo condições de mudanças para o aluno.

Um bom relacionamento dessas duas instituições permite uma educação que transforme o ser anônimo capaz de construir sua própria história e torne-se responsável pelos seus atos, provocando as rupturas para que o novo seja construído.

Conectar a inter-relação escola-família de forma mais estreita significa construir e desenvolver comunidades nas quais poderemos satisfazer nossas necessidades básicas ao aspirar uma melhor qualidade de vida para as gerações futuras. Para isso precisamos não só aprender sobre os princípios de convivência comunitária como também exercitar esses princípios por meio de relações mais frutíferas e comprometidas com o desenvolvimento educacional e social.

Sendo assim, é fundamental que as ações em favor da família sejam desenvolvidas e presididas pelos princípios da convergência e da complementaridade.

Nesse sentido é importante que o projeto escolar inicial se faça levando em conta os grandes e sérios problemas sociais tanto da escola como da família, como indicam os parâmetros curriculares. Repensar sobre o papel e sobre a função da educação escolar, seu foco, sua finalidade, seus valores, é uma necessidade essencial. Isso significa considerar características, ânsias, necessidades e motivações dos alunos, da comunidade local e da sociedade em que ela se insere. A escola tem necessidade de encontrar formas variadas de mobilizações e de organização dos alunos, dos pais e da comunidade, integrando os diversos espaços educacionais que existem na sociedade. Substancialmente o que a escola deve fazer é melhorar a posição da família na agenda escolar já implementada pela legislação existente.

A família que a escola busca não deve ficar restrita apenas à figura materna, fruto da cultura do mito do “dom feminino” em que a mulher é vista como responsável pela educação dos filhos.

Essa cultura obstaculiza a proposta de atividades que envolvam a totalidade da constituição familiar, como pais, irmãos e por que não tios e avós? Por último, mas também crucial, é a questão da participação da família na escola. É preciso ter clareza do que entendemos por participar. Será que é estar presente nas reuniões para ouvir informações burocráticas e queixas referentes ao mau comportamento dos alunos? Será que é ter acesso a decisões previamente estabelecidas? Será que é ajudar a organizar a festa junina da escola? Será que é poder ouvir e falar? Será que é a possibilidade de uma ação coletivamente construída por todas as partes envolvidas no processo ensino-aprendizagem, na qual se compartilhe eqüitativamente, resguardadas as particularidades dos sujeitos envolvidos, a possibilidade de planejar, decidir e agir? Enfim, muitos podem ser os significados da palavra participar. É preciso que conheçamos as razões pelas quais as famílias não têm correspondido ao que nós educadores delas esperamos, enquanto participação na escola.

A família deve permanecer confiante e tranqüila com a escola em que deixa seu filho, além de demonstrar interesse e curiosidade e valorização de suas aquisições e avanços. Às vezes, quando o aluno apresenta determinadas dificuldades, essa confiança pode diminuir ou até desaparecer, é quando a família atua de forma contraposta a esse contexto, contribuindo para a confusão e insegurança do aluno.

O que fazer como interpretar e como agir?

Atitudes isoladas tomadas dentro do ambiente escolar por si sós provavelmente não serão suficientes para uma solução definitiva de aprendizagem.

Desse modo, a aprendizagem esta intimamente relacionada à união da família e da escola junto ao sistema educacional.

Para Imbernón (2000, p.202):

É preciso empreender seriamente um novo debate sobre as funções do sistema educativo, sobre as tarefas que socialmente lhe são encomendadas, para ver como, paulatinamente, pode-se transformar em uma instituição não só transmissora de conhecimento, mas também transmissora, de modo patente, de critérios e normas de comportamento. Transmissão na qual o sistema educativo sempre participou por meio, entre outras coisas, do que se denominou "currículo oculto", mas sem colocar nem discutir quais eram essas normas, e inclusive, alegando que não era um terreno de sua incumbência.

Família e escola devem buscar formas de integração adequadas à resolução de problemas geralmente mais complexos do que parecem. A busca conjunta de solucionar algumas barreiras encontradas pelo aluno faz com que ele se sinta mais fortalecido e confiante e, acima de tudo, com a sensação de que todos os adultos envolvidos estão preocupados com seu futuro prospero e acima de tudo com a sua formação humana (valores, religiosidade, caráter e outros). Afinal quem não gosta de se sentir seguro, protegido e amado.

Uma leitura mais cuidadosa e acurada a respeito das transformações ocorridas no âmbito familiar irá nos mostrar que com o avanço industrial, a urbanização e a modernidade fizeram com que diversas e complexas mudanças ocorressem na estrutura familiar tradicional. O resultado é que a família tradicional foi dando lugar à família contemporânea, com rupturas de modelos tradicionais, mudança de identidades sexuais, mudanças nos fundamentos religiosos e de valores, gerando insegurança e incertezas.

Porém, a família deixa patente sua plasticidade e sua enorme capacidade de mudança e de adaptação às transformações econômicas, sociais e culturais mais amplas, bem como sua persistente relevância, notadamente como espaço de sociabilidade e socialização primárias, de solidariedade e de proteção social. Mas mesmo assim é notável a dificuldade em transmitir valores perante tantos meios de informações, causando dúvidas do certo ou errado, e de como agir com seus filhos.

Esta fragilidade não está restrita apenas à família ao educar. A escola também se deparou com essas mudanças e sente também uma grande dificuldade de atender e entender o seu aluno.

É nesse contexto que a família e escola necessitam trabalhar juntas para a socialização de seus filhos e alunos, A parceria com a família traz à tona a necessidade que a escola tem se aliar com a família, para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Ninguém educa sozinho. O desafio aí é desenvolver essa parceria de forma construtiva, estabelecendo espaços apropriados para a participação responsável dos pais, de acordo com suas possibilidades e habilidades.

A família e escola devem se aliar para preparar o ser não apenas durante os anos escolares, mas para toda a vida, com disposição para dialogar e buscar consenso, para obter a racionalidade em suas ações.

5 - METODOLOGIAS DE PESQUISA

Por metodologia entende-se o que foi pensado e realizado no caminho da pesquisa. É uma descrição do “como” procedemos para buscar os dados e como analisá-los, além de caracterizar toda a trajetória percorrida.

As trajetórias da pesquisa enfatizam a abordagem qualitativa.

Segundo Lüdke e Menga (1986), em seu livro “A Pesquisa Qualitativa em Educação”, Bogdan e Biklen destacam cinco características básicas que configuram esse tipo de estudo: supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que estão sendo investigados, via de regra, através do trabalho intensivo de campo, o material obtido nessas pesquisas é rico de descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e depoimentos, fotografias, desenhos e extrato de vários tipos de documentos. Todos os dados da realidade são considerados importantes, pois o interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas; nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar as “perspectivas dos participantes”. Em função das maneiras como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo sendo que o pesquisador vai precisando esses focos à medida que o estudo se desenvolve.

Esta modalidade da pesquisa alerta que investigador e investigado são sujeitos criados historicamente e contextualizados, sendo ambos elementos do fazer científico.

No trabalho realizado, para a abordagem qualitativa, foi utilizada a intervenção na qual se procurou criar e vivenciar em sala de aula situações de participação, discussão e diálogo sobre assuntos relacionados à ética.

Segundo Thiollent (1984), a pesquisa de intervenção possibilita que as atividades pedagógicas e educacionais não sejam vistas apenas como transmissão ou aplicação de informações. Ela também tem uma dimensão conscientizadora e comunicacional.

Por ser de intervenção a modalidade de pesquisa proposta teve como objetivo principal que os alunos discutissem temas éticos atuais para que se pudesse obter “conscientização” e os problemas candentes de realidade.

Para Thiollent (1984 p.49 – 50), na pesquisa de intervenção:

Os pesquisadores estabelecem canais de investigação e de divulgação nos meios estudados, nos quais a interação entre os grupos “mais esclarecidos” e os “menos esclarecidos” geram ou preparam mudanças coletivas nas representações, comportamentos e formas de ação.

A pesquisa de intervenção é uma forma de pesquisa participante e segundo Thiollent (1984), essa linha de investigação encontra-se justamente nas experiências de educação popular, ou seja, há valorização do saber popular, do saber do senso comum possibilitando um projeto de transformação da realidade que supõe a superação do isolamento, da exclusão, nos quais o aluno é visto como sujeito do processo investigado.

Silva (1986) cita Marcela Gajardo, que diz que, na década de 70, pode-se reconhecer na pesquisa participante duas vertentes, uma sociológica que desemboca na militância política. A autora identifica nessa vertente, também, o surgimento de duas modalidades de propostas de caráter participativo: a investigação militante e a observação militante. A segunda vertente conforme Gajardo é a educativa, que parte da investigação temática, proposta como momento inicial do método de Paulo Freire, também desenvolvido por João Bosco Pinto. “Essa vertente se funda, portanto, no conceito de educação libertadora, cuja preocupação é colocar o homem oprimido, tradicionalmente concebido como objeto da educação, no centro do processo educativo”. Situando o objetivo do processo educativo na transformação da estrutura social. (Silva 1986 p.71).

“Freire concebe a pesquisa de cunho participativo como um momento do processo educativo, ele é considerado o pioneiro da pesquisa participante no Brasil, por alguns autores”. (SILVA, 1986 p. 43).

Para Silva (1986, p. 43):

Em termos conceituais, percebe-se que Freire atribui duas características básicas à pesquisa: relação de reciprocidade entre o sujeito e o objeto e relação dialética entre teoria e prática. Para Freire, os grupos populares não são mero objeto de pesquisa, mas sujeitos do conhecimento, pois, só se pode conhecer a realidade com a participação deles. Numa perspectiva libertadora, na pesquisa, têm-se os sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais, do outro, os grupos populares e como objeto a ser desvelado, a realidade concreta.

Na pesquisa, participante a pessoa é sujeito de aprendizagem e não objeto passivo de ação do professor.

Segundo Silva (1986) ainda, Freire concebe a pesquisa de caráter participativo, como um momento do processo educativo, denominado de pesquisa temática, sendo esta o ponto de partida, por ser um momento de busca de conhecimento, através de temas geradores em interação com uma metodologia dialógica e conscientizadora. Freire fala da devolução do universo temático recolhido através da investigação que se deve dar em forma de problema e não de dissertação, sendo que esse universo temático é devolvido apenas a quem o recebe de modo sistematizado e ampliado, possibilitando que a problemática que veio deles volte a eles.

A proposta a que submetemos essa pesquisa necessitou da participação ativa dos alunos na seleção dos temas a serem discutidos, na sugestão de alternativas, na construção dos questionários respondidos, nas discussões em sala de aula e nas conversas informais. Essa sugestão proporcionou o diálogo entre alunos e professor, alunos e alunos, no que se buscou conscientização a partir dos assuntos abordados no andamento da pesquisa, na busca da compreensão da realidade, de posicionamento frente aos itens estudados para transformação da nossa realidade.

Para Silva (apud SHUTTER, 1986 p. 77) o método de investigação participativa:

Envolve seus supostos beneficiários num processo de investigação, educação – aprendizagem e ação. É visto como um método educacional e poderoso instrumento de conscientização. Pode ser caracterizado como uma investigação qualitativa, podendo, porém, contemplar elementos quantitativos, mas sempre no âmbito de uma problemática qualitativa. Nessa modalidade, o investigador profissional é sobretudo um assessor metodológico, uma vez que tem como objetivo a liberação do potencial criador e a mobilização de recursos humanos para a solução dos problemas sociais e a transformação da realidade.

Objetivos

Os objetivos propostos para a pesquisa foram:

Objetivo Geral:

- Vivenciar refletir sobre situações didáticas, dinâmicas, de estudo de temas éticos e de valores sociais.

Objetivos Específicos:

- Identificar os valores que norteiam as ações dos alunos em relação aos temas abordados: (Relação de convivência entre Pais e Filhos, Traição, Sexualidade, Drogas, Preconceito e Violência), como diagnóstico de realidade para orientação didático pedagógica das aulas;

- Apreender e registrar reações dos alunos ao estudar situações, gravuras, frases referentes a temas éticos;

- Oferecer oportunidades de tomada de consciência pelos alunos, a partir da reflexão sobre questões éticas.

– Área geográfica da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola Estadual, localizada na cidade de Presidente Prudente – SP e pertencente à Diretoria de Ensino deste município.

– Procedimento de coleta de dados

Os procedimentos de coleta de dados utilizados foram num primeiro momento levantamentos de temas relacionados a questões éticas atuais, complexas de interesse dos alunos e que envolvessem valores. A finalidade em obter tais temas foi a de verificar os conflitos, dificuldades e opiniões dos alunos diante de fatos ocorridos no cotidiano.

Os temas levantados foram seqüenciados conforme indicação e preferência dos alunos e distribuídos pelo número de aulas desenvolvidas (16 aulas) durante dois meses, março e abril de 2006. A partir desses temas, questionários foram elaborados para serem respondidos pelos alunos ao final de cada aula sobre a questão discutida.

Nas aulas, houve discussão sobre os temas selecionados, a partir dos casos apresentados, desenhos, reportagens, manchetes de jornais e frases trazidas pelos alunos.

O professor pesquisador sempre fechava a discussão destacando os aspectos que foram mais discutidos e resumindo o que foi comentado. O questionário, elaborado sobre o tema, era respondido pelos alunos, após essa discussão de cada tema em aula.

O desenrolar de cada tema aparece narrado no capítulo de apresentação dos dados.

Foram elaborados relatórios de cada aula realizada, registro dos fatos e conversas relacionadas aos temas, conversas informais e as observações consideradas importantes que revelavam as atitudes e valores dos alunos, no decorrer da aula. Esses relatórios serviram como diário de campo, na observação realizada.

- Andamento da pesquisa

Os temas abordados na pesquisa tiveram como ponto de referência assuntos atuais polêmicos e geradores de atitudes, valores e opiniões, constantemente debatidos entre os jovens de 13 a 16 anos.

De início, a pesquisadora explicou aos alunos que se tratava de uma pesquisa que visava conhecer o que sabem sobre o assunto e possibilitar uma

tomada de consciência por parte deles, além de compreensão mais profunda dos temas abordados. A adesão à pesquisa foi fácil.

Foi solicitado aos alunos que buscassem em livros, jornais, revistas “teen” e internet, temas referentes aos assuntos tratados em seu grupo de amigos e trouxessem para a escola, nas aulas de Educação Física (a pesquisadora leciona Educação Física).

Vários assuntos foram trazidos e entre eles: C.P.I.⁴ (Bingos – Palocci), pena de morte, máfia no esporte, doença em fase terminal, sexualidade, drogas e outros.

A seleção de assuntos a serem estudados obedeceu à maior frequência na indicação dos temas. A ordem de prioridade foi: relação de convivência entre pais e filhos, sexualidade, drogas, preconceito e violência.

Os alunos receberam da pesquisadora uma relação do que iria ser discutido nos encontros, para o qual deveriam vir preparados para participar. Esse preparo consistiu em trazer material a ser utilizado em aula (fotografias, jornais, revistas, artigos, etc.). Explicou aos alunos, insistindo que se tratava de uma pesquisa que visava a conhecer o que sabiam sobre o assunto e possibilitar, por parte deles, uma tomada de consciência sobre a realidade.

Os temas que resultaram da indicação dos alunos foram, (como já foi dito) por ordem de preferência na escolha:

- relação de convivência entre pais e filhos: Os alunos deveriam trazer para essa aula, quais os assuntos de maior dificuldade em ser dialogado com seus pais, para serem debatidos;

- traição: Nesse tema a tarefa a ser executada pelos alunos, era a de consultar em sites, revistas teens e jornais, quais os tipos mais comuns de traição existente entre os jovens, para serem debatidos em sala de aula;

⁴ C.P.I: (Comissão Parlamentar de Inquérito) - É uma investigação conduzida pelo Poder Legislativo, que transforma a própria Câmara Parlamentar em uma comissão para ouvir depoimentos e tomar informações diretamente dos envolvidos em escândalos públicos. As CPI's são abertas para atender aos reclamos do povo, quando o mesmo exige explicações sobre ocorridos políticos, pois é um instituto de democracia indireta na qual o povo age por meio de seus representantes eleitos.

-sexualidade: Os alunos deveriam analisar e trazer para trabalhar, nesse tema, as principais dúvidas sobre gravidez na adolescência, virgindade, aborto, e a sua opinião sobre homossexualismo e prostituição;

- drogas: Os alunos deveriam selecionar materiais (jornais, figuras, textos) sobre os tipos de drogas e suas conseqüências, para a confecção de cartazes em sala de aula, com o propósito de uma exposição e debate;

- Preconceito e Violências: Os alunos tinham como tarefa realizar uma pesquisa em seu bairro sobre os principais tipos de violência existente em sua comunidade, para realização de debates, e o início de um trabalho voltado ao cultivo da paz na escola e em sua comunidade.

- Andamento da aula

Todas as aulas seguiram o esquema seguinte: Indicação do conteúdo, estabelecimento do número de aulas, definição de objetivo da aula e desenvolvimento da aula.

Em cada aula foram realizadas: uma atividade pessoal sobre o tema, uma atividade coletiva, apresentação do resultado da primeira atividade, discussão em comum do trabalho realizado, síntese final realizada pelo professor e alunos, respostas a um questionário sobre o tema.

- Procedimento de análise de dados

Após os dados coletados, surgiu a necessidade de sintetizar as informações, sistematiza-las e analisa-las.

Foram analisados os relatórios de observação dos fatos ocorridos das aulas e as respostas aos questionários referentes a valores e atitudes relacionados ao estudado em classe.

6 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Este capítulo faz a descrição dos dados obtidos com a pesquisa, traduz esses dados em gráficos e discute os resultados.

A começar, são descritos o desenvolvimento de cada aula.

Em cada aula, os alunos desenvolviam uma atividade (uso de revistas, conversas com os pais, montagem de gravuras e outros), que servia de ponto de partida para a discussão em classe com orientação da professora. A seguir, no trabalho, cada aula aparece descrita com detalhes.

Em todos os temas abordados, os alunos, do final de cada assunto, que às vezes durava mais de uma aula, responderam a um questionário (já referido), elaborado pelo professor pesquisador sobre os diversos temas, com alternativas que iam de A - E, A - F, e de A -G sendo as últimas alternativas, sempre questões abertas.

Um total de 110 jovens foi participante dessa pesquisa, sendo 61 meninos e 49 meninas na faixa etária de 13 aos 16 anos. A adesão espontânea dos alunos foi o critério de seleção dos participantes.

Esses estudantes correspondem a 22% do total de 480 alunos matriculados no ensino fundamental e médio (até o 2º colegial). As séries que participaram da pesquisa são as sétimas e oitavas do Ensino Fundamental e os primeiros anos e segundo ano do Ensino Médio, que foram sorteados aleatoriamente e participaram da discussão de diversos temas.

O grupo pesquisado foi analisado por idade e não por série.

A seguir são apresentados os andamentos de cada aula desenvolvida com os alunos. Procuramos estabelecer articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo às questões e objetivos da pesquisa, o que constitui o esforço para estabelecermos relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e a prática.

6.1 Andamento das aulas e Resultado da Aplicação dos Questionários

A seguir são apresentadas as idades e sexo trabalhados durante a pesquisa, e as respostas dadas pelos alunos aos questionários desenvolvidos durante o andamento das aulas, cuja fonte são dados que foram trabalhados pela autora da pesquisa.

FIGURA 1 - IDADE

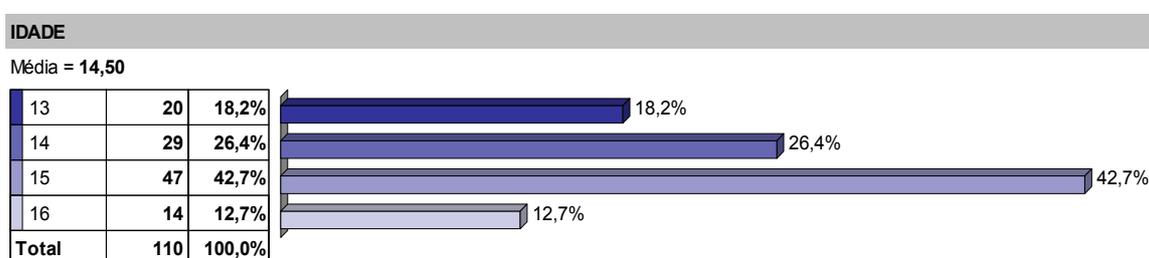
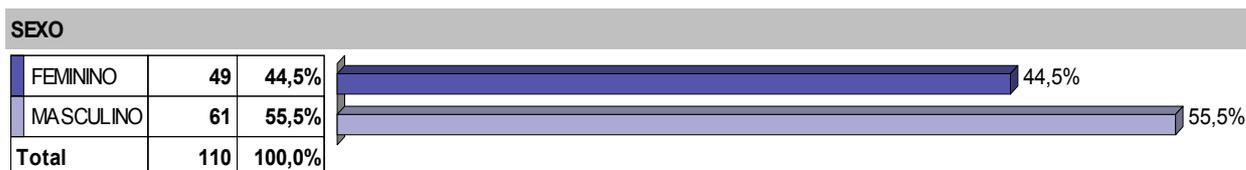


FIGURA 2 - SEXO



Andamento das aulas:

Aula: 01

a) - Conteúdo: Tema: Relação de Convivência ente Pais e Filhos;

b) - Número de aulas: 02

c) - Objetivo: Pelo diálogo com os alunos, analisar se ocorre e como ocorre o diálogo deles com seus pais, quando o assunto é drogas e sexo;

d) - Desenvolvimento da aula

Argüidos sobre o tema, os alunos relataram a dificuldade em dialogar com seus pais sobre assuntos ainda considerados “tabus”: sexo e drogas. Realizaram um debate a respeito de suas atitudes e a de seus pais diante desses assuntos.

Ficou evidente, no decorrer do debate, que dialogar sobre drogas, relação sexual, virgindade, gravidez, namoro e camisinha, pais e filhos sentem constrangimento e receio em ter esse tipo de conversa. Alguns alunos dizem que não há conversa direta sobre o assunto, pois temem a “carece autoritária dos pais”; outros desconversam evitando dialogar com seus pais sobre esses assuntos, e a minoria tem alguma liberdade em dialogar com seus pais, mas todos admitem: não há muita abertura para esse tipo de diálogo acontecer. “Tudo é através de indiretas, tipo: olha o que aconteceu com aquela menina, ela está grávida; veja o que ela está passando; cuidado, o mundo está cheio de malandro para oferecer drogas; olha lá o que vai aprontar”. “Eles pensam que a escola e a televisão ensinam tudo, mas não temos com quem tirar nossas dúvidas pessoal. Não dá para falar tudo o que acontece com os professores sobre esses assuntos nem a televisão diz tudo”.

Notou-se que são raros os pais que conversam de maneira direta e aberta com seus filhos sobre sexo e drogas como forma de orientação. Percebe-se que esses jovens clamam por um diálogo com mais liberdade e instrutivo junto a seus pais. Sem ter com quem conversar e esclarecer as suas dúvidas ficam restritas a roda de amigos, e a maioria segue os mesmos caminhos e se aventura com falta de informação.

e) - Término da aula

Concluimos (professor e aluno) que há necessidade de diálogo aberto, direto e franco sobre o tema.

Mas percebemos que esperam que os pais tomem a iniciativa de diálogo, não eles, alunos. Não perguntam, não apresentam as dúvidas. Resistem em fazê-lo.

O assunto sobre relação de convivência entre pais e filhos foi encerrado com questionário sobre o assunto, aplicado pelo pesquisador.

Após tabulação dos questionários, será apresentada a tabulação dos resultados em porcentagem.

01 - RELAÇÃO DE CONVIVÊNCIA ENTRE PAIS E FILHOS

01) Na relação pais e filhos, os pais devem dar broncas sem medo de causar traumas e frustrações quando o filho agir de forma que possa prejudicar a si mesmo e a outras pessoas?

A - sim, afinal eles têm que nos orientar;

B – sim, os pais devem ter total controle sobre seus filhos, os que não tem os filhos estão perdidos;

C - sim, mas devem se controlar um pouco nas broncas;

D - não, pois sei o que faço;

E - não, pois a bronca faz o filho ficar revoltado;

F - outra resposta

Relação de convivência entre pais e filhos – questão nº. 01

FIGURA 3 - MASCULINO

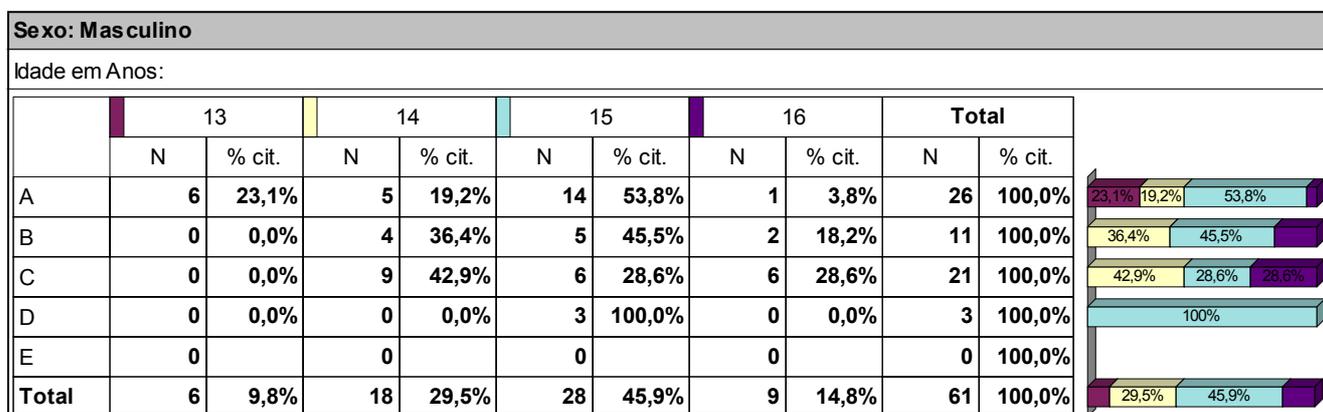
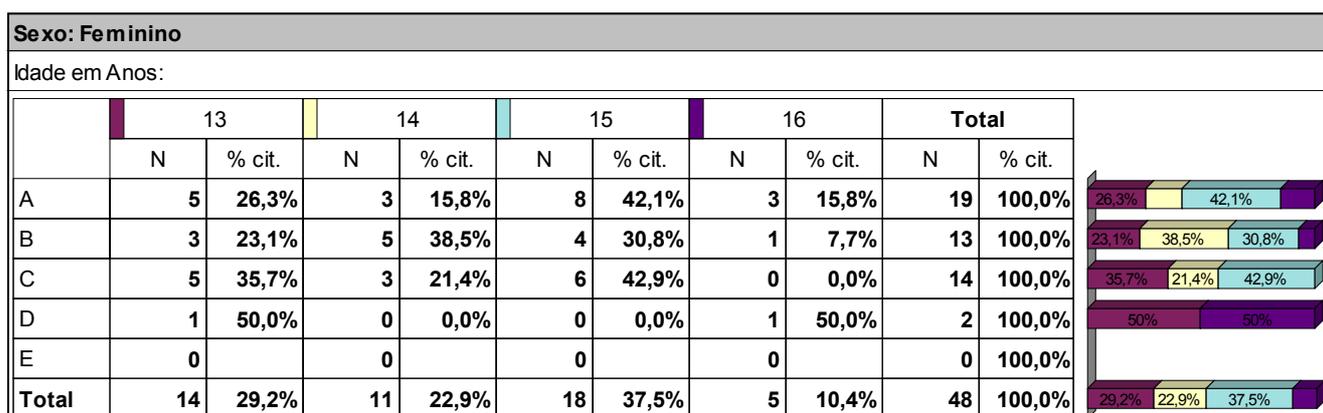


FIGURA 4 - FEMININO



Discussão dos dados da Questão 01 – Relação de convivência entre pais e filhos

01) Na relação pais e filhos, os pais devem dar broncas sem medo de causar traumas e frustrações quando o filho agir de forma que possa prejudicar a si mesmo e a outras pessoas?

A - sim, afinal eles têm que nos orientar;

B – sim, os pais devem ter total controle sobre seus filhos, os que não tem os filhos estão perdidos;

C - sim, mas devem se controlar um pouco nas broncas;

D - não, pois sei o que faço;

E - não, pois a bronca faz o filho ficar revoltado;

F - outra resposta

Apesar de a busca pela liberdade expressada da juventude evidente, os meninos de 13 e de 15 anos demonstraram que é de grande importância a orientação dos pais em relação as suas atitudes e que o diálogo é fundamental numa boa relação entre pais e filhos.

Segundo Zagury⁵ (1997), educar os filhos na adolescência não é nada fácil, fazer deles pessoas cooperativas, produtivas e solidárias é uma tarefa árdua. Os pais devem transmitir carinho e firmeza aos filhos, para que possam conhecer a realidade e respeito pelo próximo. São atitudes a serem construídas na educação dos filhos cujos pais devem evitar a agressividade e imposição, como, por exemplo, fazer com que os filhos respeitem o trabalho doméstico, não fazendo da faxineira uma escrava nem abusar com desrespeito, e sim ajudá-la na organização da casa e das coisas que muitos jovens têm por hábito deixar esparramadas pela casa. Os pais devem conscientizar os filhos do valor a ser dado ao trabalho das pessoas, não importando qual função elas desempenhem.

Os meninos de 14 anos e 16 anos concordam em ser orientados pelos pais, mas pelo diálogo, e não por “brincas”. A conversa não desperta o espírito de contradição, de resistência e de rebeldia nos jovens, como acontece com as “brincas” desmedidas e agressivas. Muitas vezes os adolescentes repetem o erro por ficarem chateados ou revoltados com a maneira não adequada como são tratados, por isso não aceitam referências indiretas e agressivas a colegas envolvidos em problemas graves, sem o enfrentamento direto da questão em foco.

Ao observar todas as idades e apenas a distinção de sexo. Ficou evidente a necessidade que os jovens têm de ser acompanhados pelos pais.

⁵ Tânia Zagury, pesquisadora, filósofa e mestre em Educação, com 28 anos de experiência profissional. Em sua obra “O adolescente por ele mesmo”, é um chamado para a participação ativa dos verdadeiros protagonistas desta história: Os adolescentes.

Aceitam tal fato com facilidade, mas reafirmam a necessidade de diálogo que exige acatamento, compreensão, atuação e ataque direto ao problema e não “rodeios” com citação de acontecimento aos seus colegas.

Para Zagury (1997), os pais, sendo eles modernos, tradicionais ou mistos, devem agir com coerência e estar firmemente definidos a respeito do que desejam em termos da educação dos filhos, sua atuação deve ser com amor e atenção.

Os pais são os adultos dessa relação, são eles que devem determinar o caminho da educação dos filhos e serem firmes em suas decisões, mostrando para o filho com o diálogo e compreensão, com o caminho do bem e do respeito ao próximo.

Em sua pesquisa Zagury (1997), constatou que os jovens não querem pais “moderninhos” sem impor restrições, afinal eles não são tão ingênuos assim, querem pais que lhes dêem segurança, os ouçam durante as conversas e acima de tudo quererem receber apoio e orientação nas suas incertezas e dificuldades, predominantes nessa fase da vida.

Nas respostas dos jovens em ambas as pesquisas, percebe-se que eles anseiam em dialogar com seus pais e desejam que aqueles tenham atitudes coerentes, que lhes inspirem segurança e que sejam mais diretos em suas orientações, em suas considerações.

De acordo com Zagury (1997), em se tratando da relação entre pais e filhos, os jovens querem, sim, pais modernos para conversar, mas não aqueles cuja liberdade os deixem inseguros, como por exemplo, beber junto a eles, falar palavrões e até mesmo deixá-los fazer tudo à vontade. Os adolescentes querem pais que falem sobre todos os assuntos, que os ouçam, respeitem e orientem e, acima de tudo, que demonstrem os seus deveres e respeitem os seus direitos.

01 - RELAÇÃO DE CONVIVÊNCIA ENTRE PAIS E FILHOS

02) Se os pais desconfiarem que seu filho esteja usando algum tipo de droga:

A - Eles têm o direito de questionar o filho;

B - Eles têm o direito de vigiá-lo e até mesmo invadir sua intimidade;

C - Devem apenas conversar de modo que o filho venha a revelar toda verdade;

D - Não adianta conversar, pois jamais o usuário irá revelar a seus pais;

E - Cada um sabe o que faz, pois a vida ensina;

F - Outra resposta;

Relação de convivências entre pais e filhos – questão nº. 02

FIGURA 5 - MASCULINO

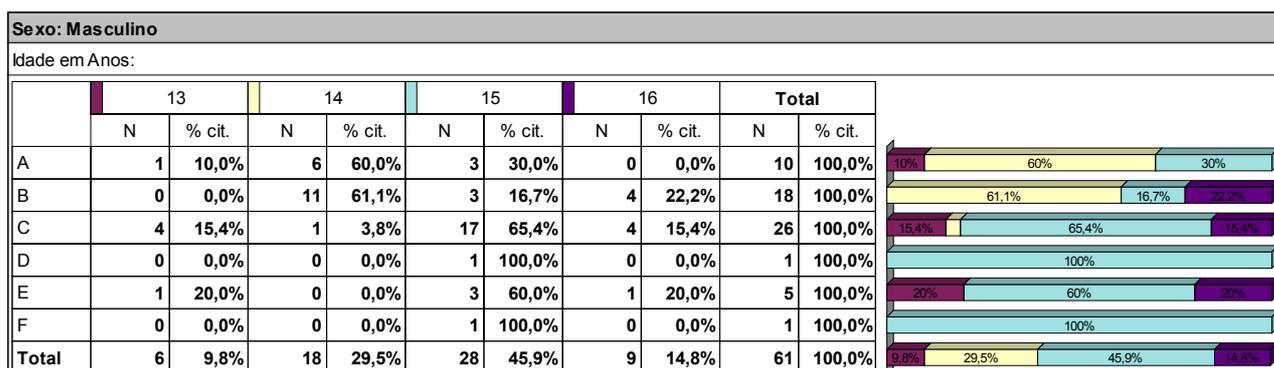
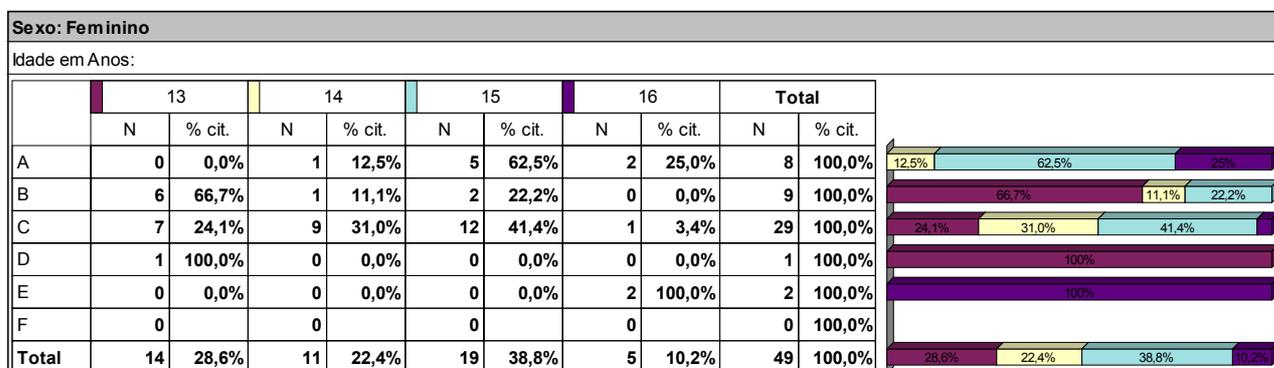


FIGURA 6 - FEMININO



QUADRO 1 - DE ALTERNATIVAS JUSTIFICADAS

OUTRAS RESPOSTAS ASSUNTO - 01 PERGUNTA 02	SEXO - IDADE
F – Eu converso se não adianta eu ajo diferente	Meninos - 15 anos

Discussão dos dados da Questão 02 – Relação de convivência entre pais e filhos

02) Se os pais desconfiarem que seu filho esteja usando algum tipo de droga:

- A - Eles têm o direito de questionar o filho;
- B - Eles têm o direito de vigiá-lo e até mesmo invadir sua intimidade;
- C - Devem apenas conversar de modo que o filho venha a revelar toda verdade;
- D - Não adianta conversar, pois jamais o usuário irá revelar a seus pais;
- E - Cada um sabe o que faz, pois a vida ensina;
- F - Outra resposta;

Em relação à atitude dos pais ao descobrirem que seu filho está usando drogas, os alunos do sexo masculino, de 13 anos, mostraram que eles não suportariam a hipótese de seus pais serem vigilantes a ponto de invadir sua privacidade. Defendem que os pais devem conversar com os filhos caso desconfiem de algo. Já as meninas acham que quando o assunto é drogas, os pais devem interferir e ser vigilantes.

As meninas de 14 anos defendem que uma boa conversa é capaz de fazer um jovem contar toda verdade aos pais. Já os meninos nesta mesma faixa etária, concordam que os pais devem ser vigilantes em se tratando de drogas.

A maioria dos meninos e meninas de 15 anos concorda que um bom diálogo faz com que os filhos revelem a verdade a seus pais.

Os meninos de 16 anos concordam com as meninas de 13 anos em que deve haver vigilância dos pais. As meninas de 16 anos apontam que os pais estão completamente errados em invadir a sua intimidade e não devem interferir. É

preocupante a indicação pelas meninas da alternativa que diz que “cada um sabe o que faz”, pois não devem interferir.

Ao dizer que cada uma sabe o que faz, as meninas parecem revelar segurança e amadurecimento; em contrapartida, apresentam um egocentrismo em relação ao próximo, ou seja, elas falam em um tom que parecem não se importar com quem usa drogas, afinal sabem o que estão fazendo. As meninas poderiam encarar a situação de um usuário como um momento de fraqueza e propor-lhe uma ajuda (orientação) amigável. Um pensar em conjunto, tentando ajudar o companheiro em seus momentos difíceis, proporcionando a busca pelo caminho do bem e da valorização à vida.

Deve-se proporcionar às meninas uma reflexão sobre esta frase “cada um sabe o que faz”. Afinal o estudo da ética proporciona o pensar e o agir de modo a reforçar as ações coletivas, solidárias pela compreensão da necessidade e valor delas, o que os alunos, mais que as meninas, manifestam em forma de ação.

Percebe-se de forma geral que meninos e meninas, em sua maioria, concordam que uma boa conversa faz com que um jovem seja capaz de revelar tudo a seus pais, se esta usando ou não drogas.

Zagury (1997) em sua pesquisa sobre jovens e o uso de drogas, constatou que a família é o capital principal no equilíbrio e estado emocional do jovem. A família quando é estruturada, com clima de harmonia, gera jovens estruturados. Observou-se também, que filhos de pais separados, ou que convivem em ambiente de brigas e agressões, apresentam-se emocionalmente fragilizados, propenso a ser futuros usuários de drogas, e outros que já usam.

No quadro de justificativas, percebe-se a rebeldia do menino de 15 anos ao dizer que se a conversa não adiantar, ele faz diferente. Mas o que será este fazer diferente? Será que se ele sentir que há uma desconfiança e ele não usa drogas, ele passará a usar?

Segundo Zagury (apud Bucher 1997, p.113), os pais devem ficar alerta a alguns sinais que podem ser indícios que algo de errado está acontecendo

com seu filho: “irritabilidade; agressividade; falta de motivação para os estudos; falta de motivação para o trabalho; troca do dia pela noite; insônia; falta de motivação para namorar, sair, passear com os amigos; vermelhidão nos olhos; desaparecimento de objetos ou de dinheiro de casa, etc.”, são sintomas que podem significar o uso de drogas.

Diante de tais sintomas, os pais devem pensar bem antes de agir com os filhos, a repressão, a proibição de sair de casa pode fazer com que o jovem se afaste dos pais.

Segundo Zagury (1997), caso os pais venham a descobrir que seu filho esteja de fato usando drogas, pós a crise da descoberta, deve haver uma conversa com muita compreensão, carinho e afeto. Os pais devem se colocar à disposição dos filhos, procurar saber qual o problema que lhe esta atormentando, para buscarem uma possível solução conjunta. Nunca se deve ignorar ou se desesperar diante do fato, caso achem convenientes, busquem a ajuda de um profissional especializado, para serem orientados em suas ações.

Zagury (1997, p.116), apresenta um recado dos adolescentes aos pais que vem ao encontro da necessidade dos jovens dessa pesquisa: “Para nos mantermos longe das drogas, lícitas ou ilícitas, precisamos muito de seu exemplo antes de tudo. Da sua orientação, compreensão do seu carinho, de atenção e amor. Mas precisamos também de segurança e limite”.

O perfil dos pais que os nossos jovens procuram é aquele que oriente com amor, coloque regras, vigilante e que dialogue muito com eles, pois a segurança dada pelos pais é um fator importante para a estruturação dos jovens.

01 - RELAÇÃO DE CONVIVÊNCIA ENTRE PAIS E FILHOS

03) O que você acha da conversa séria sobre sexo com seus pais:

A - É uma necessidade, pois cabe aos pais orientarem;

B - Procuro evitar, pois acho que essa conversa com os pais uma caretece;

C - Será que o certo seria que os pais exigissem que os filhos sentassem e tivessem essa conversa;

D - Os pais devem aceitar a modernidade e permitir que os filhos tenham relações sexuais com total liberdade;

E - Gostaria que meus pais conversassem sobre sexo comigo com bastante liberdade, assim poderiam dar informações corretas e evitaríamos recorrer às amigas que muitas vezes nos dão informações falsas.

F – Outra resposta;

Relação de convivências entre pais e filhos – questão nº. 03

FIGURA 7 - MASCULINO

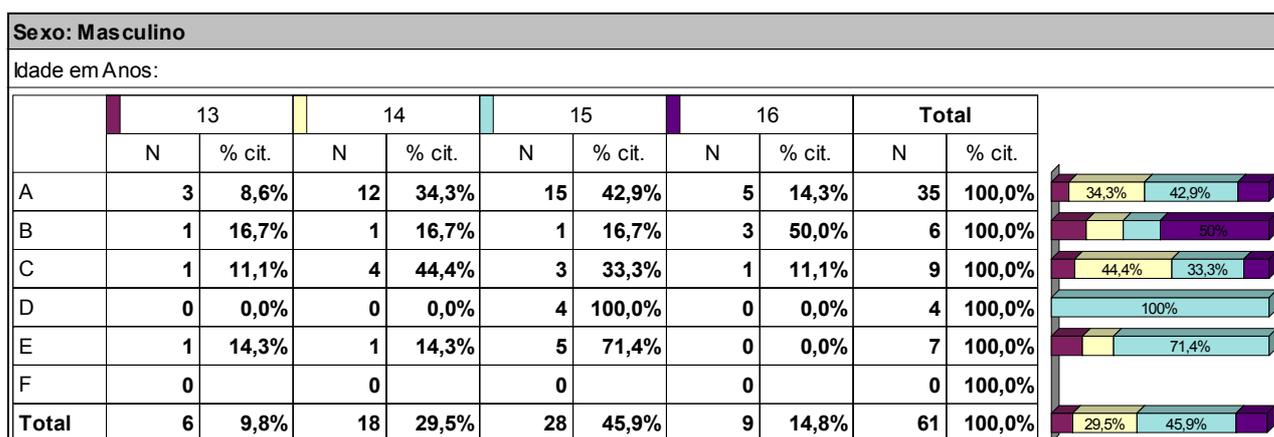
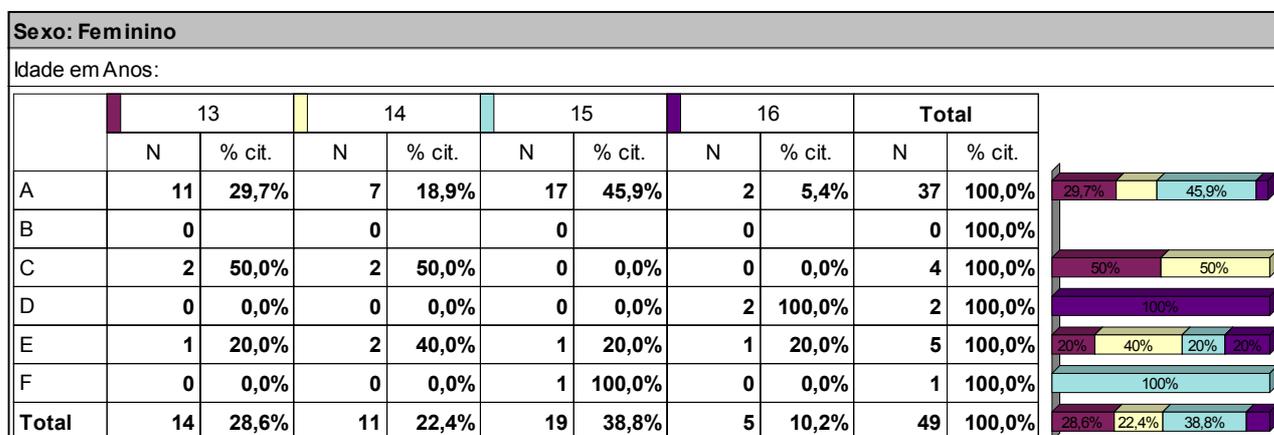


FIGURA 8 - FEMININO



QUADRO 2 - DE ALTERNATIVAS JUSTIFICADAS

OUTRAS RESPOSTAS ASSUNTO - 01 PERGUNTA 03	SEXO - IDADE
F - Eu acho que não deve ter conversa nenhuma, pois sexo do casamento.	Menina - 15 anos

Discussão dos dados da Questão 03 – Relação de convivência entre pais e filhos

03) O que você acha da conversa séria sobre sexo com seus pais:

A - É uma necessidade, pois cabe aos pais orientarem;

B - Procuo evitar, pois acho que essa conversa com os pais uma caretice;

C - Será que o certo seria que os pais exigissem que os filhos sentassem e tivessem essa conversa;

D - Os pais devem aceitar a modernidade e permitir que os filhos tenham relações sexuais com total liberdade;

E - Gostaria que meus pais conversassem sobre sexo comigo com bastante liberdade, assim poderiam dar informações corretas, e evitaríamos recorrer às amigas que muitas vezes nos dão informações falsas;

Em se tratando de conversa sobre sexo, a maioria dos meninos concordam que os pais devem orientar seus filhos.

Os meninos e as meninas de 13 anos, 14 anos e 15 anos, em sua maioria, concordam em que há uma necessidade de receberem orientação de seus pais.

O que mais chamou a atenção foi que há uma grande parcela de meninos de 16 anos que encaram esse tipo de conversa com os pais uma “caretice”. As meninas de 16 anos defendem a liberdade sexual e concordam ser conveniente que seus pais aceitem a modernidade e permitam que seus filhos tenham relação sexual quando acharem que é o momento certo, evitando a repressão sexual.

No quadro de justificativas, apenas uma menina disse que o ato sexual deve ser praticado após o casamento e que antes disso nem se deve falar de sexo.

Será que o sexo deve ser uma ação biológica e física, ou deve ser um ato de amor? Será que o ato sexual deve acontecer naturalmente e com responsabilidade ou deve ser feito como manifesto de liberdade sexual?

Conforme esses dados obtidos, Zagury (1997, p. 171) mostra que houve bastante progresso feminino quanto ao querer sentir prazer no ato sexual. Mas o sexo masculino ainda prefere quantidade a qualidade, biologicamente falando o ato sexual masculino, em quase 100% das vezes, termina na ejaculação, seguida de orgasmo mais ou menos intenso, ficando o ato sexual do homem resumido a isso. “Os jovens, segundo a ótica de alguns deles, praticamente só vivem e agem em função do sexo. Parecem não ter ética, amizade, lealdade, nem outros interesses”.

Ao analisar a porcentagem das respostas de forma geral, nota-se que os jovens necessitam da orientação dos pais e que o diálogo sobre sexo com seus filhos é uma necessidade, mas que deve ser bem dirigido, para evitar insegurança e medo.

As dúvidas dos filhos devem ser respondidas com clareza pelos pais. Mas os filhos devem apresentar as suas dúvidas para serem discutidas.

Segundo Zagury (1997), os pais encaram com grande preocupação a vida sexual dos filhos, muitos não conversam, deixando que seus filhos se informem sobre o assunto através de leituras escondidas de livros ou revistas sobre sexo, conversas com amigos ou às vezes com irmãos mais velhos, colhendo vastas informações muitas vezes incorretas. Atualmente, as coisas parecem caminhar mais para um diálogo entre pais e filhos, mas há ainda muita dificuldade em falar sobre esses assuntos.

Suplicy (1984, p.31) afirma que:

O adolescente que menos informação tem sobre sexo é o que mais experimenta. Dessa forma muitas dores que poderiam ser evitadas não o são. O jovem acaba aprendendo sexo engravidando, aprendendo a se cuidar, depois de ter doença venérea, a se defender depois de ter sido abusado.

Para Zagury (1997, p.169), “O ideal seria que todos os pais tivessem liberdade consigo próprios para poderem transmitir essas informações fundamentais aos filhos”. “Dar aos filhos bons livros e artigos sobre o tema é uma forma interessante de contornar essa timidez”.

A dificuldade de os pais abordarem francamente a realidade é real, mas, e o inverso? Apontar aos adolescentes as dificuldades que vivem com espontaneidade?

Andamento das aulas

Aula: 02

- a) Conteúdo: Tema: Traição
- b) Número de aulas: 02 aulas
- c) Objetivo: Conhecer e analisar as atitudes dos jovens diante de alguns casos de traição
- d) Desenvolvimento da aula:

Os alunos pesquisaram na internet, em revistas “teen” e jornais, quais os principais tipos de traição existentes entre os jovens de hoje e discussões em classe acentuaram que, segundo os alunos, os tipos mais comuns de traição são entre casais de namorados e entre amigos (as) que tentam tomar seus “paqueras” ou namorados (as). Vários casos foram abordados.

Diante dos casos abordados pelos alunos e discussão deles sobre os principais tipos de traição existentes entre os jovens, a pesquisadora distribuiu aos alunos uma folha sulfite em branco, para que relatassem qual atitude teriam de tomar em relação às duas situações.

Após escreverem sobre suas atitudes frente à traição, os alunos depositaram a folha escrita em urna “caixa de papelão”, para serem lidas e comentadas. Cada opinião foi discutida sem registro do autor.

Para que suas opiniões a respeito de que atitudes tomariam em caso de traição fossem relatadas com mais segurança e verdade, os alunos não se identificariam, apenas colocariam o sexo para uma possível comparação.

A cada dez atitudes lidas, havia um espaço de cinco minutos para um comentário sobre aquelas opiniões.

e) Termina da aula:

Tanto na leitura, como no debate, as meninas demonstraram ser mais vingativas e rancorosas que os meninos em suas atitudes, tanto na traição de seu parceiro como na de sua colega. Os meninos em relação ao namoro demonstraram partir para outra, esquecendo o fato com mais facilidade e sem vingança. No caso da traição entre amigos, todos demonstraram mais magoa do que vingança ou rancor.

Houve a aplicação dos questionários sobre o tema pela pesquisadora.

As tabulações dos questionários aparecem mais adiante.

02 – TRAIÇÃO

01) Caso você fosse traído (a), qual seria a sua reação, após refletir sobre sua relação como um todo:

A - Jamais perdoaria uma infidelidade

B - Prefiro nem mesmo levantar a hipótese de ser vítima de uma traição, pois acabaria perdendo;

C - Saber que foi enganado é sempre uma experiência dolorosa, mas o retorno é a cura dessa dor, pagaria na mesma moeda;

D - Partiria para agressão contra ele e contra ela;

E - Perdoar ou não depende de cada pessoa ou do tipo de relação existente entre o casal, pois muitas mulheres perdoam por questões financeiras;

F - O desprezo seria a solução, pois ignorar deixa dúvidas em quem traiu;

G - Outra resposta.

TRAÇÃO – QUESTÃO Nº. 01

FIGURA 9 - MASCULINO

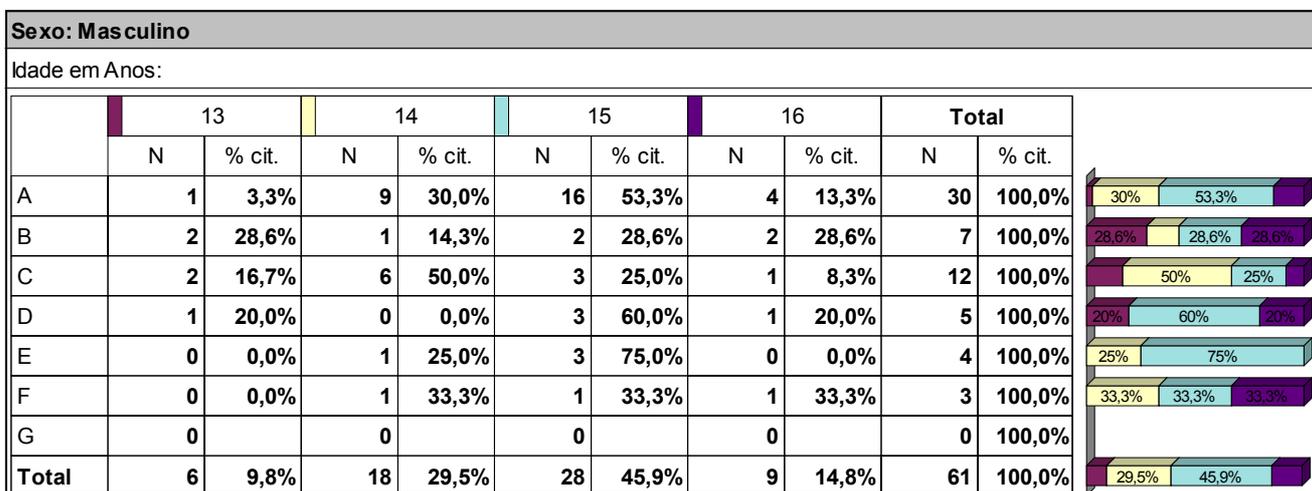
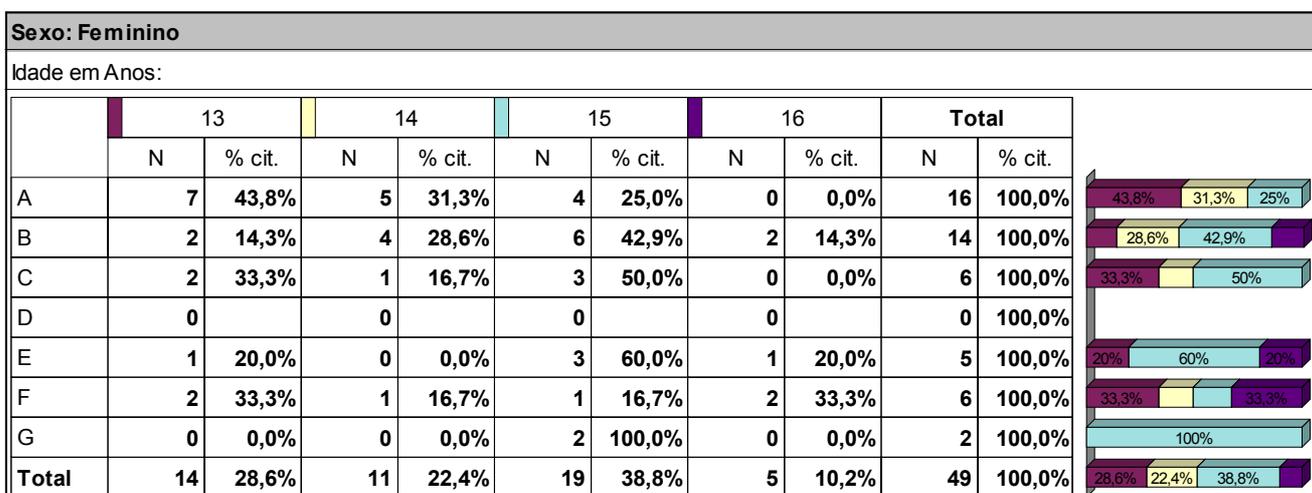


FIGURA 10 - FEMININO



QUADRO 3 - DE ALTERNATIVAS JUSTIFICADAS

OUTRAS RESPOSTAS ASSUNTO - 02 PERGUNTA 01	SEXO - IDADE
G – Perdoaria, pois todos devem ser perdoados, mais jamais esqueceria;	Menina - 15 anos
G – Perdoaria porque todos erram e perdoar é bom.	Menina – 15 anos

Discussão dos dados da Questão 01 – TRAIÇÃO

01) Caso você fosse traído (a), qual seria a sua reação, após refletir sobre sua relação como um todo:

A - Jamais perdoaria uma infidelidade

B - Prefiro nem mesmo levantar a hipótese de ser vítima de uma traição, pois acabaria perdendo;

C - Saber que foi enganado é sempre uma experiência dolorosa, mas o retorno é a cura dessa dor, pagaria na mesma moeda;

D - Partiria para agressão contra ele e contra ela;

E - Perdoar ou não depende de cada pessoa ou do tipo de relação existente entre o casal, pois muitas mulheres perdoam por questões financeiras;

F - O desprezo seria a solução, pois ignorar deixa dúvidas em quem traiu;

G - Outra resposta;

Quando o assunto é traição, há uma grande incerteza de que atitude tomar, pois se for inconsciente, ou por impulso, ao se arrepender pode ser tarde demais.

Mesmo que terminar um relacionamento seja doloroso, a maioria das meninas de 13 e 14 anos e dos meninos de 14, 15 e 16 anos optaram por não perdoar.

Observa-se também que os meninos de 14 anos, além de não perdoarem, muitos deles pagariam com a mesma moeda. As meninas de 15 anos assinalaram todas as alternativas, exceto a que traz a palavra agressão, mas mesmo assim a maioria perdoaria.

O que mais chamou a atenção é que as meninas de 16 anos não aparecem nas alternativas que indicam imperdoáveis, mas sim nas alternativas em que relatam que o perdão e o desprezo como atitude à traição.

A atitude dos jovens, de modo geral, deixou evidente que a maioria dos meninos e meninas não perdoa a traição.

Percebe-se que na relação amorosa, as meninas perdoam mais do que os meninos, sendo estes mais vingativos. Seria essa atitude das meninas o resultado de carência do sexo oposto, até mesmo da figura paterna?

Segundo Giuliana (2002), historicamente, o fardo da traição sempre pesou mais do lado delas. Eram as mulheres que morriam de medo e culpa, martirizando-se ao pensar na família, no parceiro, no que o mundo iria falar se descobrisse sua “pulada de cerca”. Com a agravante de que, como dependiam financeiramente dos maridos, a infidelidade poderia significar morar no olho da rua. Ainda hoje, admitir uma traição é um tremendo tabu para as mulheres.

02 – TRAIÇÃO

02) O que leva uma pessoa a cometer a traição:

A - Acontece por acaso, e nem por isso deixou de gostar da pessoa que namora;

B - Quando a mulher evitar manter relações sexuais com o namorado;

C - Quando sufoca o parceiro com ciúmes e desconfiança sem fundamento;

D - Por influência dos colegas;

E - Falta de diálogo e respeito entre os parceiros;

F – Por não ser casado acha que deve ter várias experiências, pois mesmo namorando se sente livre e não encara o namoro como uma união a ser construída com a finalidade de um casamento;

G - Outra resposta

TRAÇÃO – QUESTÃO Nº. 02

FIGURA 11 - MASCULINO

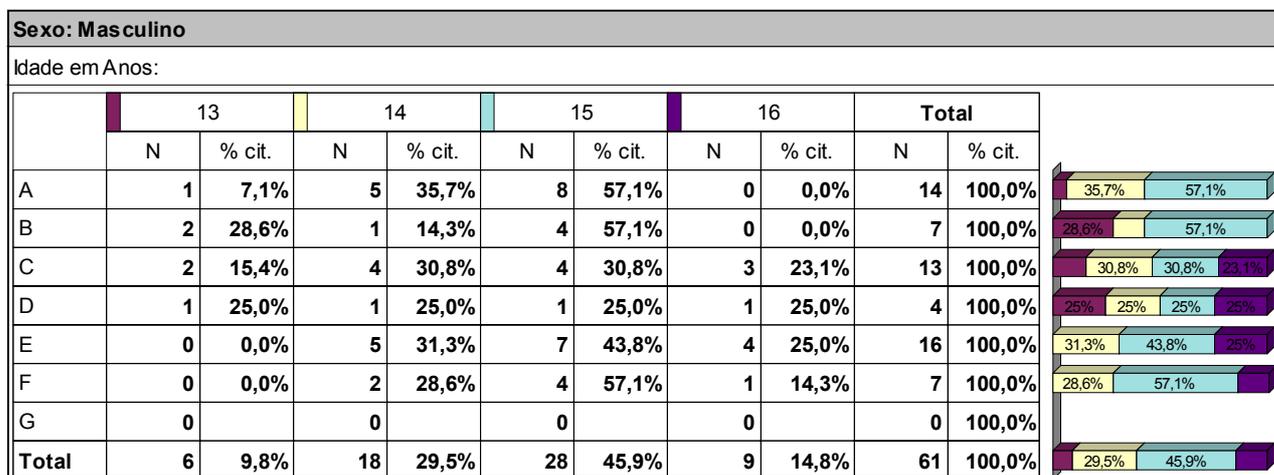
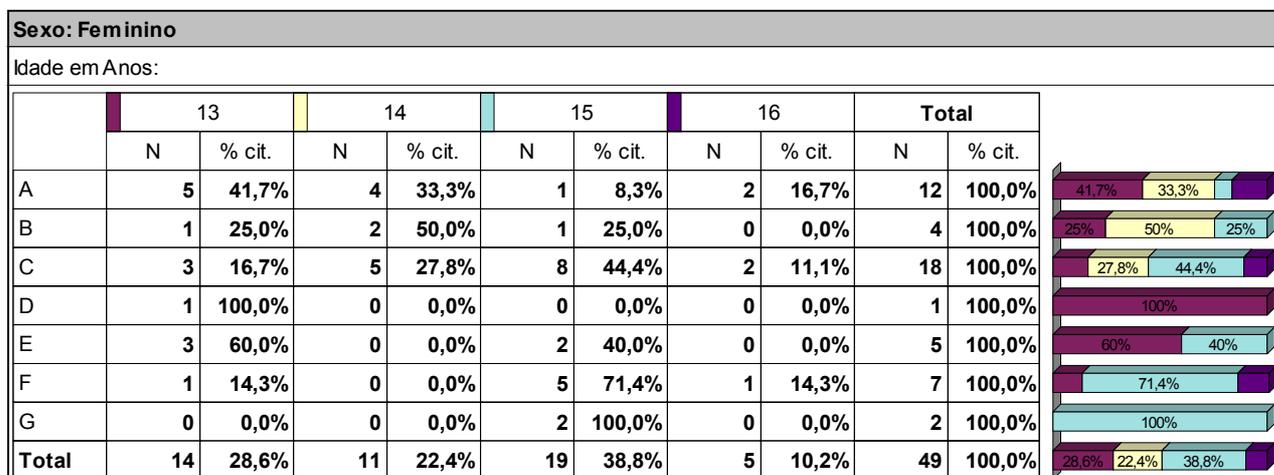


FIGURA 12 - FEMININO



QUADRO - 04 DE ALTERNATIVAS JUSTIFICADAS

OUTRAS RESPOSTAS ASSUNTO 02 - PERGUNTA 02	SEXO - IDADE
G – O momento de fraqueza da pessoa;	Meninas -15 anos
G – Falta de vergonha na cara;	

Discussão dos dados da Questão 02 – TRAIÇÃO

02) O que leva uma pessoa a cometer a traição:

A - Acontece por acaso, e nem por isso deixou de gostar da pessoa que namora;

B - Quando a mulher evitar manter relações sexuais com o namorado;

C - Quando sufoca o parceiro com ciúmes e desconfiança sem fundamento;

D - Por influência dos colegas;

E - Falta de diálogo e respeito entre os parceiros;

F - Por não ser casado acha que deve ter várias experiências, pois mesmo namorando se sente livre, e não encara o namoro como uma união a ser construída com a finalidade de um casamento;

G - Outra resposta

Justificar uma traição ainda é uma maneira de não sair tão mal de uma relação. Mas vamos analisar o que os jovens dizem sobre as justificativas que levam uma pessoa a trair?

As meninas de 13 anos se destacam ao dizer que acontece por acaso, mas nem por isso deixam de gostar do namorado; já os meninos afirmam que a traição acontece quando a namorado o sufoca demais, e, para ter relação sexual, quando a sua namorada ainda não “transa”.

Já as meninas de 14 e 15 anos, em sua maioria, dizem que a traição acontece quando se sentem sufocadas pelo namorado, já os meninos nessa faixa etária, dividem sua opinião, dizendo que a traição acontece por acaso, e por falta de diálogo e respeito, além do excesso de desconfiança da namorada.

Os meninos de 16 anos, diferentes das meninas, não assinalaram a alternativa que diz que a traição acontece por acaso, e sim que ela acontece por falta de diálogo e por excesso de ciúme da namorada.

Em uma análise geral, percebe-se que a atitude predominante que leva as meninas a trair é o excesso de ciúme e o sufocar do namorado. Já para os meninos, a falta de diálogo e respeito é o que leva a traição.

No quadro de justificativas, as meninas se contrapõem, pois uma diz que a traição acontece por momento de fraqueza; já a outra diz que é falta de vergonha na “cara”.

Percebe-se nas diversidades de opiniões que a atitude a ser tomada é muito pessoal e depende da situação do fato ocorrido. Mas ficou claro que as meninas não gostam de namorados que “peguem no pé”, e os meninos querem no relacionamento o diálogo e o respeito. Caso contrário, a traição acontece.

Giuliana (2002), em uma pesquisa sobre traição, nos mostra que os homens traem por razões ligadas à sexualidade e as mulheres, por motivos ligados ao casamento e também vingança e que as traições costumam ocorrer nos quatro primeiros anos de união. A pesquisa também mostra que a maioria de homens e mulheres têm vontade de ter um caso. Eles não o fazem por falta de oportunidade. Elas, por não quererem que o marido lhes faça o mesmo e afirmam que a maioria dos casamentos não termina depois da traição.

02 – TRAIÇÃO

03) A traição geralmente envolve várias pessoas, se você soubesse de alguém próximo a você que está sendo traído o que faria:

A - Contaria no sentido de querer o bem desse alguém que está sendo traído;

B - Contaria com a finalidade de ver a confusão entre o casal;

C - Jamais contaria, afinal não devemos interferir no relacionamento alheio;

D - Não contaria, pois geralmente o casal volta e quem contou é quem fica mal na história;

E - Não contaria, a traição faz parte do relacionamento;

F - Não contaria, pois quem não quer ser traído, não namora;

G – Outra resposta

02 – TRAIÇÃO - QUESTÃO Nº. 03

FIGURA 13 - MASCULINO

Sexo: Masculino										
Idade em Anos:										
	13		14		15		16		Total	
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.
A	1	3,7%	9	33,3%	13	48,1%	4	14,8%	27	100,0%
B	1	16,7%	2	33,3%	3	50,0%	0	0,0%	6	100,0%
C	2	13,3%	3	20,0%	7	46,7%	3	20,0%	15	100,0%
D	2	25,0%	1	12,5%	3	37,5%	2	25,0%	8	100,0%
E	0	0,0%	2	50,0%	2	50,0%	0	0,0%	4	100,0%
G	0	0,0%	1	100,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	100,0%
Total	6	9,8%	18	29,5%	28	45,9%	9	14,8%	61	100,0%

FIGURA 14 - FEMININA

Sexo: Feminino										
Idade em Anos:										
	13		14		15		16		Total	
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.
A	7	28,0%	7	28,0%	11	44,0%	0	0,0%	25	100,0%
B	0	0,0%	2	100,0%	0	0,0%	0	0,0%	2	100,0%
C	4	40,0%	1	10,0%	1	10,0%	4	40,0%	10	100,0%
D	2	22,2%	1	11,1%	6	66,7%	0	0,0%	9	100,0%
E	0		0		0		0		0	100,0%
G	1	33,3%	0	0,0%	1	33,3%	1	33,3%	3	100,0%
Total	14	28,6%	11	22,4%	19	38,8%	5	10,2%	49	100,0%

QUADRO 5 - DE ALTERNATIVAS JUSTIFICADAS

OUTRAS RESPOSTAS ASSUNTO 02 - PERGUNTA 03	SEXO - IDADE
G – Contaria dependendo da pessoa, porque tem pessoa que não acredita e a gente é que fica mal na fita;	Meninos - 14 anos
G – Não contaria, mas tentaria abrir os olhos da pessoa, pois desconfiando um dia, ela iria pegar;	Meninas - 16 anos
G – Não contaria, mas tentaria abrir os olhos da pessoa, pois desconfiando um dia, ela iria pegar;	Meninas - 14 anos
G - sem justificativa.	Meninas - 13 anos

Discussão dos dados da Questão 03 - TRAIÇÃO

03) A traição geralmente envolve várias pessoas, se você soubesse de alguém próximo a você que está sendo traído o que faria:

A - Contaria no sentido de querer o bem desse alguém que está sendo traído;

B - Contaria com a finalidade de ver a confusão entre o casal;

C - Jamais contaria, afinal não devemos interferir no relacionamento alheio;

D - Não contaria, pois geralmente o casal volta e quem contou é quem fica mal na história;

E - Não contaria, a traição faz parte do relacionamento;

F - Não contaria, pois quem não quer ser traído, não namora;

G – Outra resposta

Ser testemunha de uma traição é algo constrangedor, principalmente quando a pessoa que está traindo é namorado (a) de uma pessoa muito próxima da

gente. É nesse momento que surge a dúvida de qual atitude tomar. Será que se deve contar ou não à pessoa que esta sendo traída?

Segundo as meninas presentes de 13, 14 e 15 anos, elas com certeza, contariam por querer bem à pessoa que está sendo traída; já as meninas de 16 anos jamais contariam, pois temem ficar “mal” diante do casal caso eles acabem juntos e passar por entreguista.

Os meninos de 13 anos não contariam por não achar correto interferir no relacionamento alheio, Já os meninos de 14, 15 e 16 anos, concordam que se deve contar à pessoa que está sendo traída; em contrapartida, nesses mesmos gráficos, há meninos que jamais contariam à pessoa vítima de uma traição.

Analisando as respostas como um todo, percebe-se que a maioria das meninas e dos meninos, em caso de traição, contaria a uma pessoa que esta sendo traída, no sentido de querer seu bem.

No quadro de justificativas, os meninos contariam dependendo da pessoa, pois há muitas que não acreditam; já as meninas tentariam abrir os olhos da pessoa que está sendo enganada dando-lhes algumas indiretas.

Essa juventude não perdoa e entrega mesmo o traidor à vítima. Isso servirá de alerta aos jovens quando fizerem a leitura da interpretação dos gráficos, para que pensem bem antes de trair quando alguém que o conhece estiver por perto, principalmente se este alguém fez parte dessa pesquisa.

Andamento da aula

Aula: 03

a) Conteúdo: Sexualidade

b) Número de aulas: 06 aulas

c) Objetivo: Conhecer e discutir os valores atribuídos à gravidez na adolescência, à virgindade, ao homossexualismo e à prostituição, pelos estudantes.

d) Desenvolvimento da aula:

Devido à complexidade desse tema as aulas foram divididas em três blocos de duas aulas:

O primeiro referente à gravidez na adolescência e virgindade;

O segundo referente a homossexualismo e prostituição;

No terceiro foram aplicados os questionários pelo pesquisador;

A pesquisadora pediu para que os alunos relatassem por escrito, em uma folha de sulfite, as dúvidas, opiniões e atitudes referentes aos assuntos abordados e nessa folha, colocando o sexo apenas para uma possível comparação, pois a não identificação, por nome, proporcionou a liberdade de expressão.

Na seqüência, as folhas foram entregues ao pesquisador para a realização da leitura, todos deveriam estar atentos às opiniões da turma, para fazer comentário durante a discussão.

Tanto na leitura quanto no debate que se seguiu, observou-se que as meninas se sentem desfavorecidas em relação aos meninos quando o assunto é gravidez na adolescência por ficarem expostas: “barriga crescendo aos olhos de todos, além de terem que encarar seus pais”. Os meninos passam por “homens com H”, machos, e elas as “sem - vergonha”. Esse é, para elas, um dos motivos do crescente número de aborto nos dias de hoje.

Em relação à virgindade, as meninas deixaram claro que “os meninos deveriam ter em seu corpo a marca da virgindade assim como elas, afinal isso faz muita diferença, pois não se poderão enganar os meninos e eles podem enganar dizendo que é sua primeira vez”.

e) Término da aula:

Como síntese da discussão, firmou-se a idéia de que as meninas se sentem estar em desvantagens em relação aos meninos quando os assuntos são gravidez e virgindade, pois quem carrega as marcas delas são elas, uma vez que uma gravidez ou a perda do hímen acaba abalando a sua auto-estima e moral diante da sua comunidade. A professora conversou com a turma sobre preconceito e respeito mútuo.

Quanto ao homossexualismo, as meninas não questionaram muito, apenas que, “hoje, os homens bonitos estão virando gays, mas mesmo assim ainda tem meninos bonitos que são “homens”, e por isso as meninas não precisam

interessar-se por outras meninas”. Em relação à prostituição, elas acham que isso decorre da falta de emprego e por falta de estrutura familiar.

Os meninos em relação à gravidez acham que é “um golpe para fazer o cara casar com elas” e quanto à virgindade dizem que “depois que perdem a virgindade não dá mais para saber se você é o único que sai com a menina”.

Os meninos responsabilizam as meninas pela gravidez como se elas tivessem engravidado por querer, sozinhas e que eles são vítimas desse golpe. Em relação à virgindade, ainda valorizam casar-se com mulheres virgens.

Quanto ao homossexualismo, há grande discriminação e resistência na aceitação do fato por parte dos meninos. Quanto à prostituição, os meninos concordam com as meninas e dizem que, por falta de emprego, elas acabam se prostituindo. Não se referem à falta de formação moral ou à não estruturação da família como causa.

As dúvidas referentes aos assuntos discutidos, meninos e meninas, demonstraram uma grande preocupação em relação à gravidez (tabelinha de período fértil da menina, os tipos de anticoncepcionais, a camisinha feminina e a pílula do dia seguinte). A preocupação em usar a camisinha, tanto dos meninos como das meninas, é mais em relação ao medo de engravidar do que como método de prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis.

Foram aplicados questionários aos alunos pesquisados.

As tabulações dos questionários aparecem mais adiante.

03 – SEXUALIDADE

01) A gravidez na adolescência tem aumentado muito nos últimos anos. Em sua opinião qual seria o motivo ou os motivos:

A - Falta de um projeto de vida;

B - Falta de perspectiva futura;

C - Falta de um projeto de orientação sexual nas escolas, família e comunidade;

D - Falta de diálogo e orientação por parte dos pais;

E - A tendência do fã copiar seus ídolos, que os deixa maravilhados com a produção independente;

F – Para tentar prender o parceiro;

G – Outra resposta;

03 - SEXUALIDADE – QUESTÃO Nº. 01

FIGURA 15 - MASCULINO

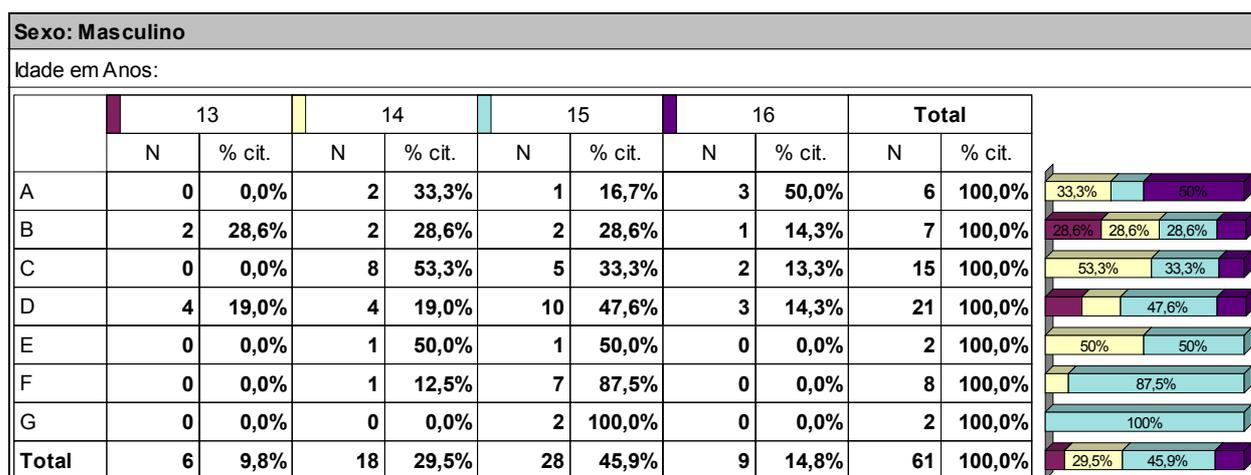
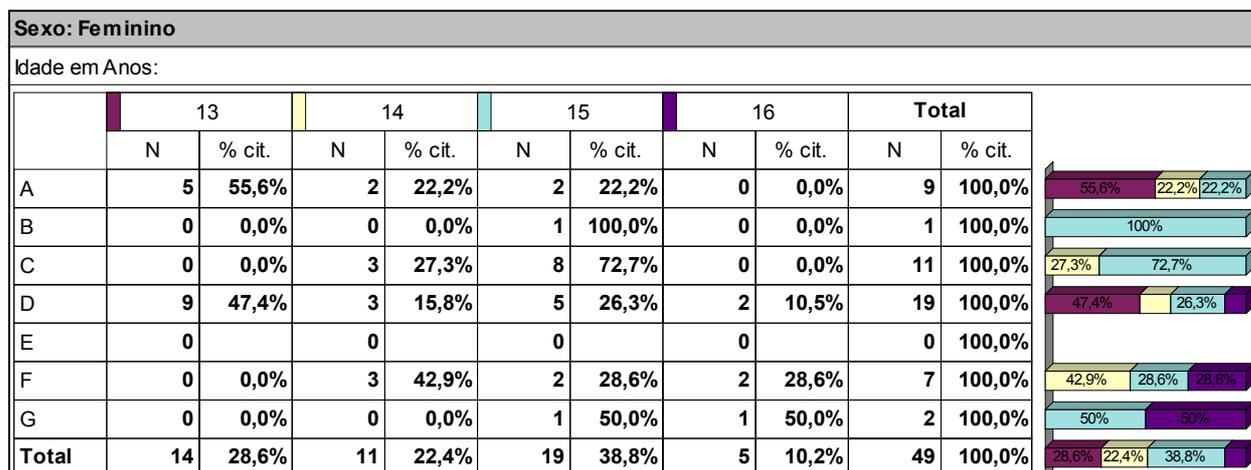


FIGURA 16 - FEMININO



QUADRO 6 - DE ALTERNATIVAS JUSTIFICADAS

OUTRAS RESPOSTAS ASSUNTO 03 - PERGUNTA 01	SEXO - IDADE
<p>G – Falta de vergonha na cara;</p> <p>G – Para ferrar com o cara;</p>	<p>Meninos - 5 anos</p>
<p>G – falta de se prevenir;</p> <p>G – Para conhecer o parceiro e matar a curiosidade, acabam esquecendo de usar camisinha e engravidam;</p>	<p>Meninas - 6 anos</p> <p>Meninas - 5 anos</p>

Discussão dos dados da questão 01 – SEXUALIDADE

01) A gravidez na adolescência tem aumentado muito nos últimos anos. Em sua opinião qual seria o motivo ou os motivos:

A - Falta de um projeto de vida;

B - Falta de perspectiva futura;

C - Falta de um projeto de orientação sexual nas escolas, família e comunidade;

D - Falta de diálogo e orientação por parte dos pais;

E - A tendência do fã copiar seus ídolos, que os deixa maravilhados com a produção independente;

F – Para tentar prender o parceiro;

G – Outra resposta;

A gravidez na adolescência tem sido objeto de discussão nas últimas três décadas, tanto nos meios acadêmicos como nos meios de comunicação de massa.

Verifica-se, observando os resultados, que, apesar das constantes campanhas de prevenção (métodos contraceptivos) da gravidez precoce, percebe-

se que, nos últimos anos, o número de gravidez vem aumentando na adolescência. As meninas parecem não se preocupar com as conseqüências de manter relações sexuais sem se prevenir, afinal a responsabilidade de um filho sempre é maior para a mãe da criança do que para o pai, ou melhor dizendo, para a família da adolescente (menina) quando acolhida por esta, do que para a família do menino (pai).

A sua incidência (gravidez na adolescência) tem aumentado, segundo as estatísticas de vários países, e esta situação preocupa, pois se considera a maternidade nessa faixa de idade como problemática do ponto de vista biopsicossocial. Acredita-se que a adolescente não esteja apta emocional e biologicamente para enfrentar a gravidez, o parto e o processo de criação de um filho.

Zagury (1997) afirma que no Brasil o número de nascimento por ano de crianças filhas de adolescentes, segundo o último censo é de 1.000.000, uma base de um milhão de bebês por ano, de jovens que mal saíram da infância. Isso pode ser conseqüência da falta de informação. Tal fato desperta uma grande dúvida sobre o porquê de esse quadro ter se expandido na sociedade, apesar de os adolescentes se depararem com tantos exemplos da dificuldade de uma gravidez na adolescência, sempre muito debatida pela mídia e pelas escolas. Procuramos como caminho para entender esta expansão, perguntando para os próprios jovens, o porquê de ter aumentado o número de gravidez na adolescência?

A maioria dos meninos e meninas com as idades de 13, 15 e 16 anos concorda que a gravidez na adolescência tem aumentado devido à falta de diálogo e orientação ao adolescente por parte dos pais.

Geralmente a gravidez acontece inesperadamente, podendo acarretar uma série de episódios negativos que vão interferir no desenvolvimento da jovem, como, por exemplo, rejeição familiar e restrições sociais e econômicas.

Para as meninas e meninos de 14 anos o número de casos de gravidez na adolescência tem aumentado, devido à falta de um projeto social envolvendo escola família e comunidade, por parte da assistência social, junto à instituição de ensino do bairro.

Ao analisar as respostas de forma geral, percebe-se que meninos e meninas estão pedindo orientação, pois, por mais que esse assunto seja tratado pela mídia, os jovens expressam necessidade de que esse assunto seja tratado diretamente com eles. Orientação direta é o que reclamam.

No quadro de justificativas, a gravidez é vista pelos meninos como culpa exclusivamente das meninas e que elas ficam grávidas por não ter “vergonha na cara” e para “ferrar” os meninos. As meninas justificam com a falta de prevenção no momento do ato sexual e falta de educação sexual, como o principal motivo da gravidez na adolescência.

Parece que os meninos acham que as meninas ficam grávidas sozinhas e que eles não têm participação nenhuma. A prevenção deve ser de total responsabilidade das meninas, pois se elas não se previnem é porque querem ficar grávidas para “ferrá-los”.

Percebe-se que apesar de os meninos justificarem essa resposta e de não fazerem parte de uma geração tradicional, em que o machismo era mais forte, esses meninos são fruto de uma educação machista, cujos valores tradicionais permanecem em que os prazeres devem ser permitidos e concebidos apenas aos homens e as responsabilidades ficam com as mulheres. As meninas demonstraram em suas justificativas a necessidade de serem orientadas e informadas sobre como evitar a gravidez indesejada.

A psicologia diz que há diferença entre o “amor feminino” e o “amor masculino”. No amor feminino há total entrega ao parceiro, confiança nele. No “amor masculino”, há um fechamento, um individualismo, o “que é meu é meu” não há entrega nem restrições.

Meninos e meninas devem ter consciência de que diante de uma gravidez, a responsabilidade é de ambos. Essa situação é irreversível, após começarem a gerar criança no mundo. A prevenção e estudo do problema são o melhor a se fazer para tentar evitar situações sofridas, graves e atitudes desnecessárias e inconvenientes.

Zagury (1997, p. 198) percebeu, em sua pesquisa, que a “gravidez precoce é bastante mais comum do que se pensa, e que, mais ainda, muitas vezes ela ocorre por desinformação ou por escolha inadequada dos métodos contraceptivos”.

Em sua pesquisa sobre gravidez precoce Zagury (1997), constatou que as meninas já estão dividindo muito mais a responsabilidade de engravidar com os rapazes, estão exigindo mais o uso da camisinha. Afinal uma gravidez precoce é um quadro desestabilizador tanto para as meninas como para os rapazes, por não estarem preparadas física, emocional e nem economicamente para serem pais, mas sem dúvida a consequência mais grave é para as meninas.

Os jovens precisam de orientações esclarecedoras, quanto ao processo de reprodução. Apesar de se acharem informados, durante as conversas informais, sobre métodos contraceptivos (anticoncepcionais, camisinha, e outros) é contraditório o fato de o número de gravidez precoce vir se alastrando em nossa sociedade, Isso significa que as informações e orientações aos jovens ainda são vagas e precárias.

A própria informação obtida às vezes é incompleta, é enviesada. Não coexiste numa educação sexual em que os jovens se situam conhecedores do próprio corpo, com autodomínio elevado de maneira a ter segurança e confiança em si ao tomar decisões nesta área.

03 – SEXUALIDADE

02 - O que leva uma jovem a praticar o aborto:

A - O desespero do momento para solucionar o problema;

B - O medo de ser condenado pelos pais, e não poder contar com o auxílio da família;

C - O medo de ser abandonada pelo parceiro;

D - Por ambos (jovens envolvidos) serem despreparados para encarar a nova realidade;

E - Por ser manipulada pelo parceiro para fazer o aborto;

F – Por achar um ato natural;

G - Outra resposta.

03 – SEXUALIDADE – QUESTÃO N°. 02

FIGURA 17 - MASCULINO

Sexo: Masculino										
Idade em Anos:										
	13		14		15		16		Total	
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.
A	4	21,1%	3	15,8%	10	52,6%	2	10,5%	19	100,0%
B	1	3,1%	13	40,6%	13	40,6%	5	15,6%	32	100,0%
C	1	16,7%	0	0,0%	4	66,7%	1	16,7%	6	100,0%
D	0	0,0%	1	100,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	100,0%
E	0	0,0%	1	33,3%	1	33,3%	1	33,3%	3	100,0%
G	0		0		0		0		0	100,0%
Total	6	9,8%	18	29,5%	28	45,9%	9	14,8%	61	100,0%

FIGURA 18 - FEMININO

Sexo: Feminino										
Idade em Anos:										
	13		14		15		16		Total	
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.
A	3	21,4%	4	28,6%	5	35,7%	2	14,3%	14	100,0%
B	8	27,6%	7	24,1%	12	41,4%	2	6,9%	29	100,0%
C	0		0		0		0		0	100,0%
D	1	100,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	100,0%
E	2	66,7%	0	0,0%	1	33,3%	0	0,0%	3	100,0%
G	0	0,0%	0	0,0%	1	50,0%	1	50,0%	2	100,0%
Total	14	28,6%	11	22,4%	19	38,8%	5	10,2%	49	100,0%

QUADRO 7 - DE ALTERNATIVAS JUSTIFICADAS

OUTRAS RESPOSTAS ASSUNTO 03 - PERGUNTA 02	SEXO - IDADE
G - Por sermos jovens e termos que curtir a vida, um filho atrapalha tudo;	Meninas -16 anos
G - Pelo desespero momentâneo e porque são muito jovens, ou seja, despreparados para encarar a nova realidade;	Meninas - 15 anos

Discussão dos dados da questão 02 - SEXUALIDADE

02 - O que leva uma jovem a praticar o aborto:

A - O desespero do momento para solucionar o problema;

B - O medo de ser condenado pelos pais, e não poder contar com o auxílio da família;

C - O medo de ser abandonada pelo parceiro;

D - Por ambos (jovens envolvidos) serem despreparados para encarar a nova realidade;

E - Por ser manipulada pelo parceiro para fazer o aborto;

F - Por achar um ato natural;

G - Outra resposta

Constata-se pelos dados que aparecem nas porcentagens das alternativas respondidas que, diante de uma gravidez indesejada, a primeira atitude a ser tomada, na maioria das vezes, é, desesperadamente, a vontade de abortar para se livrar do problema. E o mais assustador é que a maioria dos abortos é praticada por adolescentes que engravidam de namorados ou “ficantes”, por terem uma vida sexual ativa, mas irresponsável.

Muitos adolescentes clamam pela liberdade sexual, mas poucos são responsáveis pelas suas conseqüências, por não tentarem resolver o problema acabando com vidas inocentes. O aborto é crime horrível e monstruoso que o ser humano pode cometer, se aceita a formação cristã do povo brasileiro, pois com a gravidez um ser humano está se desenvolvendo dentro do ventre de uma mulher, e a vida é tudo.

Fala-se do direito de a mulher dispor de seu corpo como achar melhor; tem ela o direito de não engravidar e até de abortar. Não há um direito à vida, também, neste jogo, por parte da criança, do feto?

Na pesquisa de Zagury (1997), o aborto, por ser um ato ilegal no Brasil, acaba levando as meninas a recorrerem a profissionais menos gabaritados e curiosos, na tentativa de resolver o problema; além do mais, o aborto é um

procedimento caro e muitos jovens não dispõem de meios financeiros, levando mesmo as meninas a se entregarem as pessoas inescrupulosas, locais sem higiene, podendo complicar a sua saúde com futuras conseqüências terríveis, quando não a morte.

Diante de tantos abortos, quase sempre praticados por curiosos, com o intuito de poder orientar os adolescentes, procurou-se saber dos jovens o que leva uma pessoa a praticar o aborto?

As meninas de 13, 14, 15 e 16 anos acham que o que leva uma adolescente a abortar é o medo de ser condenada pelos pais e conhecidos, e não poder contar com o auxílio da família e amigos e também devido ao desespero momentâneo para “solucionar” o problema.

A maioria dos meninos de 13 anos acha que o aborto é praticado na busca de solução para o problema. Os adolescentes somente encaram as conseqüências do sexo sem camisinha quando acontece a gravidez indesejada, e buscam no aborto a solução para se livrar do problema. Os meninos de 14,15 e 16 anos dizem que o medo de ser condenado pelos pais, e de não contar com o apoio da família é que leva o adolescente a decidir pelo aborto.

Em uma análise geral, percebe-se que meninos e meninas, em sua maioria, concordam que o medo de não ser apoiada pela família, de enfrentar sozinho o problema em uma gravidez indesejada, é o que leva a pratica do aborto.

No quadro de justificativas, as meninas afirmam que o aborto é praticado pelas adolescentes, por serem jovens demais, pensarem que devem curtir a vida, pois um filho atrapalharia tudo.

Vê-se que os jovens se sentem preparados para iniciar a vida sexual, se julgam adultos o suficiente para praticar o sexo. Em contrapartida se acham crianças demais para colocar um filho no mundo. Tal contradição reflete a necessidade de um longo trabalho da escola, família e comunidade voltada à informação e orientação sexual direta aos jovens. O que se tem feito e a maneira de fazê-lo estão se mostrando insuficientes. Os jovens estudados e pesquisados que responderam a essa questão, não encararam o aborto como uma atitude e uma conduta natural. Respeitar a vida, principalmente da criança antes de nascer é valor para todos.

Para Zagury (1997), a educação dos jovens pelos pais pode fazer com que, em consequência, graves problemas sejam evitados. Mostrar a um filho que deve ter responsabilidade sobre seus atos e o conhecimento do assunto, são formas eficazes de evitar riscos. Educar para a responsabilidade deve-se iniciar na infância, tanto como medida de prevenção quanto para corrigir ações incorretas. Devem os jovens receber orientação dos pais sobre a maneira correta de agir, em casos de pais que não recriminam os filhos diante de ações errôneas, ao crescerem, estes acham que podem tudo. Por exemplo, se a filha ficar grávida precocemente, ela vai transferir essa responsabilidade para os pais, já que não aprendeu a ser responsável na infância. Se ficar perdida pode vir a praticar o aborto, sem culpa.

O conjunto de informações, valores e modelos, são obtidos pelos jovens no decorrer dos anos, na convivência e análise dos exemplos e orientações dos pais.

03 – SEXUALIDADE

03 - O que leva um adolescente a iniciar o ato sexual precocemente:

A - Por curiosidade de saber como é perder a virgindade;

B - Por pressão do parceiro, e medo de ser abandonada ou traída;

C - Por influência dos colegas, que vivenciaram a experiência;

D - Pela liberdade sexual explícita nos meios de comunicação;

E - Por falta de diálogo e orientação por parte dos pais;

F – Por acharem a relação sexual um ato que pode ocorrer independente da idade;

G - Outra resposta;

03 – SEXUALIDADE – QUESTÃO Nº. 03

FIGURA 19 - MASCULINO

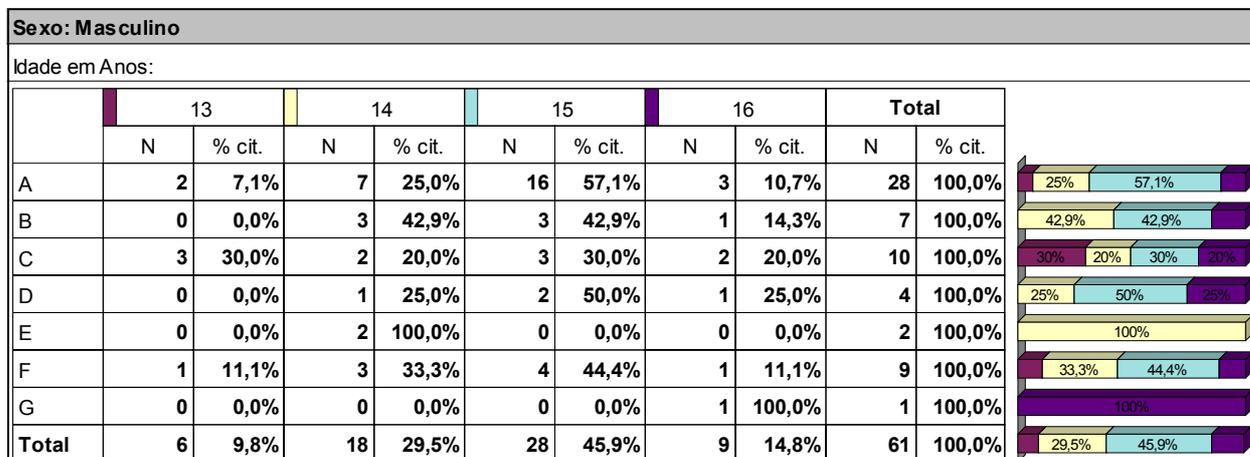
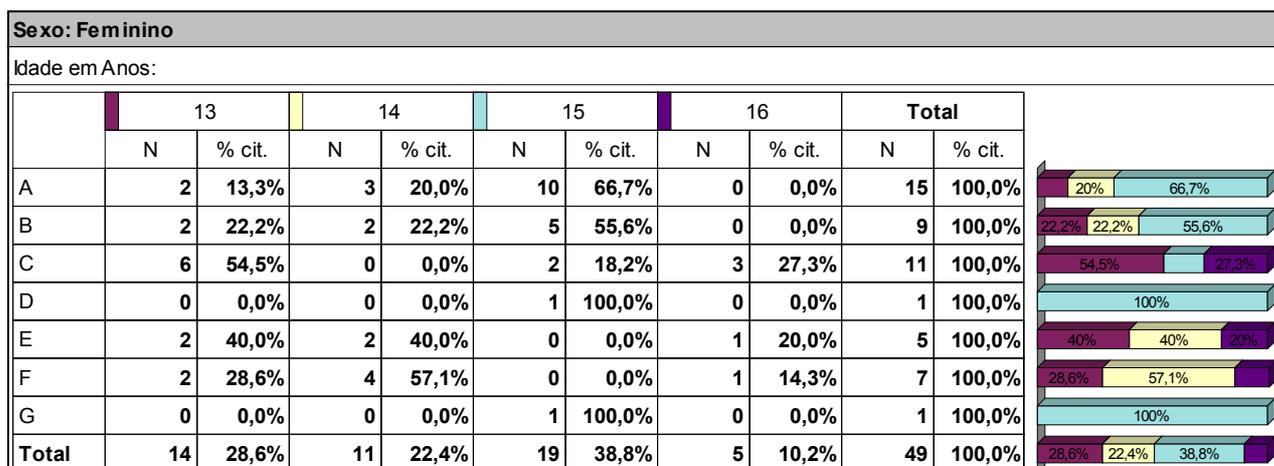


FIGURA 20 - FEMININO



QUADRO 8 - DE ALTERNATIVAS JUSTIFICADAS

OUTRAS RESPOSTAS ASSUNTO 03 - PERGUNTA 03	SEXO - IDADE
G – Hoje em dia as garotas querem mostrar que perderam a virgindade, por isso saem por aí transando com qualquer um e não pensam no prejuízo;	Meninos- 16 anos
G – Por pressão do parceiro com medo de ser abandonada ou traída e por falta de diálogo com os pais	Meninas - 15 anos

Discussão dos dados da questão 03 – SEXUALIDADE

03 - O que leva um adolescente a iniciar o ato sexual precocemente:

A - Por curiosidade de saber como é perder a virgindade;

B - Por pressão do parceiro, e medo de ser abandonada ou traída;

C - Por influência dos colegas, que vivenciaram a experiência;

D - Pela liberdade sexual explícita nos meios de comunicação;

E - Por falta de diálogo e orientação por parte dos pais;

F – Por acharem a relação sexual um ato que pode ocorrer independente da idade;

G - Outra resposta

As alternativas respondidas correspondentes mostram que a busca da liberdade sexual se tornou mais importante entre os jovens nos últimos anos. A consequência disso é a iniciação da vida sexual precocemente entre adolescentes, principalmente pelas meninas. A iniciação precoce pela vida sexual fica evidente pelo aumento do número de gravidez na adolescência.

Pergunta-se aos jovens sobre o que leva a prática sexual precocemente?

As respostas obtidas são que, segundo a opinião das meninas de 13 e 16 anos, que devido à influência das colegas que já vivenciaram a experiência sexual. As meninas de 14 anos, em sua maioria, acham que o ato sexual acontece independente da idade, já as meninas de 15 anos dizem que muitas começam a “transar” por curiosidade em saber como é perder a virgindade.

Os dados representados pelos meninos de 13 anos dizem que a influência dos colegas faz despertar neles a vontade de iniciar vida sexual também. Os meninos de 14,15 e 16 anos dizem ser a curiosidade de perder a virgindade que faz com que iniciem vida sexual, precocemente.

De modo geral, a porcentagem de alternativas respondidas mostra que grande parte dos meninos e meninas concorda que a curiosidade em perder a

virgindade é que leva os jovens ao início precoce da vida sexual. Talvez, se tivessem acessos a informações, uma parte de sua curiosidade estivesse satisfeita.

Zagury (1997) menciona em sua pesquisa que os jovens estão iniciando a sua primeira experiência sexual por volta dos 14 anos de idade ou menos, e muitos não se previnem em sua primeira vez. A falta de orientação, as decisões impulsivas devido à curiosidade podem resultar em arrependimento e traumas.

No quadro de justificativa, um rapaz de 16 anos acha que as garotas de hoje não se valorizam, querendo mostrar para todos que não são mais virgens. Uma menina de 15 anos diz que o motivo que leva a iniciar a vida sexual é a pressão do parceiro. Com medo de ser traída, acaba cedendo à pressão. A falta de diálogo com os pais, também tem um peso significativo nas decisões dos jovens.

É notável a necessidade apresentada pelos jovens de dialogar com seus pais, Querem e precisam ser orientados e informados, principalmente as meninas que se deixam envolver facilmente pelo parceiro.

A psicologia feminina no amor leva a entrega incondicional. A segurança, o autoconceito e autodomínio são atitudes que levam a resistir à pressão do namorado.

Zagury (1997) relata em sua pesquisa que os jovens que trabalham iniciam significativamente a vida sexual mais cedo do que os que não trabalham. Os que já iniciaram a vida sexual, tiveram a sua primeira experiência com amigo (a) (33,5%), Namorado (a) (45,8%), Prostitutas ou garotos (as) de Programa (9,3%), Outra Pessoa (9,9%), Não responderam (1,5%). E dentre esses jovens, os que têm pais com postura tradicional, tendem a esconder a sua vida sexual dos pais, ficando longe das devidas orientações.

03 – SEXUALIDADE

04) No ato sexual você pode adquirir doenças sexualmente transmissíveis. Mas no momento do ato sexual, você:

A - Pensa em se prevenir, usando a camisinha independente de qualquer circunstância com medo de engravidar;

B - Pensa em se prevenir, usando a camisinha independente de qualquer circunstância com medo de se contaminar;

C - Não se preocupa por confiar no parceiro;

D - Não toca no assunto com medo de ofender o parceiro e acaba por não se prevenir;

E - Não se importa com o assunto em questão e vive o momento;

F - Usa de vez enquanto, pois não pode perder a oportunidade de manter o ato sexual, e a falta do preservativo jamais irá impedir que tudo role;

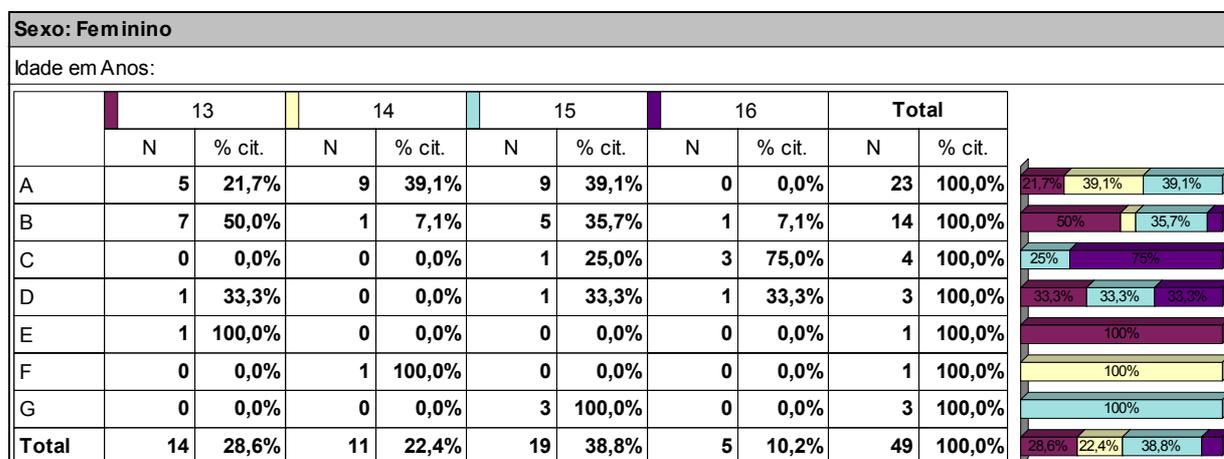
G - Outra resposta;

03 – SEXUALIDADE - QUESTÃO Nº. 04

FIGURA 21 - MASCULINO

Sexo: Masculino										
Idade em Anos:										
	13		14		15		16		Total	
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.
A	0	0,0%	9	29,0%	16	51,6%	6	19,4%	31	100,0%
B	6	23,1%	8	30,8%	10	38,5%	2	7,7%	26	100,0%
C	0	0,0%	0	0,0%	2	66,7%	1	33,3%	3	100,0%
D	0		0		0		0		0	100,0%
E	0		0		0		0		0	100,0%
F	0		0		0		0		0	100,0%
G	0	0,0%	1	100,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	100,0%
Total	6	9,8%	18	29,5%	28	45,9%	9	14,8%	61	100,0%

FIGURA 22 - FEMININO



QUADRO 9 - DE ALTERNATIVAS JUSTIFICADAS

OUTRAS RESPOSTAS ASSUNTO 03 - PERGUNTA 04	SEXO - IDADE
G – Deixo acontecer não penso	Meninos -14 anos
G – uso a camisinha para não engravidar e pegar uma doença;	Meninas - 15 anos
G – Não faço nada disso, pois não tenho relação sexual com ninguém;	Meninas – 15 anos
G – Uso com medo de colocar filho no mundo;	Meninas - 15 anos

Discussão dos dados da questão 04 – SEXUALIDADE

04) No ato sexual você pode adquirir doenças sexualmente transmissíveis. Mas no momento do ato sexual, você:

- A - Pensa em se prevenir, usando a camisinha independente de qualquer circunstância com medo de engravidar;
- B - Pensa em se prevenir, usando a camisinha independente de qualquer circunstância com medo de se contaminar;
- C - Não se preocupa por confiar no parceiro;
- D - Não toca no assunto com medo de ofender o parceiro e acaba por não se prevenir;
- E – Não se importa com o assunto em questão e vive o momento;
- F - Usa de vez enquanto, pois não pode perder a oportunidade de manter o ato sexual, e a falta do preservativo jamais irá impedir que tudo role;
- G - Outra resposta;

O uso da camisinha, tanto a masculina como a feminina, é a maneira prática de fazer sexo sem se preocupar com as doenças sexualmente transmissíveis como a AIDS. Uma e outra agem como uma barreira, para não haver contatos de secreções do homem e da mulher durante o ato sexual.

Mesmo sendo esta uma informação freqüentemente transmitida pelos meios de comunicação (televisão, jornais, revistas, panfletos, etc.), muita jovens ainda não quer ou se esquecem de usar a camisinha no ato sexual. Muitas pessoas não usam por não gostarem de usar.

A maioria dos meninos e meninas que participaram dessa pesquisa, pensam no uso da camisinha, mais para evitar a gravidez do que na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Os meninos de 14, 15 e 16 anos, em sua maioria, dizem usar a camisinha no ato sexual por se preocuparem em não engravidar a parceira e para não se contaminar. Do mesmo modo são os resultados apresentados pelas meninas de 14 e 15 anos. Já as meninas de 16 anos, conforme os dados apresentados, não se preocupam com o uso da camisinha por confiar no parceiro.

No quadro de justificativas, um dos meninos diz que deixa acontecer o ato sexual sem pensar no uso da camisinha. Quanto às meninas, três justificativas chamam a atenção, a primeira, usa a camisinha para não engravidar e não ser

contaminada; a segunda não tem relação sexual com ninguém e a terceira para apenas não engravidar.

Ao analisar de modo geral, observa-se que a maioria usa a camisinha apenas com medo de engravidar, o que é preocupante. Será que quando a parceira usa outros métodos contraceptivos, a camisinha é deixada de lado? Não há preocupação com doenças? Outro fator preocupante é em relação às meninas, quando elas demonstram, mesmo em minoria, o não uso da camisinha, por confiar no parceiro e por medo de magoá-lo, por viverem o momento e, até mesmo, pelo uso de vez em quando dela. Isso mostra que assim as meninas estão mais sujeitas a se contaminar de doença sexualmente transmissível do que os meninos, pois, eles não demonstram tanta confiança assim em suas parceiras.

Na pesquisa realizada sobre a prevenção de doenças relacionadas ao sexo, Zagury (1997) percebe que o uso da camisinha é o método de prevenção mais usado pelos jovens, tanto para evitar a gravidez como para evitar doenças sexualmente transmissíveis. Mas quando estão namorando sério ou confiam no parceiro, o uso da camisinha é abolido.

Isso vem a confirmar que para os jovens a camisinha é vista mais para evitar a gravidez indesejada, pois se a parceira usa pílula e é de confiança, o casal não se previne contra outros tipos de riscos. Esses jovens deveriam estar cientes do grande número de pessoas casadas que estão contaminadas por terem confiado em seus parceiros e não terem feito o uso da camisinha.

03 – SEXUALIDADE

05)O que leva um adolescente a gostar do mesmo sexo (homossexualismo):

MENINOS

A - Mãe superprotetora;

B - Incapacidade de conseguir se identificar com colegas do mesmo sexo;

C - Antipatia por esporte de equipe masculino;

D - Abuso sexual;

E - A naturalidade que a média vem apresentando em relação aos meninos que se relacionam com o mesmo sexo (novelas);

F - Por curiosidade;

G - Outra resposta.

03 – SEXUALIDADE – QUESTÃO Nº. 05 - MENINOS

FIGURA 23 - POR IDADE

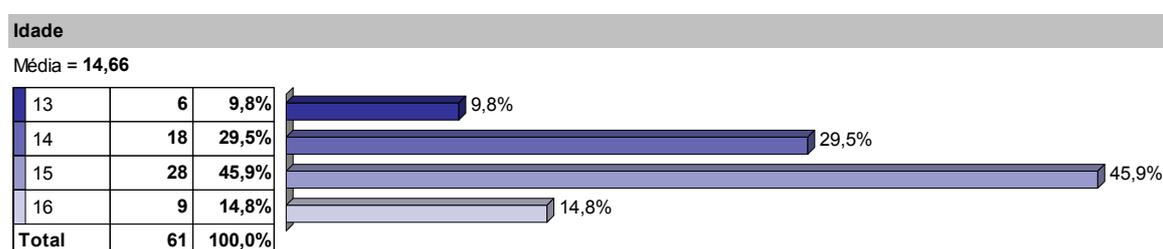


FIGURA 24 - POR SEXO

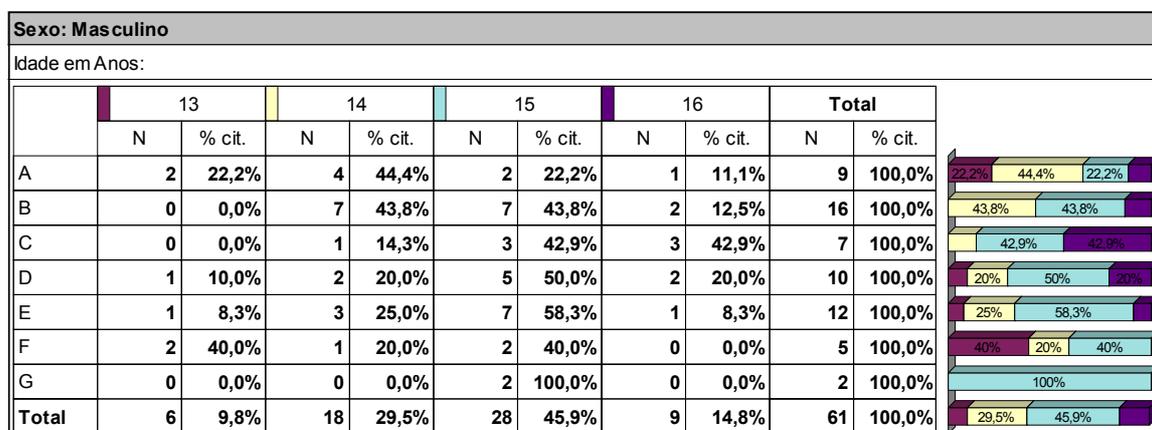
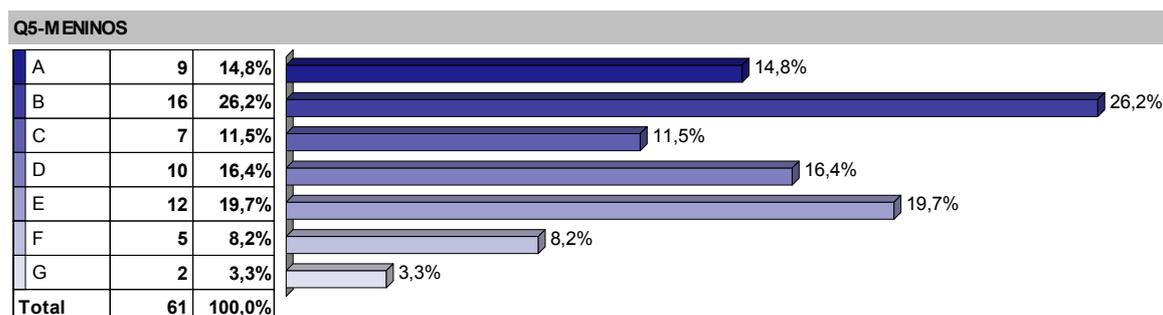


FIGURA 25 - GERAL



QUADRO 10 - DE ALTERNATIVAS JUSTIFICADAS

OUTRAS RESPOSTAS ASSUNTO 03 - PERGUNTA 05	SEXO - IDADE
G – Por não sentir atração por meninas ou por vontade própria	Meninos - 15 anos
G – Não consigo entender porque isso acontece	Meninos – 15 anos

Discussões dos dados da questão 05 – meninos - SEXUALIDADE

05) O que leva um adolescente a gostar do mesmo sexo (homossexualismo):

MENINOS

A - Mãe superprotetora;

B - Incapacidade de conseguir se identificar com colegas do mesmo sexo;

C - Antipatia por esporte de equipe masculino;

D - Abuso sexual

E - A naturalidade que a mídia vem apresentando em relação aos meninos que se relacionam com o mesmo sexo (novelas);

F - Por curiosidade;

G - Outra resposta;

Homossexuais são pessoas que preferem pessoas do mesmo sexo. Quando homens são chamados de Gays e quando mulheres, chamadas de Lésbicas. Para alguns psicólogos o homossexualismo é considerado uma doença, um distúrbio, uma perturbação ou desvio de desejo sexual. Para outros, o homossexualismo não se enquadra nesta lista de doença.

Há movimentos sociais que os defendem e brigam até mesmo na justiça pela união matrimonial dos homossexuais, outros lutam para se tornarem heterossexuais (preferem o sexo oposto).

Suplicy (1984) relata a história do homossexualismo e mostra que há séculos já existia essa opção sexual. Na Grécia antiga, o homossexualismo era aceito e considerado com uma prática aceita entre adultos e jovens púberes e quando se tornavam rapazes eram levados a procurar mulheres. No período pré-cristão, em Roma, também existiu o homossexualismo, mas eram desprezados diante do comportamento afeminado. Acredita-se que tal repressão era proveniente do judaísmo, que proibia o homossexualismo. Em 1804, com a proclamação do código de Napoleão, permitindo o homossexualismo entre dois adultos, marcou-se a mudança na aceitação do homossexualismo. Essa idéia foi adotada por outros países, exceto a Inglaterra e América do Norte que mantiveram a lei contra o homossexualismo. Em 1969, nos EUA, o movimento de proteção aos homossexuais deslanchou devido às repressões e discriminações às quais eram submetidos. Em 1973, no Brasil, a Associação de Psiquiatria americana, retirou o homossexualismo da classe de doença mental. Mas no código de Saúde do INAMPS no parágrafo 302.0, a homossexualidade é tida como “desvio e transtorno sexual”. Há uma luta para excluir esse rótulo.

Apesar das lutas contra o preconceito, ainda há o medo da reação das pessoas e familiares e, mesmo assim, muitos enfrentam e buscam em pessoas do mesmo sexo o que não encontram nas pessoas do sexo oposto.

Mas há sempre a dúvida sobre o que leva uma pessoa a gostar ou não do mesmo sexo. E foi a essa pergunta que os jovens pesquisados responderam e que estão presentes nessa análise e nos gráficos que seguem:

A superproteção das mães e a curiosidade, segundo os meninos de 13 anos, são os motivos que levam a pessoa se interessar por alguém do mesmo sexo.

Os meninos de 14 anos primeiramente apontam que o homossexual não consegue se relacionar em se tratando de amizade com pessoas do mesmo sexo; em segundo dizem serem as mães responsáveis por se tornar afeminado devido à superproteção, em terceiro o fato de a mídia mostrar a naturalidade do relacionamento com pessoas do mesmo sexo.

Além desses motivos, para os meninos de 15 anos, o abuso sexual aparece também como algo que interfere na escolha pelo homossexualismo.

Para os meninos de 16 anos, o que caracteriza um menino afeminado capaz de se tornar homossexual é a antipatia por esportes masculinos, a não identificação com os colegas e o abuso sexual.

Em uma análise geral, percebe-se que a maioria dos meninos vê a incapacidade de identificar-se com o mesmo sexo e a influência da mídia, como motivos de levar uma pessoa ao homossexualismo. Os meninos, por exemplo, acham que muitas vezes nas aulas de Educação Física os meninos mais afeminados fogem do jogo de futebol e, quanto à mídia, sempre se identificam com pessoas que demonstram liberdade sexual com pessoas do mesmo sexo.

No quadro de respostas justificadas, um menino diz que os meninos se tornam gays por não sentirem atração por meninas, e outro menino diz não conseguir entender o porquê isso acontece.

03 – SEXUALIDADE

05)O que leva um adolescente a gostar do mesmo sexo (homossexualismo):

MENINAS

A - Distanciamento do pai cedo na infância, porque a criança o via como violento e a mãe distante fazendo a filha buscar apoio em outra mulher;

B – Por querer mostrar que são liberais, não têm preconceito e estão dispostas a experimentar tudo;

C - Após manter relações com mulheres, o carinho continua; já com o homem, parece algo mecânico, ou seja, ocorre apenas para atingir o orgasmo;

D - Por curiosidade e acaba se identificando melhor com meninas do que com meninos;

E - Por atração física e admiração que uma mulher despertou em outra;

F – Por influência de ídolos como T.A.T. U (banda homossexual) e outras;

G - Outra resposta

03 – SEXUALIDADE – QUESTÃO Nº. 05 - MENINAS

FIGURA 26 - POR IDADE

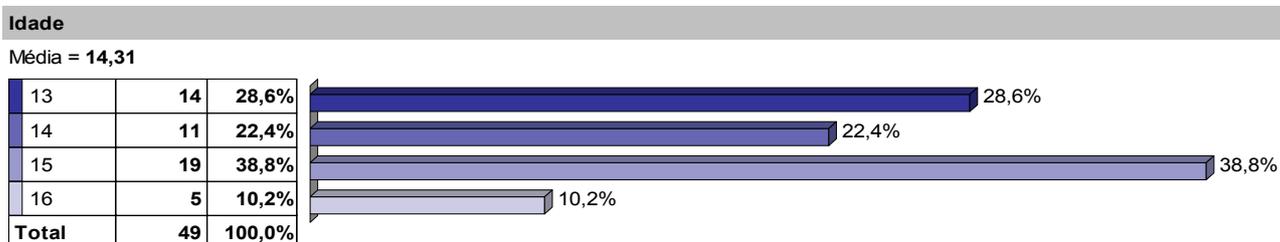


FIGURA 27 - POR SEXO

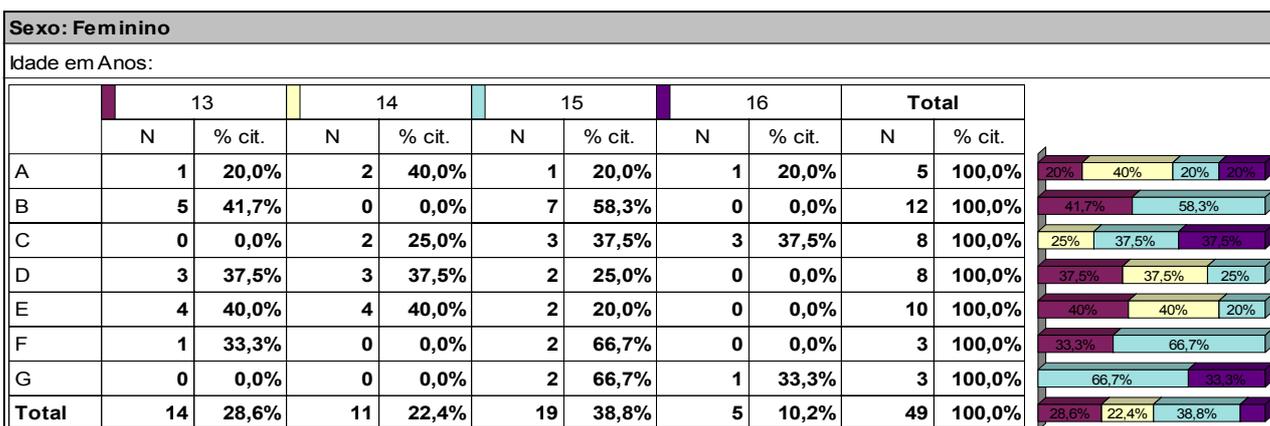
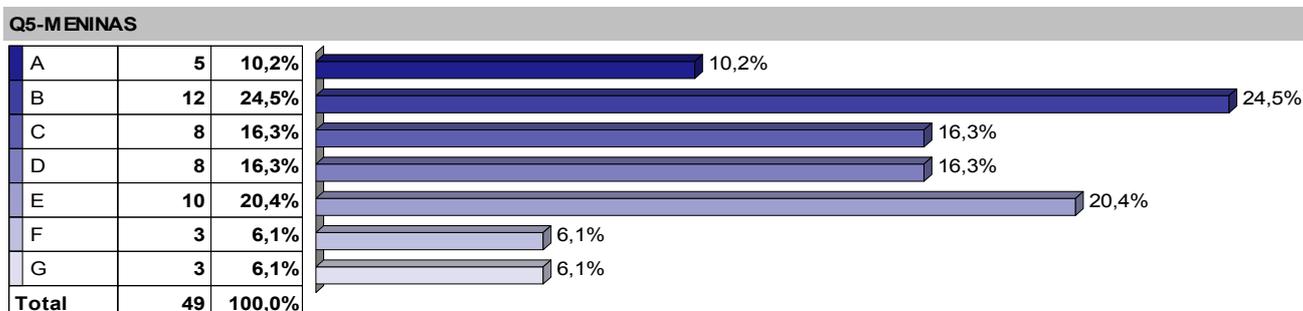


FIGURA 28 - GERAL



QUADRO 11 - DE ALTERNATIVAS JUSTIFICADAS

OUTRAS RESPOSTAS ASSUNTO 03 - PERGUNTA 05	SEXO - IDADE
<p>G – Porque muitas mulheres cansaram dos homens eles não nos entendem, elas sim;</p>	<p>Meninas - 16 anos Meninas - 15 anos</p>
<p>G – Acho que a pessoa deve ir ao médico, pois Deus diz na bíblia sobre Adão e Eva, um para o outro se não fosse assim não o teria criado;</p>	<p>Meninas – 15 anos</p>
<p>G – Para mim, o homossexualismo nasce com a pessoa a partir da infância a criança já demonstra. Mas também aqueles por curiosidade.</p>	

Discussão dos dados da questão 05 - meninas - SEXUALIDADE

05)O que leva um adolescente a gostar do mesmo sexo (homossexualismo):

MENINAS

A - Distanciamento do pai cedo na infância, porque a criança o via como violento e a mãe distante fazendo a filha buscar apoio em outra mulher;

B – Por querer mostrar que são liberais, não têm preconceito e estão dispostas a experimentar tudo;

C - Após manter relações com mulheres, o carinho continua; já com o homem, parece algo mecânico, ou seja, ocorre apenas para atingir o orgasmo;

D - Por curiosidade e acaba se identificando melhor com meninas do que com meninos;

E - Por atração física e admiração que uma mulher despertou em outra;

F – Por influência de ídolos como T.A.T. U (banda homossexual) e outras;

G - Outra resposta

As meninas de 13 anos dizem que essas pessoas estão querendo se mostrar mais liberais e por isso dizem não ter preconceito e aceitam todo relacionamento. No relacionamento entre meninas o carinho é maior do que entre os meninos. Foram assinaladas as alternativas que dizem que as meninas procuram outras meninas por curiosidade, por atração física e por influência de ídolos como T.A.T.U. (banda homossexual).

As meninas de 14 anos dizem ser por atração física e em segundo é por curiosidade que se interessa por meninas. As de 15 e 16 anos em sua maioria afirmam quererem mostrar-se liberais, aceitando tudo no relacionamento quer entre meninas quer entre meninos.

As respostas apresentadas de modo geral mostram que a liberdade e a disposição em experimentar tudo livremente sem preconceito aparecem como motivo mais assinalado pelas meninas, em se tratando de relacionamento com pessoa do mesmo sexo, Em segundo lugar, aparece a atração física e a admiração por outra menina.

Em uma pesquisa realizada pela Revista Veja (10 de março de 2004), com meninas entre 13 a 17 anos, mostrou-se que as meninas têm o hábito de beijar outra na boca “selinho”, por pura “curtição”. Algumas vão mais além beijam na boca como um casal de namorados. As meninas entrevistadas revelam que 30% já beijaram outra garota na boca, e que essa atitude não passa de farra e curiosidade. O Psicólogo Cláudio Picazio (Revista Veja, 2004), autor do livro “Diferentes desejos”, protagoniza esse fenômeno mais de cunho social do que sexual, pois o que querem mostrar é que são liberais, não têm preconceito e estão dispostas a experimentar tudo. O prazer delas está ligado à quebra de tabu. É um gesto transgressor e provocador, é uma oposição e resistência. Segundo as meninas “É legal ver a cara de bobo dos meninos”.

No quadro de Justificativas, uma menina de 16 anos diz que muitas mulheres casaram-se com homens, mas não eram compreendidas e que isso leva a mulher a se relacionar com outra mulher. Uma menina de 15 anos afirma que o homossexualismo já nasce com a que gosta de outra menina. Diz que essa pessoa deve ir ao médico, porque encara o homossexualismo como uma doença e que um tratamento poderá reverter essa situação, fazendo com que a pessoa se interesse

por outra do sexo oposto. Relata também a questão religiosa dizendo que, na Bíblia, Adão e Eva foram criados um para o outro e se não fosse para ser assim não teriam criado família. Houve no início da humanidade o homossexualismo.

Percebe-se que se trata de assunto polêmico por ter diferentes pontos de vista. Há os que defendem e buscam o prazer e a liberdade sexual sem restrição, e há os que condenam essa conduta, achando ser uma doença, uma maldição, por fugir a regra de Deus (questões religiosas). Há aqueles que são indiferentes. Devemos ser conscientes e tolerantes, não diferenciar pessoas por preconceito, afinal cada um tem o direito de fazer de sua vida o que decidir fazer, assumindo a responsabilidade de seus atos, seja lá a opção que escolher para sua vida, desde que essa atitude não prejudique o próximo.

Zagury (1997), em sua pesquisa sobre homossexualismo, revelou que a maioria dos jovens entrevistados analisam que essa é uma postura reflexa da tendência atual da sociedade. Encaram o homossexualismo como uma escolha sexual qualquer. O que ocorre é que a nova geração tende a não discriminar, diferente do que ocorria há anos atrás em que a discriminação contra o homossexualismo era excessiva. Para alguns pesquisadores na área médica e biológica, o homossexualismo é visto como um problema orgânico e bioquímico. Existem também os que acreditam ser um distúrbio de comportamento.

Enquanto não se descobrem, os pais devem proporcionar um ambiente equilibrado, harmônico e democrático, ficando próximos aos seus filhos para poderem orientar e esclarecer suas dúvidas suas dúvidas.

03 – SEXUALIDADE

6)O que leva um (a) jovem à prostituição:

A - A falta de emprego;

B - Por gostar de ter vários parceiros;

C - Por achar natural, afinal o corpo é seu e faz dele o que quiser;

D - Por sofrer agressões na infância e abuso sexual dentro da própria casa;

E - Por desilusão amorosa;

F - Por influência da mídia em mostrar nas novelas a facilidade de ganhar dinheiro;

G - Outra resposta;

03 – SEXUALIDADE – QUESTÃO Nº. 06

FIGURA 29 - MASCULINO

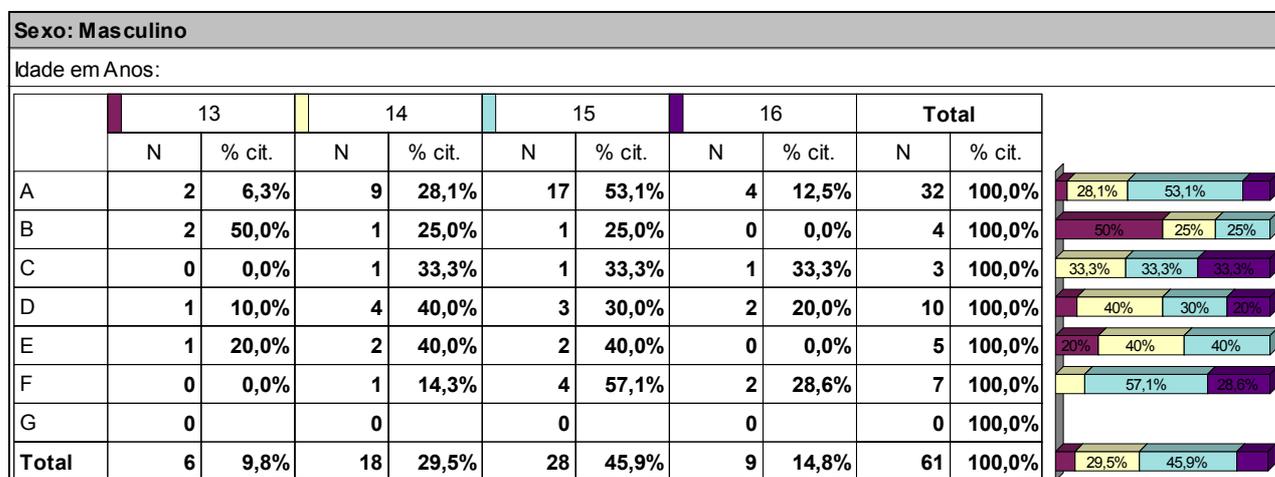
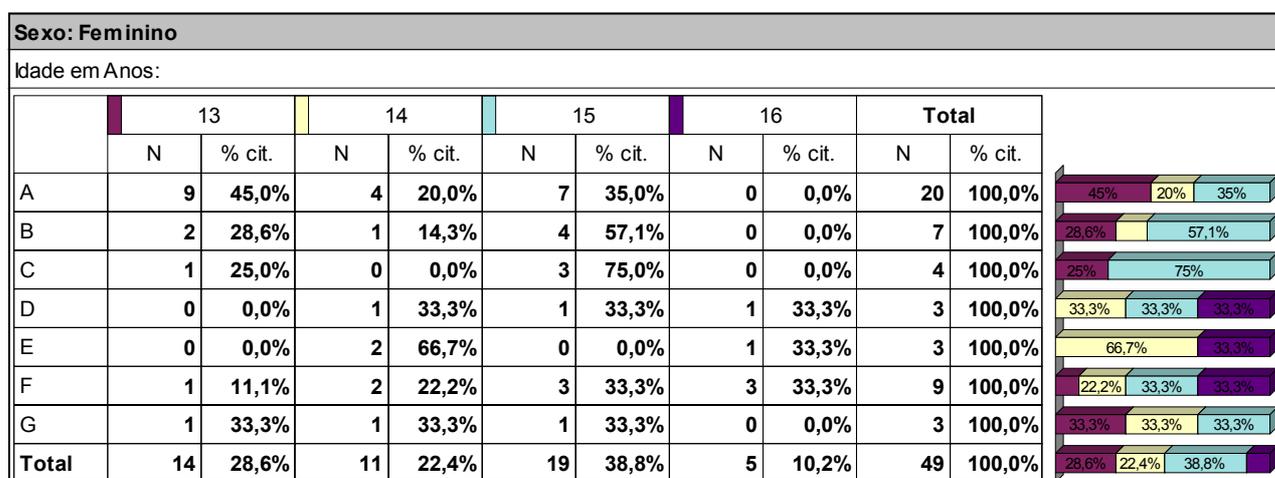


FIGURA 30 - FEMININO



QUADRO 12 - DE ALTERNATIVAS JUSTIFICADAS

OUTRAS RESPOSTAS ASSUNTO 03 - PERGUNTA	SEXO - IDADE
G – Por dificuldade na família acabam se prostituindo;	Meninas - 15 anos
G – Acho que muitas já se acostumaram com essa vida, outras, com certeza, porque precisam a ganhar a vida assim;	Meninas - 14 anos
G – Para ajudar a família com as despesas;	Meninas - 13 anos

Discussão dos dados da questão 06 – SEXUALIDADE

6)O que leva um (a) jovem à prostituição:

A - A falta de emprego;

B - Por gostar de ter vários parceiros;

C - Por achar natural, afinal o corpo é seu e faz dele o que quiser;

D - Por sofrer agressões na infância e abuso sexual dentro da própria casa;

E - Por desilusão amorosa;

F - Por influência da mídia em mostrar nas novelas a facilidade de ganhar dinheiro;

G - Outra resposta;

A exploração sexual de crianças e adolescentes e os abusos sexuais por parte de adultos são questões que devem ser enfatizadas nas instituições que trabalham com crianças e adolescentes, através de orientações e informações.

Os abusos sexuais, “segundo dados da Abrapia (Associação Brasileira de proteção à infância e à adolescência), do Rio de Janeiro, mais de 90% dos casos ocorrem dentro da própria casa da vítima, no mais das vezes, as vítimas são meninas em torno de seis anos de idade”. Em geral, o agressor é alguém conhecido e de confiança da criança (ZAGURY, 1997, p.205).

Mas para os estudantes o que leva um (a) jovem a se prostituir?

Em sua maioria, as meninas de 13 anos dizem que ocorre a prostituição pelo fato de ela gostar de ter vários parceiros. Os meninos divergem em suas opiniões, apontando como motivo a falta de emprego, por gostar de ter vários parceiros, por abuso sexual de adultos e por desilusão amorosa.

Para Zagury (1997, p. 205) “Nossa legislação classifica como atos libidinosos, passíveis de punição: as carícias eróticas, a palpação, a exigência de toque e carícias nos genitais do adulto, o voyeurismo (olhar escondido à nudez de um adulto ou criança), fotografar crianças em poses ou situações eróticas”.

Estudantes de 14 anos apontam a falta de emprego como o motivo mais assinalado, como a causa mais importante da prostituição. A segunda alternativa mais assinalada pelos meninos foi por ter sofrido algum tipo de abuso sexual. As meninas apresentam como segunda alternativa à desilusão amorosa.

Os meninos de 14 anos, os meninos e meninas de 15 e os meninos de 16 anos concordam que a falta de emprego leva à prostituição. As meninas de 16 anos acreditam ser a influência da mídia com suas novelas que mostram meninas de programa tendo sucesso levando-as a um “sonho consumista”.

Percebe-se que a maioria de meninos e meninas concorda que a falta de emprego está levando os jovens a se prostituírem.

No quadro de respostas justificadas, há diferença nas justificativas das meninas: as de 15 e 13 anos acham que é devido à dificuldade encontrada na família e as de 14 anos dizem que algumas meninas se prostituem por gostar do que fazem e outras porque são obrigadas e pressionadas.

Percebe-se, portanto, que na opinião dos jovens o maior motivo que leva um (a) jovem a “vender” seu próprio corpo é a falta de emprego, as dificuldades financeiras, desavenças no seio familiar. Fatores preocupantes, em um país cujo desemprego é assustador, com um número elevado de jovens com poucas oportunidades de trabalho e de ingressar na universidade, passar em concursos (muito concorrido por pessoas que têm condições de pagar cursinhos) e de entrar para o mercado de trabalho de forma digna.

Torres (1999), em seu estudo sobre as razões que levam uma jovens a optar pela prostituição, realizou uma pesquisa com jovens na faixa etária entre 15 à 23 anos. Pode-se identificar como a principal causa que levou essas garotas a se

prostituírem foi a falta de condições financeiras. Mas almejam como perspectiva de vida futura deixar a prostituição e terem, no futuro, uma profissão e vida digna. No Brasil, a prostituição na adolescência alcança níveis muito altos, cerca de 50 mil, nas idades que variam entre 9 e 14 anos. Torna-se evidente, então, a necessidade de uma tomada de decisão por parte dos órgãos responsáveis pelo bem-estar do adolescente, como também pela sociedade em geral, proporcionando a essas jovens alternativas, para se libertarem do ramo da prostituição, e principalmente para que se evite o ingresso de novas adolescentes nessa atividade. Observou-se também que o aumento da prostituição foi devido ao turismo regional e local (Natal/RN) existente onde essas jovens residem. Toda essa problemática está compactuada também por vários setores da sociedade, dentre os quais se destacam as “empresas de turismo, rede de hotéis, proprietários de motéis, casas noturnas, cafetões e cafetinas”, que contribuem para o aliciamento dessas jovens.

Um fator que tem contribuído muito para a prostituição entre adolescentes e jovens, e até mesmo as crianças, é conhecido como turismo sexual, espécie de uma indústria que organiza a prostituição principalmente nas áreas turística dentro e fora do país. Segundo Filho (2004), a antropóloga Adriana Piscitelli, pesquisadora e coordenadora associada do Núcleo de Estudos de Gênero (Pagu) da Unicamp, o turismo sexual, ocorre principalmente pela ilusão de emigrar para um país desenvolvido e, com isso, ascender socialmente. É uma das maiores motivações para o envolvimento de mulheres brasileiras com turistas estrangeiros que vêm ao país à procura de sexo. Em sua pesquisa, Piscitelli focou o turismo sexual internacional que envolve mulheres jovens, majoritariamente na faixa dos 20 anos que atendem estrangeiros de diversas nacionalidades, sobretudo italianos, portugueses, holandeses, norte-americanos e, em menor grau, ingleses, alemães e latino-americanos. É comum encontrar jovens que romantizam esse relacionamento. “Várias delas sonham em viajar, casar e ter filhos”. Embora faça questão de ressaltar que não é a favor do turismo sexual, para a antropóloga, é preciso que haja uma ação mais ampla que garanta oportunidades a essas mulheres, pois é exatamente isso que elas procuram. As campanhas e as leis contra esse tipo de prática têm surtido algum resultado, principalmente no que se refere ao combate à exploração infantil, mas estão longe de resolver o problema.

Pode-se perceber que as dificuldades financeiras é que levam crianças e jovens a prostituição. Considerando-se, então, este caso como um problema de saúde coletiva, é necessário chamar a atenção das instituições públicas responsáveis pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, frente às características desse grupo etário em desenvolvimento, e vulnerável a todos os fatores de riscos a que estão expostos, inclusive à prostituição.

03 – SEXUALIDADE

07) Ao questionar com seus pais sobre sexualidade, qual foi a reação deles?

A - Devido a questões culturais, vergonha e preconceito, evitou que a conversa continuasse;

B - Desvia o assunto sempre dando indireta do que aconteceu com o filho do vizinho;

C - Começa a conversa e você acaba ficando encabulado e o assunto não tem continuidade;

D - Não deixa nem tocar nesse assunto em casa;

E – A conversa ocorreu naturalmente devido à liberdade existente para falar sobre o assunto;

G - Outra resposta.

03 – SEXUALIDADE – QUESTÃO Nº. 07

FIGURA 31 - MASCULINO

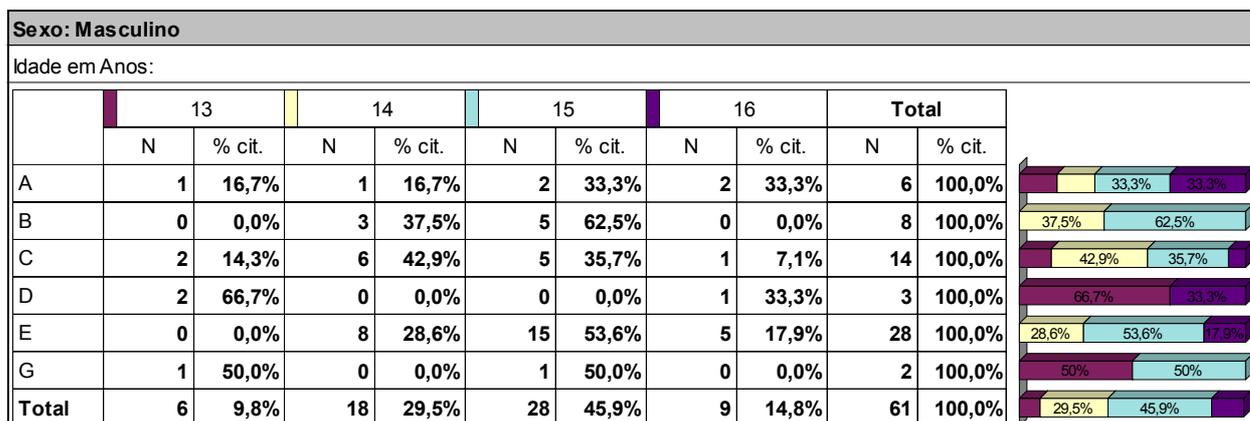
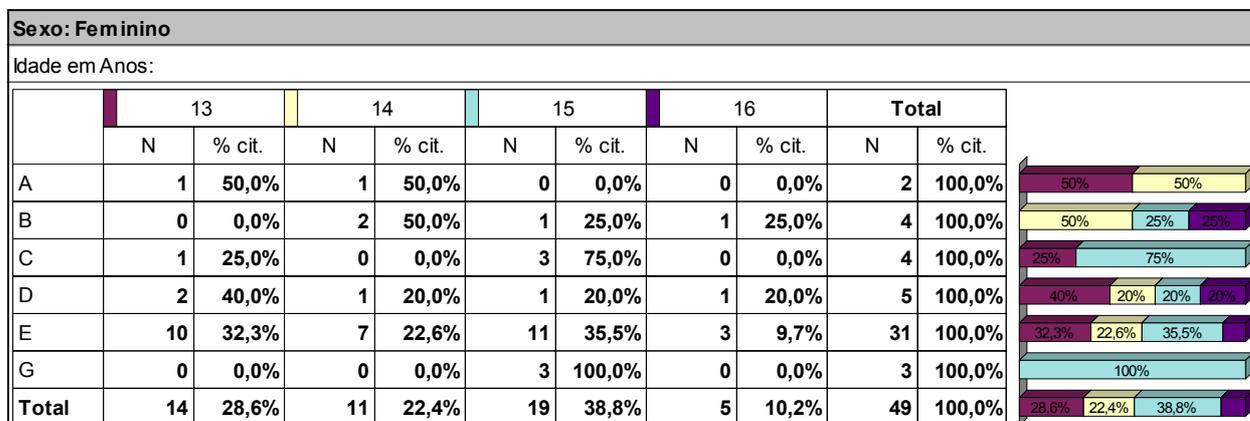


FIGURA 32 - FEMININO



QUADRO 13 - DE ALTERNATIVAS JUSTIFICADAS

OUTRAS RESPOSTAS ASSUNTO 03 - PERGUNTA 07	SEXO - IDADE
<p>G – Não tenho pai e nem mãe por isso não converso com ninguém sobre esses assuntos;</p> <p>G – Sou eu quem não conversa, tenho vergonha.</p>	<p>Meninos - 15 anos</p> <p>Meninos - 13 anos</p>
<p>G – Não converso isso com meus pais vou saber tudo isso no casamento;</p> <p>G – Um saco, pois já perdi a virgindade e vivem fazendo um relatório de perguntas tipo o que eu ando fazendo;</p> <p>G – Bom como eu só vejo minha mãe duas vezes por semana eu não toco no assunto, pois acho que só quando chegar à hora de ter relação sexual com alguém. Mas ela sempre tenta conversar do jeito dela;</p>	<p>Meninas - 15 anos</p> <p>Meninas - 15 anos</p> <p>Meninas – 15 anos</p>

Discussão dos dados da questão 07 - SEXUALIDADE

07) Ao questionar com seus pais sobre sexualidade, qual foi a reação deles?

A - Devido a questões culturais, vergonha e preconceito, evitou que a conversa continuasse;

B - Desvia o assunto sempre dando indireta do que aconteceu com o filho do vizinho;

C - Começa a conversa e você acaba ficando encabulado e o assunto não tem continuidade;

D - Não deixa nem tocar nesse assunto em casa;

E – A conversa ocorreu naturalmente devido à liberdade existente para falar sobre o assunto;

G - Outra resposta;

Quando o assunto é sexo, na conversa entre pais e filhos, há bloqueios que atrapalham essa conversa tão importante na vida dos jovens. E para os nossos estudantes entrevistados como anda esse diálogo com seus pais?

Com as meninas de 13 anos, a conversa ocorre mais naturalmente com seus pais. Com os meninos, seus pais apresentam dificuldades, assim: uns tem preconceito, outros ficam encabulados e há aqueles que nem deixam falar desses assuntos em casa.

Meninos e meninas de 14 anos dizem que a conversa ocorre naturalmente, mas uma grande parcela de meninos mostra que ainda têm dificuldade em conversar com seus pais, que ainda se sentem encabulados para falar desse assunto com seus filhos e quando conversam é apenas de forma indireta.

Os meninos e meninas de 15 e 16 anos, em sua maioria, têm facilidade em conversar sobre sexualidade, por terem liberdade com seus pais. O relacionamento positivo, aberto, facilita.

De modo geral, meninos e meninas demonstram uma liberdade em conversar sobre sexualidade, mas ainda há uma grande parcela de pais que não têm diálogo direto com seus filhos, deixando de dar orientação e informação para que tenham uma vida sexual mais segura e se tornem conscientes de que estão preparados para o início da vida sexual.

Para Zagury (1997), alguns pais até querem conversar sobre sexo, mas muitos filhos é que não querem falar sobre isso com eles, talvez por não se sentirem à vontade de dialogar sobre esse assunto. Mas há pais que acham perigoso conversar sobre sexo com os filhos, o motivo seria o medo de despertar precocemente no adolescente a vontade de iniciar a vida sexual.

No quadro de justificativas de nº. 13, percebe-se que os meninos não recebem orientação sexual de ninguém em sua casa. Já entre as meninas, uma delas, por ter perdido a virgindade, não gosta de conversar sobre o assunto, pois se sente muito questionada por seus pais; outra diz que esse assunto é para ser falado

após o casamento e uma última diz que quase não vê sua mãe, por isso não conversa sobre esse assunto. Acha que vai “rolar” mais essa conversa quando chegar o momento de ter relação sexual com alguém.

03 – SEXUALIDADE

08) o que você acha da virgindade?

A – Algo de grande importância, afinal me valorizo, pois, para mim, é questão de honra;

B – Não sou virgem e nem por isso não me valorizo;

C – Sei que no fundo os meninos querem casar com meninas virgem;

D - Cada um sabe o que faz, tanto faz ser como não ser;

E – Outras;

03 – SEXUALIDADE – QUESTÃO Nº. 08

FIGURA 33 - MASCULINO

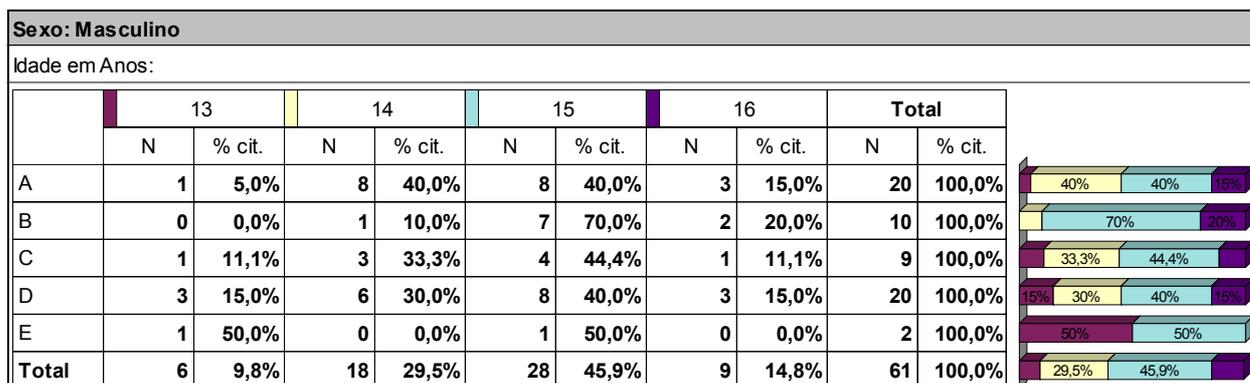
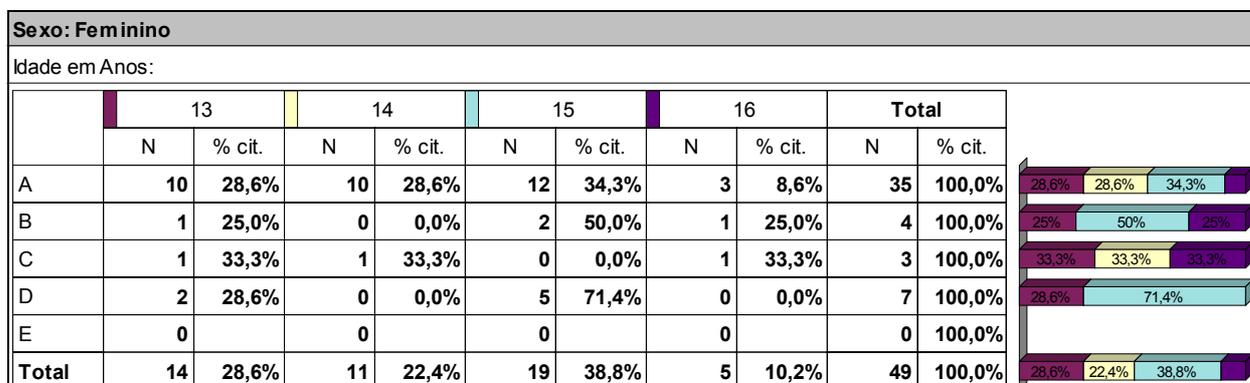


FIGURA 34 - FEMININO



QUADRO 14 - DE ALTERNATIVAS JUSTIFICADAS

OUTRAS RESPOSTAS ASSUNTO 03 - PERGUNTA 08	SEXO - IDADE
F – Sei lá nem penso;	Meninos -15 anos
F – Cada um sabe o que faz;	Meninos - 13 anos

Discussão dos dados da questão 08 - SEXUALIDADE

08) o que você acha da virgindade?

A – Algo de grande importância, afinal me valorizo, pois, para mim, é questão de honra;

B – Não sou virgem e nem por isso não me valorizo;

C – Sei que no fundo os meninos querem casar com menina virgem;

D - Cada um sabe o que faz, tanto faz ser como não ser;

E – Outras;

Em virtude das diversas interpretações a respeito da virgindade feminina, foi pedido que os jovens (meninos e meninas) respondessem essa questão, referindo-se apenas à virgindade das meninas.

Os meninos de 13 anos ficaram divididos em suas opiniões, mas demonstraram não dar tanta importância à virgindade feminina. As meninas, na maioria, preservam a virgindade por questão de valor, pois acham que as meninas que “transam” antes do casamento são desvalorizadas pelos meninos, “pois eles sempre contam para seus amigos com quem transam, e fazem da menina um objeto sexual”. Meninos e meninas de 14,15 e 16 anos valorizam a virgindade feminina. Meninos não se incomodam com isso e quando respondem à alternativa B, querem dizer que não é por ter perdido a virgindade que a menina deixa de ser valorizada.

Observando as respostas no geral e o quadro de justificativas, vê-se que as meninas defendem a virgindade como questão de honra, já os meninos ficam divididos entre valorizar ou não a virgindade feminina. É interessante que há meninos de 13 e 16 anos que preferem casar com meninas virgens. Em rodas de conversas informais, as meninas ficaram assustadas com essa resposta dos meninos, e afirmaram “bem que o pai e a mãe da gente falam que os meninos só querem bagunçar, mas na hora de casar eles querem as certinhas, a virgem”.

Isso serviu para a reflexão das meninas quanto à banalização sexual evidente, pois muitas meninas durante as aulas de Educação Física comentam

entre elas, terem saído com vários meninos da escola, parecendo ser uma disputa para ver quem consegue ficar com mais meninos e “transar” com eles. Muitos dos meninos comentam entre eles com quem já ficou da escola, desvalorizando a sua parceira, dizendo “pode chegar que aquela menina é fácil”. Esse assunto foi comentado em uma das nossas conversas informais, e as meninas ficaram horrorizadas como os meninos desvalorizam as meninas com as quais elas já saíram.

Percebeu-se o choque das meninas em relação ao discurso dos meninos sobre valor moral dado por eles, em relação as meninas que não saem por ai “transando” e que pensam em casar virgem. O choque foi devido as críticas que as meninas dão a carece de seus pais em relação à virgindade, dizendo que os pais estão nos “tempos das cavernas”. Será mesmo que o machismo dos “tempos da caverna” acabou?

Andamento das aulas

Aula: 04

- a) Conteúdo: Tema: Drogas
- b) Número de aulas: 02 aulas
- c) Objetivos: Realizar um trabalho de conscientização sobre as conseqüências que as drogas trazem na vida dos usuários;
- d) Desenvolvimento da aula:

Os alunos foram divididos (em cada turma trabalhada) em 04 grupos de 08 a 10 alunos, para a realização da tarefa solicitada em sala de aula, em que os alunos confeccionaram cartazes com colagens de figuras, jornais e revistas, trazidos pelos próprios alunos sobre drogas.

Dos quatro grupos separados, dois ficaram responsáveis em confeccionar cartazes referentes aos tipos de drogas, e os outros dois em relação às conseqüências das drogas.

Cada grupo apresentou seu cartaz, expondo suas opiniões, transmitindo as informações aos demais grupos sobre os tipos de drogas suas conseqüências e fizeram um alerta em relação ao mundo das drogas, “de como é fácil começar a usar drogas, e de como é difícil sair. Ao se envolver com drogas, o usuário acaba envolvendo todo mundo que gosta dele, além de muitas vezes partirem para o crime roubando dinheiro, para acertar dívidas de drogas”.

f) Término da aula:

Concluíram que hoje é muito comum eles se relacionarem com amigos usuários de drogas, mas tem que ter opinião e personalidade para não se envolver, pois as drogas para eles é um caminho sem volta e de fácil acesso e que dificilmente quem utilizou uma vez não volta a experimentar.

Ao final, responderam ao questionário referente ao tema abordado.

A tabulação dos questionários aparece mais adiante.

03 – DROGAS

01) A maconha reduz a produção de espermatozóide, diminuindo o apetite sexual (o que muitos não percebem, deixam de ficar com o namorado (da) para usá-las). E isso já é sintoma de que o seu apetite sexual não é mais o mesmo, Além dela temos o crack, a cocaína, a heroína, o LSD e o excesso de álcool que também causa a falta de apetite sexual.

Apesar das informações, o que ainda leva um adolescente a usar drogas:

A – Para fugir da realidade tão difícil de vivenciar, em busca de não enfrentar os problemas do dia-a-dia;

B – Por falta de estrutura familiar;

C – Por curiosidade e influência de colegas;

D – Por admitir que seja mais fortes que as drogas achando que nunca se tornará viciado, além de não acreditar nos efeitos colaterais principalmente da maconha;

E – Por procura de prazer e euforia nos grupos de amigos

F – Para iniciar o tráfico por falta de emprego, porque necessita de dinheiro para o consumo de produto de marcas, pois precisa estar na moda;

G – Outra resposta.

03 – DROGAS – QUESTÃO Nº. 01

FIGURA 35 - MASCULINO

Sexo: Masculino										
Idade em Anos:										
	13		14		15		16		Total	
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.
A	0	0,0%	5	29,4%	7	41,2%	5	29,4%	17	100,0%
B	0	0,0%	2	28,6%	5	71,4%	0	0,0%	7	100,0%
C	3	14,3%	4	19,0%	13	61,9%	1	4,8%	21	100,0%
D	1	20,0%	3	60,0%	0	0,0%	1	20,0%	5	100,0%
E	1	16,7%	3	50,0%	2	33,3%	0	0,0%	6	100,0%
F	1	25,0%	1	25,0%	0	0,0%	2	50,0%	4	100,0%
G	0	0,0%	0	0,0%	1	100,0%	0	0,0%	1	100,0%
Total	6	9,8%	18	29,5%	28	45,9%	9	14,8%	61	100,0%

FIGURA 36 - FEMININO

Sexo: Feminino										
Idade em Anos:										
	13		14		15		16		Total	
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.
A	4	26,7%	2	13,3%	7	46,7%	2	13,3%	15	100,0%
B	0	0,0%	2	33,3%	3	50,0%	1	16,7%	6	100,0%
C	7	36,8%	6	31,6%	6	31,6%	0	0,0%	19	100,0%
D	2	50,0%	0	0,0%	2	50,0%	0	0,0%	4	100,0%
E	0	0,0%	0	0,0%	1	100,0%	0	0,0%	1	100,0%
F	1	50,0%	1	50,0%	0	0,0%	0	0,0%	2	100,0%
G	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	2	100,0%	2	100,0%
Total	14	28,6%	11	22,4%	19	38,8%	5	10,2%	49	100,0%

QUADRO 15 - DE ALTERNATIVAS JUSTIFICADAS

OUTRAS RESPOSTAS ASSUNTO 04 - PERGUNTA 01	SEXO - IDADE
G – todas as alternativas	Meninos - 15 anos
G – Para esfriar a mente G – Só para ter euforia com os amigos, tenho várias amigas que o namorado usa drogas e as vezes elas não conseguem o atrair sexualmente;	Meninas - 16 anos Meninas - 16 anos

Discussão dos dados da questão 01 – DROGAS

01) A maconha reduz a produção de espermatozóide, diminuindo o apetite sexual (o que muitos não percebem, deixam de ficar com o namorado (da) para usá-las). E isso já é sintoma de que o seu apetite sexual não é mais o mesmo, Além dela temos o crack, a cocaína, a heroína, o LSD e o excesso de álcool que também causa a falta de apetite sexual.

Apesar das informações, o que ainda leva um adolescente a usar drogas:

A – Para fugir da realidade tão difícil de vivenciar, em busca de não enfrentar os problemas do dia-a-dia;

B – Por falta de estrutura familiar;

C – Por curiosidade e influência de colegas;

D – Por admitir que seja mais fortes que as drogas achando que nunca se tornará viciado, além de não acreditar nos efeitos colaterais principalmente da maconha;

E – Por procura de prazer e euforia nos grupos de amigos

F – Para iniciar o tráfico por falta de emprego, porque necessita de dinheiro para o consumo de produto de marcas, pois precisa estar na moda;

G – Outra resposta;

Infelizmente o envolvimento com drogas acontece por vários motivos, e o pior é que ocorre precocemente esse despertar de curiosidade, ou seja, no final da infância e início da adolescência.

Segundo a Comissão de Saúde do Adolescente (1998), muitos adolescentes de nossa sociedade afirmam que “se as drogas fossem tão prejudiciais à saúde como dizem, você acha que haveria tantas pessoas consumindo drogas?”. Sem dúvida a grande maioria das pessoas que consomem drogas desconfiam das informações “oficiais” sobre os malefícios das drogas.

De acordo com essa Comissão (1998) em uma pesquisa realizada com crianças e adolescente que freqüentam as escolas de periferia de São Paulo, vem nos mostrar que dos 1.836 estudantes pesquisados, 6,5% admitiram já ter consumido outras substâncias psicoativas, sendo que 3,2% declararam que o havia feito nos trinta dias anteriores; 3% assinalaram a alternativa “prefiro não responder” e 2,3% deixaram em branco. A maconha e os calmantes apresentaram os maiores índices de consumo, embora também se tenha encontrado o uso do optalidon, cocaína, artane, chá de lírio e outros.

De acordo com a Comissão de Saúde dos Adolescentes (1998), constatou-se na pesquisa com estudantes da periferia de São Paulo que 14% indicam o uso de tabaco; 32,7% ingeriram bebidas alcoólicas nos trinta dias anteriores. Esse uso foi maior para o sexo masculino (40,5%) do que para o feminino (20,0%) e aumentou progressivamente com a idade, variando de 12,3% (para a faixa de 9 a 11 anos) até 55,4% (18 anos ou mais).

Procuramos nessa pesquisa realizada na cidade de Presidente Prudente, identificar através dessa questão (O que leva um adolescente a usar drogas?), quais motivos que levam um jovem a iniciar o uso de drogas.

As meninas de 13 anos afirmam ser primeiramente por curiosidade e influência de colegas e, em segundo, para fugir da realidade difícil de encarar; já os meninos, em sua maioria, dizem ser curiosidade e influência de colegas. Os meninos de 14 anos ficam divididos, mas a maioria diz ser para fugir da realidade; em segundo, por influência de colegas, mas alguns dizem ser por achar que nunca se tornarão viciados, e por busca de euforia no grupo de amigos. As meninas afirmam ser por curiosidade e influência dos colegas.

A curiosidade e a influencia de colegas é apontada pelos meninos de 15 anos, como o principal motivo que leva ao uso de drogas, e o segundo motivo é por fuga da realidade. As meninas de 15 anos também concordam com esse motivo, mas, em sua maioria, afirmam que o uso de drogas se dá mais para fugir da realidade.

Os meninos e meninas de 16 anos concordam em sua maioria, que o que leva um jovem a usar drogas, é a fuga da realidade, para não enfrentar os problemas diários. Mas o que prevalece, de modo geral, nas respostas assinaladas e que nos desperta uma grande preocupação é o fato de a maioria afirmar que a curiosidade e a influência é que leva um jovem a usar droga.

No quadro de justificativas, um menino de 15 anos acha que todas as alternativas levam ao uso de drogas; já as meninas dizem ser por euforia e para esfriar a mente.

É preciso que os pais sejam vigilantes quanto à amizade de seus filhos e, mesmo que a luta seja árdua, não se pode desistir, pois são os próprios jovens que dizem que a amizade interfere na escolha de usar ou não a droga, pois se um jovem tem amizade com um usuário além da curiosidade com certeza esse amigo irá influenciar em sua decisão e claro que irá empurrar drogas para essa vítima da ingenuidade e da desorientação.

Para Tavares (2001), a adolescência é uma etapa na qual freqüentemente ocorre a experimentação de drogas, seja elas lícitas seja ilícitas, embora a maioria seja experimental, poderá esse uso refletir na vida adulta, em ser um usuário freqüente. A identificação de sinais precoces de comportamento de dependência é altamente necessária para que a família e o setor escola e saúde possam tomar providências com maiores chances de sucesso. Contudo, tendo em vista que quase toda a população passa pela escola em idade e circunstâncias bastante favoráveis à assimilação de novos hábitos e conhecimentos, a instituição escolar torna-se um espaço privilegiado para o desenvolvimento de programas preventivos, sendo recomendável o estabelecimento de políticas nesse sentido.

Andamento das aulas

Aula: 05 e 06

a) Conteúdo: Temas: Preconceito e violência

b) Número de aulas: 02 aulas

c) Objetivos: Verificar os tipos de violência existentes na comunidade da escola do grupo pesquisado, para a realização de um trabalho voltado à cultura da paz; analisar ações referentes a preconceitos e violência praticadas.

d) Desenvolvimento da aula:

Os alunos realizaram uma pesquisa sobre os principais tipos de preconceito e violência existentes em sua comunidade. Os resultados colhidos pelos alunos foram os pontos de referência para a realização dessa aula.

Quanto ao preconceito, os alunos destacaram que em sua comunidade há uma grande discriminação aos homossexuais e as meninas solteiras grávidas. Já a violência acontece muito por brigas corriqueiras “por cuidar da vida do outro”. Foram citadas também brigas por excesso de bebida, acertos de drogas e vítimas de bala perdida.

Ao tomarem consciência do que acontece na comunidade, os alunos ficaram chocados com tanta violência existente e iniciaram um trabalho de oposição a ela, colocando na escola frases sobre “como é bom cultivar a paz”.

Após o debate foi feita a leitura e discussão de um texto sobre direitos humanos e cidadania extraído do livro de Dalmo de Abreu Dallari, citado na coleção Ética e Cidadania: Construindo Valores na Escola e na Sociedade - Secretaria Especial dos Direitos Humanos – Ministério da Educação.

Essa leitura serviu para reflexão dos alunos sobre os direitos humanos.

e) Término da aula:

Concluíram que devemos respeitar os outros assim como gostamos de ser respeitados.

Por fim, foi aplicado o questionário elaborado pelo pesquisador, sobre preconceito e violência.

A tabulação dos questionários foi apresentada mais adiante.

04 – PRECONCEITO E VIOLÊNCIA

01 - Qual o tipo de preconceito mais evidente em sua comunidade/ família:

A – Por homossexuais;

B – Por adolescentes grávidas;

C – Pela cor da pele;

D – Por classe social

E – Por religião

F – Todas as alternativas;

G – Outra resposta;

04 – PRECONCEITO E VIOLÊNCIA – QUESTÃO Nº. 01

FIGURA 37 - MASCULINO

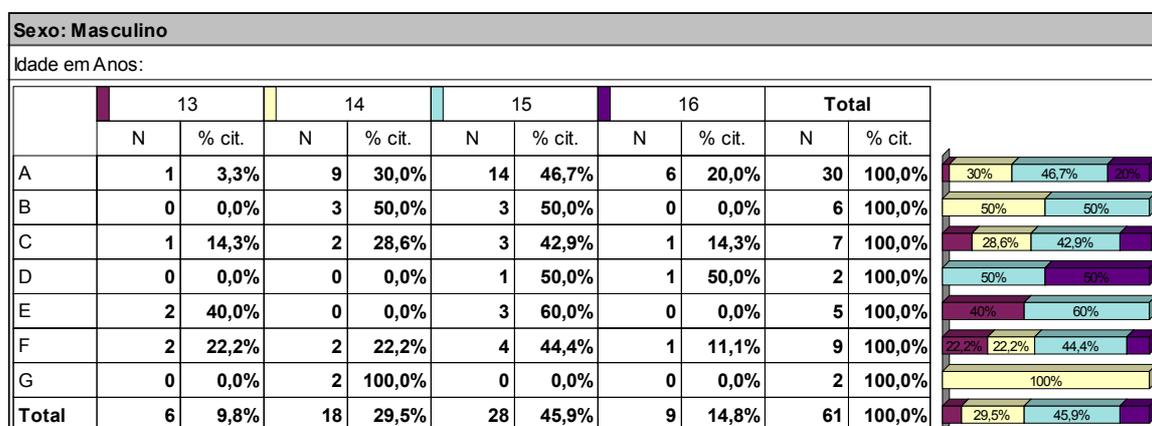


FIGURA 38 - FEMININO

Sexo: Feminino										
Idade em Anos:										
	13		14		15		16		Total	
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.
A	3	30,0%	4	40,0%	2	20,0%	1	10,0%	10	100,0%
B	3	13,0%	5	21,7%	11	47,8%	4	17,4%	23	100,0%
C	4	80,0%	0	0,0%	1	20,0%	0	0,0%	5	100,0%
D	0	0,0%	0	0,0%	2	100,0%	0	0,0%	2	100,0%
E	1	50,0%	1	50,0%	0	0,0%	0	0,0%	2	100,0%
F	2	50,0%	1	25,0%	1	25,0%	0	0,0%	4	100,0%
G	1	33,3%	0	0,0%	2	66,7%	0	0,0%	3	100,0%
Total	14	28,6%	11	22,4%	19	38,8%	5	10,2%	49	100,0%

QUADRO 16 - DE ALTERNATIVAS JUSTIFICADAS

OUTRAS RESPOSTAS ASSUNTO 05 - PERGU	SEXO - IDADE
<p>G – Não temos preconceito;</p> <p>G – Não justificou;</p>	Meninos - 14 anos
<p>G – Não tem preconceito;</p> <p>G – Nenhum preconceito que eu saiba;</p> <p>G – Evitamos ter algum preconceito;</p> <p>G – Não tem preconceito;</p>	<p>Meninas - 16 anos</p> <p>Meninas - 15 anos</p> <p>Meninas - 13 anos</p>

Discussão dos dados da questão 01 - Preconceito e violência

01 - Qual o tipo de preconceito mais evidente em sua comunidade/ família:

A – Por homossexuais;

B – Por adolescentes grávidas;

C – Pela cor da pele;

D – Por classe social

E – Por religião;

F – Todas as alternativas;

G – Outra resposta;

O preconceito como o próprio nome já diz, é um “pré - conceito”, ou seja, um conceito previamente formado para julgar uma pessoa ou um grupo de pessoas. Sabemos que são muitos os preconceitos existentes em uma sociedade, e a partir dessa questão, poderemos conhecer o maior preconceito existente na comunidade dos nossos alunos.

Primeiramente, para as meninas de 13 anos, é o preconceito racial, em segundo, vem por homossexuais e por adolescentes grávidas. Já os meninos dizem ser apenas por religião; outros dizem ver todos os tipos de preconceito citados nas alternativas.

Os meninos de 14, 15 e 16 anos dizem que o maior preconceito é por homossexuais; já as meninas acham ser por adolescentes grávidas e as de 14 anos, além desse preconceito, dizem também haver por homossexuais.

De modo geral as alternativas mais assinaladas pelos jovens relatam que os meninos, em sua maioria, dizem ser por homossexuais, já as meninas dizem ser por adolescentes grávidas. Talvez, as respostas dadas por meninos e meninas não seriam por sentirem mais na pele: os meninos o medo de serem vistos como gays e as meninas de engravidarem e serem condenadas, ou seja, cada um não estaria vendo o seu lado sexual no momento de julgar o maior preconceito existente em sua comunidade?

No quadro de respostas justificadas, um menino e três meninas disseram não haver preconceito em sua comunidade.

Devemos trabalhar nesses jovens a questão dos direitos humanos, para que não sejam contaminados pela comunidade em que vivem e para que sejam capazes de se tornar homens livres de preconceitos e discriminações ao seu semelhante.

Segundo Lacerda, Torres e Garcia, (2004), A violência e o preconceito contra homossexuais no Brasil ficam ainda mais evidentes quando comparadas às estatísticas de países como os Estados Unidos, onde, entre 1992 e 1994, foram cometidos 151 “crimes de ódio” contra homossexuais, numa população de 250 milhões de habitantes. No Brasil, país com uma população de 160 milhões de habitantes, no mesmo período, mais de 180 homossexuais foram assassinados.

Considerando-se a precariedade das estatísticas criminais, estes "crimes de ódio" estão, provavelmente, subnotificados. E que a violência e preconceito contra homossexuais e mulheres é fruto das relações de poder entre o grupo dominador e o grupo dominado.

04 – PRECONCEITO E VIOLÊNCIA

02) Qual o tipo de violência que você mais vivenciou em sua comunidade:

A – Espancamento em mulheres;

B - Abuso sexual em crianças;

C – Abuso sexual contra mulheres;

D – Vítimas de balas perdidas;

E – Brigas entre as pessoas, por levar uma vida individualista;

F – Todas as alternativas;

G - Outra resposta.

04 – PRECONCEITO E VIOLÊNCIA – QUESTÃO Nº. 02

FIGURA 39 - MASCULINO

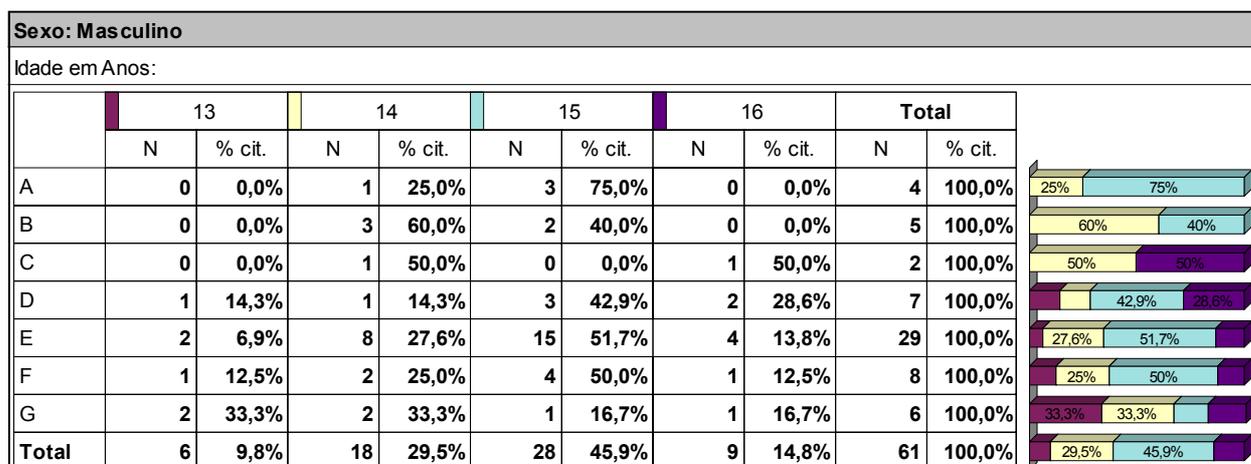
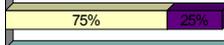
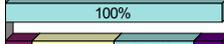
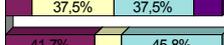
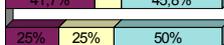
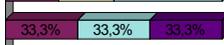
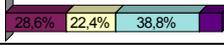


FIGURA 40 - FEMININO

Sexo: Feminino											
Idade em Anos:											
	13		14		15		16		Total		
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	
A	0	0,0%	1	50,0%	0	0,0%	1	50,0%	2	100,0%	
B	0	0,0%	3	75,0%	0	0,0%	1	25,0%	4	100,0%	
C	0	0,0%	0	0,0%	1	100,0%	0	0,0%	1	100,0%	
D	1	12,5%	3	37,5%	3	37,5%	1	12,5%	8	100,0%	
E	10	41,7%	3	12,5%	11	45,8%	0	0,0%	24	100,0%	
F	1	25,0%	1	25,0%	2	50,0%	0	0,0%	4	100,0%	
G	2	33,3%	0	0,0%	2	33,3%	2	33,3%	6	100,0%	
Total	14	28,6%	11	22,4%	19	38,8%	5	10,2%	49	100,0%	

QUADRO 17 - DE ALTERNATIVAS JUSTIFICADAS

OUTRAS RESPOSTAS ASSUNTO 05 -PERGUNTA 02	SEXO - IDADE
G – Vítima das conversas dos outros;	Meninos -16 anos
G – Por bebida alcoólica;	Meninos - 15 anos
G – Esfaqueamento;	Meninos - 14 anos
G – Nenhuma;	Meninos - 14 anos
G - sem justificativa;	Meninos - 13 anos
G - sem justificativa;	
G – O bairro que moro é tranqüilo;	Meninas - 16 anos
G – Não tem;	Meninas - 16 anos
G – Muitas brigas;	Meninas - 16 anos
G – Nenhuma que eu saiba;	Meninas - 16 anos
G – O roubo é muito e o com o roubo o abuso sexual contra mulheres;	Meninas - 15 anos
	Meninas - 13 anos
G – Não vejo;	Meninas - 13 anos

Discussão dos dados da questão 02 - Preconceito e violência

02) Qual o tipo de violência que você mais vivenciou em sua comunidade:

A – Espancamento em mulheres;

B - Abuso sexual em crianças;

C – Abuso sexual contra mulheres;

D – Vítimas de balas perdidas;

E – Brigas entre as pessoas, por levar uma vida individualista;

F – Todas as alternativas;

G - Outra resposta;

Nos últimos anos, a violência na sociedade brasileira tem aumentado muito, a violência que mata, que destrói, que fere e maltrata. E quantas vezes pessoas que nem sabem o por que são vítimas dessa brutalidade que se tornou um sintoma social.

Dentre as violências presenciadas pela sociedade, procuramos de nossos jovens descobrir qual é a mais freqüente em sua comunidade.

Para as meninas de 13 anos, as violências mais comuns são as brigas entre pessoas por levarem uma vida individualista; para os meninos, além dessas brigas, há balas pedidas, e um dos meninos e uma das meninas dizem que em sua comunidade há todos os tipos de violência citado nas alternativas.

Os meninos de 14 anos dizem ser as brigas entre as pessoas por levarem uma vida individualista a principal violência; já as meninas, além dessa violência, dizem ter em sua comunidade o abuso sexual contra crianças e vítimas de bala perdida. Meninos e meninas de 15 anos dizem ter brigas entre as pessoas por levarem uma vida individualista, assim como os meninos de 16 anos; já as meninas desse gráfico dizem haver espancamento em mulheres, abuso sexual contra crianças e vítimas de bala perdida.

Ao observar as respostas de modo geral, a mais assinalada por meninos e meninas, são as brigas entre pessoas por levarem uma vida individualista. Mas o mais preocupante é que os alunos que participaram dessa

pesquisa moram nas proximidades da escola, ou seja, essas violências assinaladas estão muito próximas de todos os alunos que participaram da pesquisa, pois todas as alternativas foram assinaladas tanto por meninos como por meninas.

No quadro de justificativas, os meninos apontaram outros tipos de violência existente em sua comunidade como, por exemplo: vítimas de conversas dos outros, brigas por embriaguez, esfaqueamento. Quatro meninas disseram não haver violência no bairro em que elas moram; já duas meninas disseram que há muitas brigas, roubos e abuso sexual contra mulheres.

Diante desses dados, seria interessante a sua divulgação, futuramente. Poderemos propor as outras instituições (igreja, prefeitura, escola municipal, etc.) um projeto voltado para interiorizar a paz nessa comunidade, para tentar amenizar essa tão monstruosa realidade.

05 – PRECONCEITO E VIOLÊNCIA

03) Qual o motivo que leva a violência em sua comunidade:

A – traição entre casais;

B – Acerto de dívidas corriqueiras;

C – Acerto de dívidas entre usuários de drogas;

D – Em crianças por não obedecer aos pais, acabam sendo espancadas sem que as autoridades saibam;

E – Por falta de um projeto social voltado a cidadania e ao respeito entre as pessoas;

F – Todas as alternativas;

G - Outra resposta;

FIGURA 41 - MASCULINO

Sexo: Masculino										
Idade em Anos:										
	13		14		15		16		Total	
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.
A	0	0,0%	3	23,1%	9	69,2%	1	7,7%	13	100,0%
B	2	11,8%	7	41,2%	6	35,3%	2	11,8%	17	100,0%
C	2	16,7%	2	16,7%	5	41,7%	3	25,0%	12	100,0%
D	0	0,0%	2	40,0%	3	60,0%	0	0,0%	5	100,0%
E	1	12,5%	2	25,0%	3	37,5%	2	25,0%	8	100,0%
F	1	50,0%	0	0,0%	1	50,0%	0	0,0%	2	100,0%
G	0	0,0%	2	50,0%	1	25,0%	1	25,0%	4	100,0%
Total	6	9,8%	18	29,5%	28	45,9%	9	14,8%	61	100,0%

FIGURA 42 - FEMININO

Sexo: Feminino										
Idade em Anos:										
	13		14		15		16		Total	
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.
A	2	33,3%	1	16,7%	3	50,0%	0	0,0%	6	100,0%
B	2	28,6%	0	0,0%	2	28,6%	3	42,9%	7	100,0%
C	4	21,1%	6	31,6%	9	47,4%	0	0,0%	19	100,0%
D	1	25,0%	1	25,0%	1	25,0%	1	25,0%	4	100,0%
E	4	44,4%	3	33,3%	2	22,2%	0	0,0%	9	100,0%
F	0		0		0		0		0	100,0%
G	1	25,0%	0	0,0%	2	50,0%	1	25,0%	4	100,0%
Total	14	28,6%	11	22,4%	19	38,8%	5	10,2%	49	100,0%

QUADRO 18 - DE ALTERNATIVAS JUSTIFICADAS

OUTRAS RESPOSTAS ASSUTNO 05 – PERGUNTA 02	SEXO - IDADE
G – Vítima das conversas dos outros; G – Por bebidas alcoólicas; G – esfaqueamento; G – Nenhuma;	Meninos - 16 anos Meninos - 15 anos Meninos - 14 anos Meninos - 13 anos
G – O bairro que moro é tranqüilo; G – Não têm; G – Muitas brigas; G – Nenhuma que eu saiba; G – O roubo é muito comum e junto a ele o abuso sexual contra mulheres; G – Não vejo;	Meninas – 16 anos Meninas – 16 anos Meninas – 15 anos Meninas – 15 anos Meninas – 13 anos Meninas – 13 anos

Discussão dos dados da questão 03 – PRECONCEITO E VIOLÊNCIA

03) Qual o motivo que leva a violência em sua comunidade:

A – traição entre casais;

B – Acerto de dívidas corriqueiras;

C – Acerto de dívidas entre usuários de drogas;

D – Em crianças por não obedecer aos pais, acabam sendo espancadas sem que as autoridades saibam;

E – Por falta de um projeto social voltado à cidadania e ao respeito entre as pessoas;

F – Todas as alternativas;

G - Outra resposta;

Respeitar o próximo é uma atitude capaz de evitar muitos dos motivos que levam alguém a praticar a violência. O excesso de liberdade, a irreverência mal

interpretada geram o desrespeito capaz de causar afrontamento e injustiças, produzindo o desejo de vingança que se transforma em violência.

Diante desse contexto, perguntamos a nossos alunos quais os motivos que levam a violência em sua comunidade?

As meninas de 13 anos dizem ser por acertos de conta entre usuários de drogas e por crianças que não obedecem aos pais e acabam sendo espancadas sem que as autoridades saibam. Os meninos dizem ser por acertos de dívidas corriqueiras e acertos de drogas. Os meninos de 14 anos, em sua maioria, afirmam ser acertos de dívidas corriqueiras, já as meninas dizem ser por acertos de dívidas entre usuários de drogas.

Para os meninos de 15 anos, a traição entre casais vem como primeiro motivo de violência na comunidade; em seguida, vem o acerto de dívidas corriqueiras e entre usuários de drogas. As meninas em sua maioria concordam se o acerto entre os usuários de drogas o principal motivo de violência no bairro em moram.

Os meninos de 16 anos dizem ser os acertos entre usuários de drogas o principal motivo de violência, em segundo dizem ser os acertos de dívidas corriqueiras, os quais as meninas colocam esse último como o principal motivo da violência em seu bairro.

Assim que verificamos as alternativas assinaladas, constatamos que, de modo geral, todas as alternativas foram assinaladas tanto por meninas como por meninos, percebe-se que respeito ao próximo está em falta nesta comunidade, tanto entre casais, como entre amigos, pais e filhos. E que a falta de um projeto social voltado à cidadania e ao respeito entre as pessoas, é algo de urgência social nesta comunidade.

O preocupante é que as meninas parecem presenciar mais violência entre os usuários de drogas do que os meninos.

No quadro de justificativas, tanto os meninos como as meninas de 15 anos não presenciam violência em seu bairro; já os meninos de 16 anos dizem ser por embriaguez, e as meninas proferem ser por motivo de um se meter na vida do outro. Os meninos de 14 anos e as meninas de 13 anos não sabem dizer os motivos, mas sabem que tudo acontece muito rápido.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo geral da pesquisa, a abordagem evidenciada nas aulas vivenciadas está longe de esgotar as discussões sobre a ética (relação de convivência entre pais e filhos, traição, sexualidade, drogas, preconceito e violência junto aos adolescentes). De todo modo, buscou-se apresentar um panorama da complexidade do tema, destacando que heterogeneidade de visões valorativas acerca da formação de caráter do sujeito torna o trabalho sobre valores éticos difícil de ser estabelecido.

No que diz respeito à formação de princípios éticos e valorativos do futuro cidadão, em sala de aula, a prática se torna um trabalho aceitável, quando partimos de conteúdos de interesse do próprio aluno.

Por mais que os documentos elaborados pelos educadores tenham o objetivo de fazer da aula um fundamento sólido de formação de caráter, haverá sempre lacuna entre a realidade existente e a intenção vivida pelo professor e aluno, já que o homem se educa no convívio de diferentes espaços sociais e não isoladamente.

Com o objetivo de identificar valores e atitudes que norteavam as ações dos alunos, em nenhum momento, foi determinado o que era certo ou errado diante dos fatos abordados. Os próprios alunos no momento de responderem aos questionários e após verificarem os gráficos, com o final do resultado de suas respostas, tiveram autonomia de análise, reflexão, construção e discussão de suas atitudes e valores em relação aos temas abordados (relação de convivência entre pais e filhos, traição, sexualidade, drogas, preconceito e violência).

Os jovens em relação à convivência entre pais e filhos, valorizaram a importância da orientação e do diálogo entre eles em seus lares, diante de qualquer situação, seja ela delicada, ou não. Para os jovens, o hábito da conversa entre pais e filhos é gerador de boas informações e, conseqüentemente, de uma boa educação e vitoriosa formação.

Quando o assunto é traição, percebe-se que a atitude moral valorizada que permanece como diretriz para maioria dos jovens, é que a infidelidade é muito

condenada e o motivo que a desencadeia é a falta de diálogo, o excesso de confiança ou a desconfiança entre os pares. Para os jovens, a traição deve ser comunicada à pessoa traída e, além do mais, é vista como uma atitude imperdoável.

Outro tema abordado e muito polêmico entre os jovens diz respeito às questões relacionadas à sexualidade que envolvem vários temas. Questões nesta área os deixam com dúvidas em relação à atitude correta a ser tomada e aos valores que norteiam essa atitude. Muitos adolescentes concordam que a falta de um projeto de vida, de um ideal e de uma orientação sexual satisfatória pode ocasionar uma gravidez indesejada e, conseqüentemente, quase sempre, um aborto. Esse fato é freqüente em nossa sociedade e muitos jovens, hoje, vivencia traumáticamente essa realidade. Mas apresentam-se conscientes da necessidade de melhorar os projetos sociais voltados à orientação das dúvidas sobre sexualidade e perspectivas de vida para os adolescentes.

A orientação sexual é reconhecida como uma necessidade. É até numa solicitação do jovem, o que pode ser constatado em suas respostas aos questionários sobre sexualidade. A falta de orientação sexual gera conseqüências, como o aborto em clínicas clandestinas. O ato sexual precoce, por motivo de curiosidade, e sem prevenção, leva os jovens a pensarem que quando a menina ingere pílula, não há necessidade do uso da camisinha. Tal atitude é preocupante, em razão de encararem o uso da camisinha mais para evitar a gravidez do que como prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis.

Quanto ao homossexualismo masculino, os meninos encaram tal situação pelo fato do homossexual não conseguir conviver com outros meninos. Já as meninas afirmaram durante os debates que hoje esta muito fácil o homem ter relação com outra mulher, mas como gostam de aventuras buscam se relacionar com o proibido, ou seja, com o mesmo sexo. No que diz respeito ao homossexualismo feminino, os meninos em debate afirmaram ser pela falta de homem no “mercado de ficar” que as meninas acabam “ficando” com as próprias meninas. Já para as meninas, o homossexualismo feminino ocorre por buscarem a liberdade sexual, ou devido a algum trauma em “ficar” aberta com meninos. Mas ambos concordam que a mídia tem influenciado muito essa atitude dos jovens.

É um modismo que tem despertado a curiosidade, tanto em meninos como em meninas. Para os jovens, a naturalidade de se ter um relacionamento entre

duas pessoas do mesmo sexo demonstrado pelos meios de comunicação é que tem despertado a curiosidade e a prática do homossexualismo entre os jovens. Mas mesmo assim os homossexuais são encarados pela maioria dos jovens com preconceito.

Quanto o relacionamento de meninas com outras meninas foi o que mais chamou a atenção, pois ao acompanharmos o caso, de uma adolescente de 15 anos que foi morar com outra do mesmo sexo, ficou evidenciada, particularmente, a ousadia e agressão de sua atitude frente sua família. A adolescente relatou em cartas e bilhetes que o seu interesse pelo mesmo sexo, começou após uma decepção amorosa com um namorado e pelo contato que pode ter com uma pessoa do mesmo sexo, dizendo ser esse o melhor relacionamento de sua vida. Em carta, a adolescente relatou que o contato com sua parceira se deu dentro de sua própria casa e que ela a conheceu através de sua própria mãe.

“A minha mãe saía para passear com ela e eu ficava até tarde da noite acordada esperando elas chegarem e quando ela começava a contar do seu relacionamento com outras mulheres, eu ficava encantada, pois a troca de carinhos parecia ser infinita. Com o passar do tempo, ela começou a me presentear e ser minha confidente, e foi aí que começaram as trocas de carícias. Quando minha família ficou sabendo, comecei a ficar escondida, faltava à aula só para me encontrar com ela. A minha mãe não conversava comigo, e meu pai era estúpido, só ela me ouvia. Hoje, moramos juntas e minha família me condena, mas mesmo assim sou muito feliz”. (J. S. 15 anos).

O que me surpreende ao conversar com a adolescente J. S é que ela diz não sentir vontade e desejo por outra mulher, somente por aquela com quem ela mora junto. “Tenho pavor de outras mulheres e de meninos, só consigo sair com ela” (J.S. 15 anos).

Percebe-se que o preconceito contra homossexuais e adolescentes grávidas, o machismo e a virgindade feminina, ainda é predominante como base de valores entre a juventude atual.

Com a modernidade, acentuou-se a liberdade sexual entre os jovens, mas a pesquisa mostrou que quando o assunto é colocado para que o aluno seja o personagem do fato, o pensamento e as atitudes a serem tomadas não são tão modernas assim, como, por exemplo, muitos dos meninos culpam as meninas por uma gravidez indesejada, além de preferirem casar-se com mulheres virgens. Essa atitude dos meninos deixou as meninas um tanto quanto surpresas. A submissão feminina diante dos homens ficou no passado, pelo menos entre esses jovens, tornando mais evidente também a liberdade sexual expressada pelas meninas (perda da virgindade, ficar com os meninos e não assumir como namoro, além de optar por ter relacionamento com meninas do mesmo sexo).

Pudemos constatar no andamento das aulas, nos questionários respondidos pelos alunos e nas conversas informais, que os jovens necessitam de diálogo e orientação, parecem estar perdidos em suas atitudes. Estão em uma fase de formação de opinião e o diálogo com os pais é de grande valia. As escolas deveriam desenvolver trabalhos direcionados à construção e discussão de valores que são imprescindíveis na formação do caráter do educando. As práticas argumentativas colocam alunos e professores em condição de oradores e ouvintes, certezas absolutas são avaliadas, incertezas são discutidas e decisões são mais refletidas, quando temos a oportunidade de dialogar com outras pessoas, seja em família seja na escola.

Para os alunos, a prostituição juvenil é consequência da falta de emprego e das dificuldades encontradas no seio familiar. Sendo assim, os jovens, em sua maioria, não demonstraram condenar a prostituição, encararam-na como uma atitude tomada em caso de extrema dificuldade financeira da pessoa que se prostituiu.

Em relação às drogas, nas questões respondidas pelos jovens, ficou evidenciado que o uso de drogas ocorre devido à curiosidade, influência de colegas e para fugir da realidade difícil. Nos debates e nas conversas informais, muitos dos jovens defenderam a ideia de que os pais deveriam ser vigilantes e companheiros de seus filhos, para vivenciarem as situações vividas por eles, para poderem orientá-los e não exporem a sua contrariedade de modo agressivo.

Nas questões relacionadas à violência os jovens dizem vivenciá-la no seu bairro, por motivo de acerto de dívidas corriqueiras e prestação de contas entre

os usuários de drogas. Por esse motivo, ainda há muitos jovens que temem entrar no mundo das drogas. Mesmo com medo do que pode acontecer, os alunos participantes dessa pesquisa, durante o debate afirmaram conhecer vários jovens que são viciados em drogas.

Durante e após a realização das atividades, foi grande o aprendizado junto aos alunos. Conhecer seu modo de pensar e agir diante das situações, possibilitou uma grande aproximação professor-aluno, capaz de mudar e rever alguns conceitos, ser mais tolerante e compreensiva durante as atividades escolares seja na sala ou na quadra.

Percebe-se a mudança de opinião e atitudes dos alunos após a realização desse trabalho, diante das diferenças. A diversidade de opiniões e jeito de ser de cada um passou a ser mais respeitado entre os alunos, menos ofensas e agressões verbais pode ser observado, até mesmo durante os jogos nas aulas de Educação Física, em que as palavras de baixo calão é mais falada.

No início desse trabalho, os alunos questionaram muito em relação a “perder aulas de Educação Física”, pois eles não têm o hábito de aula teórica nesta disciplina. Como a proposta para dar início as atividades desse trabalho era para que eles trouxessem as atividade de casa para a realização das aulas, e que ficassem à vontade quanto ao tema a ser desenvolvido, a aula tornou-se mais interessante, participaram com mais entusiasmo, e mostraram-se ansiosos com o resultado. E quando viram o produto final ficaram orgulhosos por terem feito parte da pesquisa.

A proposta após a realização dessa pesquisa, é de dar continuidade a esse trabalho desenvolvendo assuntos relacionados a valores e atitudes, junto ao corpo discente, e propor a expansão desse trabalho ao corpo docente, seja através de projetos conjunto ou por disciplina.

O que resulta da pesquisa para os professores especialmente para os que trabalham temas transversais é que as aulas necessitam de ser primeiramente com conversas informais, para conhecer a necessidade do conteúdo a ser trabalhado com o grupo. Possibilitar a participação dos alunos na elaboração desses conteúdos, na tentativa de aumentar a sua perspectiva junto ao trabalho desenvolvido pelo professor, na busca da compreensão da realidade, com o

propósito de oferecer aos alunos oportunidades de tomada de consciência, a partir da reflexão sobre o assunto abordado, sendo esse um poderoso instrumento de conscientização e de transformação da realidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, M. F. Asas do desejo. **Jornal da Unicamp**, Edição 269 - de 11 a 17 de outubro de 2004. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/outubro2004/ju269pag12.html>. Acesso em: 20 abr. 2006

ALMEIDA, M. D. **Corpo em ética**: perspectivas de uma educação Cidadã. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002.

AQUINO, J. G. **A questão ética na educação escolar**, n. 1, v. 25, jan./abr., 1999. Disponível em: < <http://www.senac.br/informativo/bts/251/boltec251a.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2005.

BARSA Enciclopédia. São Paulo: Encyclopædia Britannica, 1972. v. 11.

BERGAMO, Giuliana. Meninas que beijam meninas. Veja. Edição 1734 - 16 de janeiro de 2002, Disponível em: <http://veja.abril.uol.com.br/idade/exclusivo/160102/p_076a.html>. Acesso em: 20 maio 2006.

BICUDO, M. A. V. **Fundamentos éticos da educação**. São Paulo: Autores Associados, 1982.

BRASIL. **Constituição da República Federativa**: promulgada em 5 de outubro de 1988. São Paulo: Saraiva, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quatro ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1942.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

COLL, C. **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ESTATUTO da Criança e do Adolescente (CONDECA). São Paulo: [s.n.], 1996.

COMISSÃO DE SAÚDE DO ADOLESCENTE. **Adolescência e saúde**. São Paulo: Paris editorial / Secretaria de Estado da Saúde, 1998.

DELORS, J. **Educação um tesouro a descobrir**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

DELVAL, J. Alguns comentários sobre a educação moral. **Pátio**, v. 2, n. 5, maio/jun. 1998.

DURANT, Will. **História da filosofia**: vida e idéias dos grandes filósofos. 12.ed. São Paulo: Nacional, 1966

EBY, F. **História da educação moderna**: SEC. XVI / SEC. XX teoria, organização e prática educacionais. Porto Alegre: Globo, 1973.

FLEMING, R. **Currículo moderno**: um planejamento dinâmico das mais avançadas técnicas de ensino. Tradução: Maria Couto, Maria Eleonora Brand. Rio de Janeiro: Lidor, 1970.

LA TAILLE, Y. de. Formação ética: direitos, deveres e virtudes. **Pátio**, v. 4 n. 13 maio/jul. 2000.

LACERDA, T. G. **As bruxas de hoje**: o preconceito e a violência contra homossexuais no quadro das normas sociais e das relações de poder entre, revista eletrônica de ciências sociais, João Pessoa, UNFP. n. 06, mar. 2004. Disponível em:

<<http://www.cchla.ufpb.br/caos/06-lacerda-torres-garcia.html>>. Acesso em: 20 jul. 2006.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2000.

LONGAREZI, A. M. Educação moral e limites princípios norteadores da ação docente. **Revista Profissão docente On-line**, v. 3, n. 9, 2003.

LODI, L. H. **Ética e cidadania**: construindo valores na escola e na sociedade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria dos Direitos Humanos, 2003. v. 6

LÜDKE, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MEKSENAS, P. **Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

MENIN, M. S. Valores na escola. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 28, n. 1, 2002. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517>. Acesso em: 15 maio 2006.

MORAIS, R. **O que é Ensinar**. Campinas, SP: Papyrus, 1986.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

NOVA, V. S. **Introdução à sociologia**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

NUNES-MACEDO, Maria do Socorro Alencar e MORTIMER, Eduardo Fleury. **A**

Constituição das interações em sala de aula e o uso do livro didático: análise de uma prática de letramento no primeiro ciclo. Revista Educação, n. 25, jan./fev./mar./abr. 2004.

OLIVEIRA, R. J. Ética na escola: (re)acendendo uma polêmica. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 22, n. 76, 2001. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 13 nov. 2005.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação infantil: fundamento e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

OUTEIRAL, J. **Adolescer: estudos revisados sobre adolescência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

PERRENOUD, P. **Pedagogia diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: Artes Médica, 2000.

PIAGET, J. **Para onde vai à educação?** Tradução de Ivete Braga. 10. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1988.

PIMENTEL, M. G. **O professor em construção**. Campinas, SP: Papyrus, 1993. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

RUSS, J. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alberto A. Munõz. São Paulo: Scipione, 1994.

SACRISTAN, J. G. **O Currículo**: uma reflexão sobre a prática. Trad. Ernani F. da F. Rosa. 3. ed. Porto alegre: ArtMed, 2000.

SALVADOR, C. **Psicologia do ensino**. Trad. Cristina Maria de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SANTROCK, J. W. **Adolescência**. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

SAVATER, F. **O valor de educar**. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SAVIANI, DEMERVAL. **Educação**: do senso comum à consciência Filosófica. São Paulo: Cortez, 1994.

SILVA, M. O. S. **Refletindo a pesquisa participante no Brasil e na América Latina**. São Paulo: Cortez, 1986.

SOUZA, Herbert de - RODRIGUES, Carla. **Ética e cidadania**. São Paulo: Moderna, 1994.

SUPLICY, MARTA. **A condição da mulher**: amor, paixão, sexualidade – artigos. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

TAVARES, B. F.; BERIA, J. U.; LIMA, M. S. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 35, n. 2, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 28 jul. 2006.

TAVARES, C. S. **O ensino da ética**. Porto Velho, v.1, n. 129, jan. 2003. Disponível em: <http://professores.faccat.br/evaristo/ensino_etica.doc>. Acesso em: 15 maio 2005.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo**: educação, competitividade na sociedade moderna. São Paulo: Ática, 1998.

THIOLLENT, M. **Crítica metodológica, investigação e enquetes operária**. São Paulo: Pólis, 1985.

TOBIAS, J. A. **Filosofia da educação**. 3. ed. rev. ampl. Presidente Prudente: Ed. Oeste Paulista, 1985, 134.

TOMAZI, N. E. **Iniciação à sociologia**. São Paulo: Atual, 1996.

TORRES, G. V.; DAVIM, R. M. B.; COSTA, T. Neumann A. da. Prostitution: reasons and future perspectives in a group of young girls. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.7, n. 3, p. 9-15, July, 1999.

ZABALA, A. **Como trabalhar os conteúdos procedimentos em aula**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

_____. **A prática educativa como ensinar**. Trad. Ernani F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. 9. ed. Rio e Janeiro: Record, 1997.